

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Marina Francisco**

**COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME?**  
**Nome Social e os estigmas desse processo**

**Taubaté – SP**  
**2019**

**SIBi - Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU**

F818c Francisco, Marina

Como você quer que eu te chame: nome social e os estigmas desse processo / Marina Francisco. -- 2019.

144 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais, Letras e Serviço Social, 2019.

Orientação: Prof. Ma. Mônica Maria Nunes da Trindade  
Siqueira, Departamento de Serviço Social.

1. Identidade de gênero. 2. Transexualidade. 3. Nome Social.  
I. Título

CDD – 306.766

**Marina Francisco**

**COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME?  
Nome Social e os estigmas desse processo**

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Taubaté, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Assistente Social.

**Taubaté – SP  
2019**

**Marina Francisco**

**COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME?**  
**Nome Social e os estigmas desse processo**

Monografia apresentada para obtenção de diploma de Assistente Social no curso de graduação em Serviço Social da Universidade de Taubaté.

Data: 17/12/2019

Resultado: Aprovada

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Orientador

Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

---

Professor Examinador

Lindamar Alves Faermann

---

Profissional

Joyce Maira de Souza

*Dedico meu trabalho de graduação, para todos (as) transexuais, que sofrem ou já sofreram algum tipo de discriminação, seja ela de qualquer tipo. Dedico também com um carinho enorme aos transexuais que fizeram parte dessa construção comigo, pois sem a participação deles isso não seria possível.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado à oportunidade de chegar até onde cheguei. Por estar com saúde, para conquistar meus objetivos e realizar meus sonhos. A graduação em Serviço Social era um grande sonho, foi aos trancos e barrancos mas cheguei, fiquei firme até o fim, pois inúmeras vezes tudo conspirava para que eu desistisse. Nesses quatro de convivência com as meninas, que hoje posso chamar de amigas, do terceiro ano para cá ficamos muito unidas e assim permanecemos, cada uma com seu jeitinho, sua maneira de ser, tem uma contribuição enorme na minha vida.

Gostaria de agradecer minha grande amiga, parceira de todas as horas, minha mãe Rosa, que sempre me apoiou em tudo, nunca me deixou desistir quando tudo parecia que ia desabar sobre mim, essa mulher guerreira, batalhadora, amorosa, que sempre que eu precisei esteve ao meu lado, que torce muito por mim, te amo, agradeço também ao meu pai Marcos e meu irmão Fernando que me ajudaram na conquista desse sonho. Agradeço também a todas as pessoas que de alguma forma, sempre estiveram comigo, mesmo que de longe.

Gostaria de agradecer a uma das melhores pessoas que eu já conhecia na minha vida, que se tornou uma amigona, que sei que sempre posso contar com ela, Naty, minha baixinha mais linda, eu agradeço muito a oportunidade de poder ser sua amiga, você é uma pessoa maravilhosa, com um coração enorme que sempre me apoiou e nunca me deixou desistir em momento algum, sempre escutou meus áudios chorando, depressiva, querendo sumir e mesmo assim não me abandonou, aguentou os meus surtos, mau humor, cara feia e ainda sim, não me abandonou (risos) amiga eu só te desejo coisas boas, e que nossa amizade vá além da faculdade, amo você, obrigada por sempre estar ao meu lado.

Luminha minha perua preferida, em pensar que a primeira vez que eu te vi na sala pensei comigo, não fui com a cara dessa menina (riso), estou vendo que vou sair no tapa com ela (riso), mas foi tudo diferente, acabamos nos tornando muito amigas, uma amizade que não tem explicação, já rimos muito, choramos muito, discutimos algumas vezes por bobeira, mas nossa amizade continua a mesma,

obrigado por ter sido essa amiga que sempre me deu conselhos, me fazia rir quando eu queria chorar, que eu sempre pude contar ao longo desses anos, ela sempre fala para as pessoas não mexer com ela, não porque ela arranca dente viu (riso), amiga você merece tudo de melhor na sua vida, eu amo você e obrigada por tudo mesmo.

Ketryn ahhh! essa menina, foi fechamento comigo, uma pessoa que eu nunca pensei que fosse me aproximar tanto, a gente se entende em várias situações nas nossas vidas (risos), você é uma menina de ouro que tem um coração enorme, que faz o que pode e o que não pode para ajudar as pessoas, nas horas que eu mais precisei, mandava áudios chorando para ela, ela chorava junto comigo, depois acabávamos rindo de tudo, ela sempre tem as palavras certas para me falar nas horas que estou mais desanimada, só a gente sabe o que nós duas passamos para chegarmos até aqui. Ketryn, você é uma pessoa maravilhosa que tive a oportunidade de conviver e conhecer, nos trouxe aquela coisa linda que é a Majuzinha, uma fofura de criança, que conheci ainda no seu ventre. Gostaria de te agradecer por tudo, pelos momentos bons, ruins, risos e choro, mas tudo isso valeu a pena, não é, amiga? ,amo você e a Majuzinha.

Melzinha é um amorção de pessoa, uma menina encantadora, sonhadora, alegre, que eu pude conhecer melhor do terceiro ano para cá, uma grande amiga que vou levar no meu coração para sempre, ela mata nossa fome levando aquele bolo divino que a mãe dela faz, e ainda de pagar depois (riso). Mel eu te desejo tudo de melhor na sua vida, você é uma pessoa iluminada, que encanta todos onde passa, mesmo que você me prometeu uma caneta bonitinha e eu estou esperando até hoje, será que chega até o último dia de aula? (risos) amo você! menina risonha que ri e que sonha.

Duda o que falar de pessoa tão maravilhosa que eu posso chamar de amiga, ela é maravilhosa fecha 10/10 comigo, sempre tem uma palavra para me dizer quando não estou muito bem, a gente até brinca que nossa amizade tem uma conexão fora de sério e isso é bem verdade mesmo, quando a gente senta para conversar, as coisas fluem, os assuntos vem e assim passamos horas conversando, sobre vários assuntos. Amiga, obrigada por tudo que fez e faz por mim, você é uma pessoa sensacional, eu te desejo tudo de melhor na sua vida, ela é aquela amiga

que tem briga para sentar do lado dela, só pra ficar mexendo no cabelo dela (riso) amiga, você é uma das melhores pessoas que eu já conheci amo você.

Joelma uma pessoa maravilhosa que tem um coração enorme, que me surpreende cada dia mais, sempre que alguém precisar pode contar com ela, ela é a pessoa que fica feliz pelas conquistas das outras, está sempre sorrindo, fala pelos cotovelos (risos) muitas vezes brigamos entremós, mas depois fica tudo bem. Sempre que acontecem coisas com ela, me manda mensagem para contar, eu fico feliz por ela, dou conselhos quando ela me pergunta algo, escuto os conselhos dela para mim. Fico imensamente feliz e sempre falo isso para ela, como ela mudou como pessoa nesses anos juntas. Jo, amo você e obrigado por tudo.

A última mais não menos importante, a minha parceira, Ana que é fechamento comigo sempre, briga comigo se eu faço algo errado, briga quando não a escuto, nossa parceira é louca e a amizade das mais loucas que já tive. Parceira, obrigada por tudo, por sorrir comigo e chorar também, obrigada por sempre estar do meu lado, até mesmo quando eu estou fazendo algo errado você sempre fica do meu lado, obrigada por escutar meus áudios de mais de cinco minutos, às vezes porque eu estou muito fura com a minha vida (risos), ou porque eu estou chorando mesmo por alguma coisa, agradeço, por cada momento que passamos juntas, e por compartilhar sua vida comigo, eu sei que não sou uma pessoa fácil de lidar também, que eu sou folgada, brigona, mandona (risos) mais no fundo todas vocês sabem que eu sou um amorzinho. Nunca imaginei que fôssemos ficar tão amigas assim, ainda bem (risos) parceria você sabe que estamos junto sempre, que nossa amizade vai além daqui, e você vê se não faz a Katia cega comigo não (risos) que eu te acho palhaça (riso) amo você parceria saiba que eu estarei com você sempre te amo.

As minhas queridas professoras eu agradeço por todo aprendizado paciência e puxões de orelha, a Profª Elisa sempre nos fala meninas o que está acontecendo com vocês que estão tão dispersas? Ahhhh!! meninas lindas vamos prestar atenção aqui!! (risos). Professora Elisa, uma das melhores pessoas que já conheci, tem um coração enorme, uma pessoa excelente, prestativa que está sempre preocupada com as alunas, um amor de pessoa que tive o prazer de conviver esses

quatro anos com muito aprendizado, tem um lugar especial no meu coração obrigada Prof.<sup>a</sup>, amo você.

Prof.<sup>a</sup> Mônica ou carinhosamente Moniquinha a benção, uma mulher espetacular, que não tenho nem palavras para descreve-la, pega no meu pé de montão (risos), ela manda mensagem, não respondemos, ela liga, ela se preocupa, nos ajuda demais, não como alunas, mas como se fossemos suas filhas, ela é uma benção mesmo. Sempre me coloca para cima, quando quero desistir de algo, às vezes ela se estressa com a gente e dá uns gritos (risos), mas logo em seguida ela já volta ao normal. Prof.<sup>a</sup> Mônica é fogo na roupa, ela agita todo mundo, nos ajuda, dando conselhos, é uma pessoa sensacional, adoro quando a gente acaba de conversar e quando ela está finalizando, se é ligação ou mensagem, ela sempre fala “TamoJunto” (risos) e de fato estamos mesmo porque ela não deixa na mão, nem nos deixa desistir, amo você, benção, obrigada por tudo amo você de paixão.

Prof.<sup>a</sup>Lindamar, uma pessoa maravilhosa, com seu jeito extrovertido, engraçada, lindona com eu chamo ela, um amor de pessoa, que sempre que precisamos, ela está ali pronta para nos ajudar, no que for, pega no nosso pé, puxa nossa orelha, quando estamos desfocadas na aula(risos), uma professora que se tornou uma grande amiga, que vou levar para o resto da minha vida, obrigada por tudo que fez e faz por mim, amo você.

Prof.<sup>a</sup> Juliana uma pessoa excelente, que sempre nos incentivou, nas suas aulas, tinha toda paciência do mundo para explicar a matéria quantas vezes fosse necessária, sempre prestativa, nos ensinou a criar projetos, programas, que isso quase nos enlouqueceu (risos), mas com toda paciência, ela nos ensinou e auxiliou, obrigada Prof.<sup>a</sup>por todo ensinamento, amo você.

Prof.<sup>a</sup> Michele, uma pessoa de uma inteligência fora de sério, obrigada por todo ensinamento, puxões de orelha e paciência com a gente, obrigada pelos momentos descontraídos, de risos, de podermos compartilhar as nossas experiências, amo você.

Agradeço a todos que estiveram ao meu lado nesses quatro anos, de muito choros, sorrisos, estresses, mini surtos (risos), aqueles momentos de “Ah eu vou desistir disso aqui e vender a minha arte na praia” (risos), tudo isso que passei, valeu a pena no decorrer desse quatro anos.

Agradeço também ao meu “autocontrole” por chegar até aqui sem agredir ninguém, (riso) brincadeira.

Gratidão por tudo, que aconteceu e tem acontecido na minha vida até aqui Deus me sustentou.

*“A escuridão não pode expulsar a escuridão, apenas a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.”*

**Martin Luther King Jr. (1963)**

## RESUMO

Este projeto teve como objetivo conhecer as dificuldades encontradas pelos transexuais quanto ao descumprimento do Decreto nº 8.727/2016 que dispõe sobre o uso do Nome Social. O Nome Social é o nome pelo qual o público transexual, travestis ou qualquer outro gênero prefere ser chamado no seu cotidiano, em contraste com o nome oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero. Hoje já é possível que a identidade do Nome Social seja vinculada com a identidade civil original, conforme prevê o Decreto. Esta pesquisa tem relevância para a sociedade porque nem todas as pessoas sabem qual a importância do uso do Nome Social para os (as) transexuais e o impacto que isso tem em suas vidas. A nossa sociedade exclui e mata os (as) transexuais, negros, pobres. O Brasil é um país com mais casos de violência e assassinatos dos LGBTQ. A investigação se deu por meio da abordagem qualitativa, que trata do Nome Social no contexto das políticas sociais. O instrumental técnico utilizado foi a entrevista semiestruturada. O público alvo dessa investigação envolveu três (03) transexuais que já sofreram ou sofrem algum tipo de violação quanto ao descumprimento decreto nº 8.727/2016. As categorias que nortearam a análise dos dados coletados foram: Gênero, Transexual, Nome Social. Pretende-se abordar neste estudo o Nome Social no contexto das políticas sociais, a relação com o Serviço Social e os direitos dos (das) transexuais, pois negar isso é uma violação de direitos para quem se identifica como transexual. Usar o Nome social contribui para criação da identidade de gênero, porque o nome de registro civil não os representa, tem caráter vexatório em suas vidas. Os resultados parciais demonstraram que os (as) transexuais não procuram os serviços do Sistema Único de Saúde- SUS porque na maioria das vezes o uso do Nome Social nem sempre é respeitado. A pessoa faz a ficha, mas na hora do atendimento, é chamada pelo seu nome de registro civil, sendo que ela deu seu Nome Social, é aquele Nome que a representa. Os dados apontaram que não se tem um cuidado no momento em que fazem os questionamentos do motivo pelo qual a pessoa está passando pela consulta. Os médicos na maioria das vezes tratam um (a) transexual pelo seu sexo biológico, homem ou mulher, mas esse homem se reconhece e se vê como mulher. Conclui-se que o preconceito, transfobia, homofobia são frutos de uma sociedade conservadora que impõe os padrões a serem seguidos. Neste contexto o Serviço Social vem para garantir esse direito aos transexuais, que é negado constantemente. A negação desse direito traz impactos aos transexuais, que não se reconhecem com o nome de batismo, gerando assim desconforto, vergonha, constrangimento. Tratar do Nome Social no contexto das políticas públicas e da relação com o Serviço Social é fundamental, pois trata de direitos sociais e negá-los é uma grande violação. O nome é a nossa primeira identidade, é a forma como as pessoas se dirigem a nós.

**Palavras-Chave:** Gênero. Transexual. Nome Social.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Jornal O Lampião da Esquina.....	41
<b>Figura 2-</b> Casamento gay.....	44
<b>Figura 3-</b> Adoção por casais homoafetivos.....	45
<b>Figura- 4-</b> Mudança de Nome Civil e Nome social.....	46
<b>Figura 5-</b> Eleição de candidatos homossexuais.....	47
<b>Figura 6-</b> Cirurgia de mudança de sexo e de reprodução assistida feita pelo SUS.....	48
<b>Figura 7-</b> Presença na mídia.....	49
<b>Figura 8 -</b> Paradas do Orgulho LGBT.....	50
<b>Figura 9-</b> Sexualidade e Gênero.....	63
<b>Figura 10-</b> Identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico.....	68
<b>Figura 11-</b> Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.....	69
<b>Figura 12-</b> Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.....	70
<b>Figura 13-</b> Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.....	71
<b>Figura 14-</b> Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.....	71
<b>Figura 15-</b> ANTRA BRASIL: ANTRA realiza seu 23º Encontro Nacional de Travestis e Transexuais em Tapes/RS.....	78

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Total de pessoas assassinadas em 2016.....	52
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>APRESENTAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	26
<b>CAPÍTULO I – GÊNERO: IDENTIDADE, EXPRESSÃO E ORIENTAÇÃO: SEXUAL: COMPREENDENDO CONCEITOS</b> .....	32
1.1-Esteriótipos, preconceitos e transfobia: conhecendo o mundo LGBTQ e sua relação na sociedade.....	33
1.2-Movimento LGBTQ: contexto histórico, conquistas e desafios.....	38
1.3-Diferenciando conceitos: identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.....	65
<b>CAPÍTULO II – TRANSEXUALIDADE E NOME SOCIAL</b> .....	72
2.1- O que é Transexual?.....	73
2.2- Nome Social e o Decreto 8.727/2016: como funcionam.....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b> .....	100
<b>APÊNDICES</b> .....	102
APÊNDICE A – Roteiro de questões para a entrevista.....	103
APÊNDICE B – Sistematização dos dados da entrevista.....	104
APÊNDICE C – Entrevista na íntegra com os participantes.....	107
<b>ANEXOS</b> .....	129
ANEXO A – Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável.....	130
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do participante.....	131
ANEXO C – Parecer de aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética	133

# INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O interesse em discutir esse tema teve origem no campo de estágio realizado na Santa Casa de Misericórdia na cidade de Lorena em 2018. Quando comecei a participar do processo de integração de novos funcionários, há um momento que é apresentado o Projeto de Humanização, que foi implantado recentemente no hospital. De acordo com o site da Santa Casa de Lorena:

O Projeto de Humanização da Santa Casa de Lorena conta com o trabalho do Grupo de Humanização Hospitalar. Os integrantes são representantes de diferentes setores que têm o objetivo de empreender uma política institucional de resgate da humanização na assistência à saúde. Entre as tarefas do grupo estão: difundir os benefícios da assistência humanizada, pesquisar os pontos críticos de funcionamento da instituição, propor mudanças que possam beneficiar os usuários e profissionais de saúde e melhorar a comunicação e a integração do hospital com a comunidade. (HUMANIZAÇÃO e assistência hospitalar, 2014, p. 1).

Quando é realizada a integração com novos funcionários é exibido dois pequenos vídeos, falando sobre o direito dos (as) transexuais serem chamados pelo “nome social”. A maioria dos funcionários não fazem isso quando vão preencher a ficha de atendimento, ao lado do nome do paciente, contém um campo, onde está escrito “Nome Social”. Muitas vezes as recepcionistas não “prestam atenção” que a pessoa está travestida<sup>1</sup> por exemplo de homem, porém na identidade o nome é de mulher. Já se percebe aí que essa pessoa provavelmente faz uso de nome social, basta apenas perguntar como ela gostaria de ser chamada. É constrangedor quando a enfermeira da triagem chama o (a) paciente com o nome de mulher e levanta um homem seguindo o exemplo acima citado. Esta é uma das razões que na maioria das vezes os (as) transexuais não procuram atendimento no SUS, devido a todo esse contexto. Para os (as) transexuais esta questão é muito desrespeitosa, falta de sensibilidade e respeito da parte das outras pessoas.

---

<sup>1</sup>**Travestido:** Adjetivo que se apresenta vestido ou gosta de se vestir com roupas do sexo oposto: homem travestido de mulher; mulher travestida de homem. [Figurado] Que se disfarça para se parecer com seu oposto, substantivo masculino pessoa que tem por hábito se vestir com roupas características ao sexo oposto, etimologia (origem da palavra travestida). Part. de travestir. **Fonte:** TRAVESTIDO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/travestido>: Acesso em: 3 maio 2019.

Será discutido nesta pesquisa sobre as dificuldades encontradas pelos (as) transexuais quanto ao descumprimento por parte das instituições e sociedade do Decreto Federal que autoriza o uso do nome social.

Segundo Ferreira e Abadia (2017) o conceito de **gênero** é o que pode ser definido como o que vai identificar e diferenciar os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o feminino. Baseia-se no modo como as pessoas se identificam na sociedade, com base no papel social do gênero e no sentimento individual de identidade da pessoa. É a maneira que a pessoa se enxerga, o gênero o qual ela se identifica seja masculino ou feminino.

O conceito da **identidade de gênero** não tem relação com fatores biológicos do indivíduo, mas sim como eles se identificam gênero masculino, feminino ou ambos. Por exemplo, uma pessoa que nasceu biologicamente com o sexo masculino, mas que não se identifica com ele e se identifica com o gênero feminino passa a ser socialmente reconhecida como uma mulher. Esta pessoa é denominada transgênera, pois possui uma identidade de gênero diferente da biológica, ou seja, nasceu homem, mais se idêntica como mulher. Ressaltando que não podemos relacionar identidade de gênero com orientação sexual. **Orientação sexual** é por quem a pessoa sente atração, pelo lado que sua sexualidade é orientada. (FERREIRA; ABADIA, 2017, p. 51). De acordo com Ferreira e Abadia:

Discorrer sobre as questão de gênero é muito mais que apenas citar a existência das diversidades, mas também é uma forma de propor o respeito mútuo entre as pessoas, assim como promover a diminuição de preconceito e discriminação, bem como a visibilidade e o reconhecimento dos Direitos Humanos, de forma que a população de lésbicas, gays, bissexuais e travestis/transsexuais (LGBT) tenha condições de exercer sua cidadania plena no âmbito das relações sociais. Pois sabemos que a maioria dos conceitos sobre gênero é construída segundo crenças, valores religiosos e senso comum numa sociedade machista, patriarcal, sexista, misógina<sup>2</sup> e heterocisnormativa<sup>3</sup>, ou seja, exatamente onde se dão as relações

---

<sup>2</sup> **Misógina** - Homem que tem horror às mulheres ou às relações sexuais normais. **Fonte:** MISÓGINA. **Dicionário Informal**, 8 jul. 2008. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/misoginia/>>. Acesso em: 28 out. 2019.

<sup>3</sup>**Heterocisnormatividade:** Nome feminino, perspectiva que considera a heterossexualidade e os relacionamentos entre pessoas de sexo diferente como fundamentais e naturais dentro da sociedade, levando por vezes à marginalização de orientações sexuais diferentes da heterossexual. **Fonte:**

de poder de um gênero sobre o outro, de uma raça sobre a outra, de uma orientação sexual sobre a outra. (FERREIRA; ABADIA, 2017, p. 50).

Segundo Parker e Aggleton (2001) o estigma é sempre usado pelas pessoas para produzir e reproduzir desigualdade social, a exclusão social etc. O estigma também pode ter relação com características particulares de determinadas pessoas. Durante muito tempo a sociedade considerava os judeus, homossexuais, os negros como estigma para a sociedade, nos dias de hoje isso não mudou muita coisa. Devido a esses fatores o estigma leva a criminalização de algumas pessoas, são grupos considerados excluídos da sociedade como acontece com os (as) transexuais.

[...] o estigma representa um papel central nas relações de poder e de controle em todo os sistemas sociais. Faz com que alguns grupos sejam desvalorizados e que outros se sintam de alguma forma superior. Em última análise, portanto, estamos falando de desigualdade social. Para confrontar e entender corretamente as questões de estigmatização e da descriminalização [...] é necessário, portanto, que pensemos de maneira mais ampla sobre como alguns indivíduos e grupos vieram a se tornar socialmente excluídos, e sobre as forças que criam e reforçam a exclusão em diferentes ambientes. (PARKER; AGGLETION, 2001, p. 11-12).

A violência social segundo Pino (2007) tem um grande impacto sobre o desenvolvimento físico, social e emocional das pessoas. Violência social é qualquer tipo de violência cometida por indivíduos ou pela comunidade, com uma finalidade social. (PINO, 2007). Esses atos de violência assumem diversas formas, dependendo do país, incluindo conflitos armados, violência de gangues, agressões entre pais e filhos (por exemplo, punição corporal). A exposição a qualquer tipo de violência pode ser direta ou indireta como (por exemplo, ser vítima de uma agressão) ou indireta (por exemplo, ouvir falar sobre violência ou testemunhar violência envolvendo outras pessoas). A respeito da violência Pino diz:

Uma das maiores dificuldades no tratamento da violência, mais precisamente das ações ditas violentas, é a imprecisão dos seus contornos semânticos. Várias são as razões disso. Uma, de caráter mais psicológico, é que elas são assim denominadas, com frequência, muito mais pelo impacto emocional que produzem no

imaginário das pessoas do que por razões objetivas consistentes. Outra razão, de caráter mais filosófico, é a dificuldade de encontrar um princípio racional que explique essas ações, particularmente sob o impacto emocional dos seus efeitos. Outra, de caráter mais antropológico, é que a qualificação das ações como violentas permite desqualificar seus autores, tornando-os a expressão máxima da desumanidade, rebaixando-os, equivocadamente, ao nível da animalidade, mundo onde não há lugar para a violência por não existir nele liberdade, intencionalidade, nem consciência, todas elas características da condição humana dos homens. (PINO, 2007, p. 3.)

Tratar do Nome Social no contexto das políticas públicas e da relação com o Serviço Social é fundamental, pois trata dos direitos sociais e negá-los é uma grande violação. O nome é a nossa primeira identidade, é a forma como as pessoas se dirigem a nós.

O Nome Social é o nome pelo qual o público transexual, travestis ou qualquer outro gênero prefere ser chamado no seu cotidiano, em contraste com o nome oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero. Hoje já é possível que a identidade do Nome Social seja vinculada com a identidade civil original, conforme prevê o Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. (BRASIL, 2013)

Assim o Nome Social, é uma forma de respeito em tratar aqueles que não se identificam pelo seu nome de registro civil. O nome social é um grande progresso para o público LGBTQ- Lésbica, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, pode significar não só uma orientação sexual que seja específica ou uma identidade de gênero, mas sim como se identificar com algumas das letras da sigla “LGBTQ” e também fazer parte de todas elas. Enfim a letra “Queer” engloba todas as orientações e identidades de gênero, sem especificar como apenas uma delas. Isso tem um peso muito significativo em suas vidas podendo assim se ver como pessoas dignas, pois o nome civil não os representa de fato.(O QUE significa a sigla LGBTQ+ e quais são as outras siglas utilizadas?, 2018).

Os (as) transexuais na maioria das vezes encontram barreira, quando vão, por exemplo, passar em um atendimento médico em um SUS- Sistema Único de

Saúde, nem sempre o fato da pessoa fazer uso do Nome Social é respeitado. O usuário chega para fazer a ficha de atendimento, no RG está o seu nome de registro civil, mas só de olhar para a pessoa, percebe-se que o nome que está na identidade não a representa de fato, se um nome é de homem e a pessoa está vestida de mulher, cabe ao recepcionista perguntar como a pessoa gostaria de ser chamada, na própria ficha de atendimento tem um campo específico onde está escrito Nome Social. Nem todas as pessoas se sentem constrangidas pelo fato de serem transexuais e serem chamadas pelo nome de registro civil, mais isso é exceção.

São inúmeras dificuldades que os (as) transexuais encontram em relação ao descumprimento do Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 que dispõe sobre o uso do Nome Social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e (as) transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

O uso do Nome Social deveria ser obrigatório em todas as organizações como hospitais, serviços de saúde sejam eles de caráter público ou privado ou ainda escolas, universidades entre outras para evitar o constrangimento das pessoas que não se identificam com o nome de registro civil, aquele nome não os representa de fato. Com o uso do Nome Social os (as) transexuais se identificam como pessoas dignas e respeitadas. Apesar de sofrerem preconceito e pré-julgamentos diariamente, o Nome Social é o nome pelo qual se identificam como pessoas independentes do seu gênero.

Esta pesquisa tem relevância para a *sociedade* porque nem todas as pessoas sabem qual a importância do uso do Nome Social para os (as) transexuais e o impacto que isso tem em suas vidas. A nossa sociedade exclui e mata os (as) transexuais, negros, pobres. O Brasil é um país com mais casos de violência e assassinatos dos LGBTQ, o número de mortes é enorme conforme dados apresentados a seguir. Os (as) transexuais enfrentam uma batalha diária para se manterem vivos em uma sociedade machista, homofóbica e preconceituosa, que exclui aqueles julgados por esta sociedade como “diferentes” de outras pessoas que seguem um padrão que a sociedade impõe.

Segundo uma pesquisa do IBGE de 2016, a expectativa de vida dos transexuais é de apenas 35 anos. Isso representa menos da metade da vida do resto da população, que segundo a mesma pesquisa é de 75,5 anos. A vida dessas pessoas – mais vulneráveis – é breve como a vivida pelos brasileiros nas décadas de 1920 a 1930. Os crimes de ódio contra transexuais são marcados pela brutalidade. A situação é agravada quando se leva em conta que muitos casos não são notificados. O Brasil é o país mais violento para os transgêneros: 1.731 homicídios ocorreram entre janeiro de 2008 e dezembro de 2014. Em 2016, foram 124 transexuais ou travestis assassinados no país, de acordo com a pesquisa realizada pela OngTransgenderEurope. O caso de Dandara dos Santos é um exemplo do tamanho do problema que essa minoria enfrenta. Ela foi torturada e assassinada, no dia 15 de fevereiro de 2017, no Ceará por um grupo de homens. Na rua, em plena luz do dia. Eles gravaram as agressões e divulgaram as imagens em redes sociais. A crueldade das cenas expõe a falta de segurança que essas pessoas enfrentam. Dandara não foi a única, até maio deste ano outras 53 transexuais foram assassinadas. (CAIXA ZERO, 2017, p. 1).

Para os profissionais assistentes sociais, este estudo tem relevância para ampliar o trabalho na garantia dos direitos da população transexual, que vem aumentando cada vez mais no país, podendo assim se ter uma leitura mais clara da realidade dos (as) transexuais. Os caminhos de luta por direito e cidadania. Diversos direitos são negados aos transexuais diariamente como, por exemplo, o descumprimento do Nome Social que é a porta de entrada para que se possa garantir o pleno direito à identidade e dignidade para os (as) transexuais.

O Nome Social é uma conquista para os (as) LGBTQ, é um primeiro passo para a dignidade humana e amenizar o preconceito. Os (as) transexuais já são excluídos de diversos espaços. Isso tudo é fruto de uma sociedade machista, homofóbica e preconceituosa, que trata a transexualidade como se fosse uma doença de mental.

Para os pesquisadores esse tema é útil e interessante porque por meio dos seus estudos pode-se comprovar que o Nome Social promove a integração e a cidadania dos (as) transexuais travestis. Portanto, o Nome Social permite que eles sejam reconhecidos na sociedade.

O Nome Social para quem é transexual, além de firmar a criação da identidade de gênero da pessoa fixa cada vez mais a aceitação deste nome social e garante a dignidade aos transexuais.

As universidades também já estão fazendo uso do Nome Social dando visibilidade e respeitando os direitos dos transexuais, para que sejam tratados como iguais. O nome social também é uma forma pedagógica de chamar a atenção para a transgeneridade na universidade, motivando o debate sobre o tema e combatendo o preconceito no meio acadêmico.

Com o uso do Nome Social, ficou mais fácil dos transexuais entrarem para a vida acadêmica, agora são reconhecidos como pessoas, e não pelo nome de registro civil que não os representava. Com o uso do Nome Social os (as) transexuais se sentem felizes, assim são chamados como realmente se reconhecem. Além de serem respeitados como pessoas terão mais oportunidades de se inserirem no mercado de trabalho.

A Universidade de São Paulo- USP já vem respeitando os (as) transexuais em relação ao uso do Nome Social. Veja o que mostra o site USP Diversidade:

O nome social é definido como a adoção/ adequação do senso de identificação do sujeito referenciando o nome que o representa, evitando a exposição desnecessária do indivíduo, o constrangimento de ser tratado de uma forma que não condiz com sua condição humana, psicológica, moral, intelectual, emocional e que não o representa. Tem por objetivo o reconhecimento social e individual segundo o Art. 16 do Código Civil, toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome. Algumas entidades já regulamentaram o uso do nome social, independentemente da autorização judicial para troca de nome nos documentos civis de funcionários de órgãos públicos, tais como a Administração Pública Federal, regulado pelo Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016, que 'dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional'. (NOME SOCIAL, 2019, p. 1).

Como se pode observar com a citação acima as universidades já estão se adaptando no que diz respeito ao uso do Nome Social.

Diante do exposto espera-se com esta investigação contribuir para que os (as) transexuais tenham mais dignidade, sejam chamados pelo nome que os representa como pessoas e não pelo nome de registro civil, que possui um caráter

vexatório<sup>4</sup>, ou seja, que os (as) transexuais sejam respeitados. Com os resultados deste estudo espera-se que a sociedade possa conhecer e compreender melhor o quão importante é o Nome Social e os impactos que o descumprimento desse decreto traz para a vida dos transexuais.

O decreto vem para garantir um direito de transexuais serem chamados pelo nome que realmente os representam de forma digna e com respeito. Então, “Como você quer que eu te chame?” é o que pretende este estudo ao abordar as dificuldades encontradas pelos (as) transexuais no descumprimento do Nome Social pelo Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 por parte das instituições e sociedade quanto ao uso do Nome Social.

O objetivo geral desse trabalho foi conhecer as dificuldades encontradas pelos (as) transexuais quanto ao descumprimento Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016” por parte das instituições e sociedade quanto ao uso do nome social.

Parte-se do pressuposto que uma das maiores dificuldades encontradas pelos (as) transexuais em relação ao uso do Nome Social está vinculada com o desconhecimento sobre o Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016.

Parte-se do pressuposto que o preconceito é uma barreira encontrada pelos (as) transexuais em relação ao direito ao uso do Nome Social.

Pressupõe- que ao inferiorizar o (a) transexual como pessoa e a sociedade negar sua identidade dificultam o acesso dos (as) transexuais ao uso do Nome Social.

Os objetivos específicos da pesquisa foram: levantar as razões que dificultam os (as) transexuais a procurarem serviços médicos atendimento médico principalmente no Sistema Único de Saúde- SUS, compreender como se dá o uso do Nome Social nos espaços educacionais e conhecer como é o convívio dos (as)

---

<sup>4</sup>**Vexatório** - Que causa ou que imputa vexame a alguém. **Exemplo:** Uma situação embaraçosa, um apelido infame. **Fonte:** DICIONÁRIO Informal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

transexuais que fazem uso do nome social em suas relações sociais. Foi através desses objetivos que peguei as partes mais significativas das entrevistas.

As categorias que nortearam a análise dos dados coletados nesta investigação foram: Gênero, Transexual, Nome Social.

## **Gênero**

**O conceito de gênero** é o que vai identificar e diferenciar os homens e as mulheres, sendo assim o gênero masculino e o gênero feminino. Baseia-se no modo como as pessoas se identificam na sociedade, com base no papel social do gênero e no sentimento individual de identidade da pessoa. É a maneira que a pessoa se enxerga o gênero o qual ela se identifica seja masculino ou feminino. (CONCEITO DE GÊNERO, 2018, p.1).

O conceito da identidade de gênero não tem relação com os fatores biológicos, dos indivíduos, mas sim como eles se identificam gênero masculino, feminino ou ambos.

Discutir sobre gênero não é uma coisa fácil pelo fato de ter um papel social muito abrangente. O gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser compreendido como algo verdadeiro e não limitado, como fala nas ciências biológicas. Por exemplo, uma pessoa que nasceu biologicamente com o sexo masculino, mas não se identifica com o papel social do gênero pelo qual nasceu mas sim pelo gênero feminino, passa a ser reconhecida socialmente como uma mulher. Esta pessoa é a chamada transgênera porque possui uma identidade de gênero diferente da sua biológica. (CONCEITO DE GÊNERO, 2018, p. 1).

O foco a ser abordado é que pelo fato de falar sobre Nome Social, esta investigação vai tratar sobre transexuais, e não tem como discutir sobre isso sem trazer o conceito de gênero.

**Transexual** É aquela pessoa que se sente mal, que não se identifica com o sexo biológico, ou seja, o sexo o qual nasceu. Refere-se à condição do indivíduo

que tem uma identidade de gênero diferente daquela do seu nascimento, tendo como, por exemplo, uma pessoa que tenha nascido homem, mas deseja ser aceito e viver como mulher, pois é assim que ela se reconhece como ser humano. (TRANSEXUAL, travesti dragqueen, qual é a diferença? que T é esse? 2018, p. 1).

Os transexuais na maioria das vezes se submetem a tratamentos hormonais ou casos mais extremos ocorrem a procedimentos cirúrgicos para adquirir as características biológicas ou físicas do sexo ao qual se identificam que não é aquela do seu nascimento. (TRANSEXUAL, travesti dragqueen, qual é a diferença? que T é esse? 2018, p. 1).

O que define o transexual, por exemplo, é que seu corpo é de um sexo e o cérebro é de outro. O foco aqui abordado é que não têm como falar de Nome Social sem falar dos (as) transexuais, eles são os participantes dessa pesquisa, são as pessoas que fazem uso do Nome Social.

### **Nome Social**

É um decreto nº 8.727/2016 que dispõe sobre o uso do Nome Social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. É o nome pelo qual os (as) transexuais se reconhecem como pessoas, o nome de registro civil não os representa de fato por isso fazem uso do Nome Social. É como o (a) transexual se vê, com um pouco mais de dignidade, para as pessoas que se identifica como transexual. Isso é o que vai dar o suporte na criação da identidade de gênero dos transexuais, o Nome Social é o nome pelo qual o público transexual, travestis ou qualquer outro gênero prefere ser chamado no seu cotidiano, em contraste com o nome oficialmente registrado em sua certidão de nascimento, que não reflete sua identidade de gênero. Muitas vezes os (as) transexuais se sentem desconfortáveis quando são chamados pelo nome de registro civil, isso tem um caráter vexatório para eles, (as) pelo fato de não se enxergarem com aquele nome.

O foco abordado aqui vai ser o descumprimento do Decreto que dispõe do uso do nome social, pelo fato de muitos locais não cumprirem a lei.



## **APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

## APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Essa pesquisa foi desenvolvida, e foi estruturada em dois capítulos. No primeiro capítulo foi abordado, a temática de gênero identidade, expressão e orientação sexual: Compreendendo conceitos. Abordo aqui tudo sobre transfobia estrutural, porque a dificuldade das pessoas em lidar com esse assunto de exclusão e preconceito, as políticas sociais para os LGBTQs e a diferenciação dos conceitos sobre gênero.

No segundo capítulo vai ser abordado a temática Transexualidade, Nome Social, o Decreto de Lei que dispõe do uso do Nome Social e seus conceitos, cirurgia, mudança de nome, legislação para mudança de nome, documentos necessários, todos os transmite por trás desse processo.

### Cenário de estudo

A cidade de Lorena foi o cenário da pesquisa uma vez que a pesquisadora reside na cidade, facilitando assim o acesso aos participantes. Segundo dados do IBGE do ano de 2010 o município de Lorena possui uma população estimada de 88.276 habitantes e o Índice de Desenvolvimento Humano<sup>5</sup>é de 0, 766. (INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Os participantes da pesquisa formam munícipes e não possuem nenhum vínculo com alguma instituição da cidade, assim não necessitará do Termo de Consentimento Institucional.

---

<sup>5</sup>**Índice de Desenvolvimento Humano**– IDH – É uma unidade de medida utilizada para aferir o grau de desenvolvimento de uma determinada sociedade nos quesitos de educação, saúde e renda. (...) O IDH é uma referência numérica que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de zero, menor é o indicador para os quesitos de saúde, educação e renda. Quanto mais próximo de 1, melhores são as condições para esses quesitos. (...) O índice de desenvolvimento humano (IDH) possui como elementos norteadores os indicadores de saúde (expectativa de vida), educação (anos de escolaridade) e renda (renda per capita). **Fonte:** MOTA, Hugo. "O que é IDH?"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-idh.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

## **População Alvo**

A população alvo foram três (3) transexuais que já sofreram ou sofrem algum tipo de violação quanto ao descumprimento do Decreto nº 8.727/2016. Serão com transexuais que fazem uso do Nome Social.

## **Coleta de dados**

O tipo de pesquisa escolhido para realizar esta investigação foi à abordagem qualitativa, vai tratar do Nome Social no contexto das políticas sociais, a relação com o Serviço Social e os direitos dos (as) transexuais, pois negar isso é uma violação de direitos para as pessoas que se identifica como transexual. Isso é o que vai de ajudar na criação da identidade de gênero, porque o nome de registro civil não os representa, tem caráter vexatório em suas vidas.

Vai tratar diretamente dos direitos sociais, porque o nome é a nossa primeira identidade, é a forma como as pessoas vão se dirigir a nós. O Nome Social é o nome pelo qual os (as) transexuais, travestis ou qualquer outro gênero preferem ser chamados cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero. (FERREIRA; ABADIA, 2017). Hoje já é possível que a identidade do nome social seja vinculada com a identidade civil original. Em relação à abordagem qualitativa Minayo diz que:

Quanto à abordagem qualitativa é possível afirmar que pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22).

‘A pesquisa foi através da abordagem qualitativa que é um método de investigação científica que vai focar diretamente no caráter subjetivo do objeto que vai ser analisado, estudando assim suas particularidades e experiências do sujeito da pesquisa’. (MINAYO, 2001, p. 22)

Na pesquisa qualitativa as pessoas que foram entrevistadas estavam mais livres para falar sobre seus pontos de vistas em relação ao objeto de estudo, as respostas não foram objetivas e não se tinha como propósito contabilizar quantidade como resultado, mais sim compreender com clareza o comportamento do público alvo a ser pesquisado. (MINAYO, 2001, p. 23).

A entrevista semi-estruturada é uma entrevista que aproxima-se mais de uma conversação, um diálogo, que vai ser focado em um determinado assunto, diferente de uma entrevista formal. Baseia-se em um guia de entrevista que pode ser adaptável e não rígido ou pré-determinado. (TRIVINOS, 1987, p. 146)

A entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor (qual autor?), afirmando que a entrevista semiestruturada '[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]' além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (MANZINI, 2003 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

“A grande vantagem de usar essa técnica é a sua flexibilidade e a possibilidade de adaptação rápida, a entrevista pode ser ajustada conforme o entrevistado quer ou às circunstâncias conforme o decorrer da entrevista.” (TRIVINOS, 1987, p. 152)

Neste trabalho foi utilizada a amostra não probabilística do tipo intencional, os (as) entrevistados serão transexuais que irão relatar suas experiências. Para Lima Junior “Amostragem Não-Probabilística: São amostragens em que há uma escolha deliberada dos elementos da amostra. Depende dos critérios e julgamento do pesquisador.” (LIMA JUNIOR, 2019, p. 7).

O método escolhido é o mais utilizado em pesquisas relacionadas ao Serviço Social, é o que se relaciona melhor ao tema. A busca em adquirir mais conhecimento da realidade e experiências vividas pelos transexuais instiga a reflexão de que o descumprimento do decreto nº 8.727/2016 traz uma exposição

desnecessária pelo constrangimento de ser tratado de uma forma que não os representa de fato.

A coleta de dados será de acordo com tempo e a disponibilidade da pesquisadora para realizar o estudo sobre o tema previsto no cronograma e analisar os dados coletados. O critério de escolha dos entrevistados serão com três (03) transexuais que fazem uso do Nome Social, sendo dois (02) da rede de relacionamento da pesquisadora e um (01) indicado pela assistente social, supervisora de campo da respectiva pesquisadora.

As entrevistas serão gravadas em um aparelho celular e serão mantidas em sigilo por um período de cinco (5) anos conforme os critérios estabelecidos pelo Conselho da Ética em Pesquisa com Seres Humanos resolução n.º 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Em relação a coleta de dados, será assegurado o caráter de anonimato aos participantes desta pesquisa e suas identidades protegidas.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Será assegurado aos participantes desta pesquisa que receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Termo de Consentimento Institucional não será preciso apresentar nesta investigação, pois os participantes nenhuma Instituição.

No dia das entrevistas, foi agendado com dois participantes, no local de estágio do pesquisador onde fiz a entrevista em uma sala de atendimento para que eles (as) se sentissem mais confortáveis em relatar suas experiências de vida, apenas uma entrevista foi na residência, porque ele teve uma intercorrência e não pode ir até lá. As entrevistas foram marcadas por celular, através de mensagens. Expliquei como e o que seria e todos (as) aceitaram, marquei a data de todos no mesmo dia para facilitar para eles (as) pelo fato de terem outros compromissos.

Na primeira entrevista houve várias interrupções, pois os irmãos da entrevistada estão todos lá e entram no meio, respondiam juntos, davam risadas, e falavam comigo a todo o momento, mais isso foi muito bem também, pois não atrapalhou, tinha um sobrinho da entrevistada que ficou junto com a gente conversando. Na segunda entrevista não houve nenhuma interrupção, correu tudo dentro dos conformes. Na terceira e última entrevista, houve apenas duas interrupções, uma hora que uma criança abriu a porta, e o telefone tocou, mas isso não atrapalhou a entrevista.

Os riscos “são mínimos para os participantes envolvidos. Na realização da Entrevista Semiestruturada com os (as) transexuais, os riscos que poderão ocorrer seriam desconfortos emocionais ao lembrarem de situações traumáticas vivenciadas por eles.” Entretanto para evitar que ocorram danos “serão explicitados aos participantes antes do início da entrevista, os procedimentos éticos previstos para pesquisa com seres humanos sigilo, anonimato, desistência em responder as questões ou participar da pesquisa a qualquer momento sem retaliação ou constrangimento além de criar um clima acolhedor, sem pressão para responder as questões ou a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento”. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Foram denominados os participantes pelos seus próprios nomes, eles (as) autorizaram a colocar seus nomes, então não foi utilizado nome fictício.

Realizei a análise dos dados através, das partes que chamaram mais a atenção nos depoimentos dos (as) entrevistados. As categorias que nortearam a análise dos dados foi Gênero, Transexual, Nome Social.

**CAPÍTULO I**  
**GÊNERO: IDENTIDADE, EXPRESSÃO E ORIENTAÇÃO**  
**SEXUAL: COMPREENDENDO CONCEITOS.**

## **CAPÍTULO I**

### **GÊNERO: IDENTIDADE, EXPRESSÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: COMPREENDENDO CONCEITOS**

Nesse capítulo teve como foco, os preconceitos, estereótipos, um pouco sobre o mundo LGBTQ, e a qual a relação com a sociedade, porque esse estranhamento todo com os (as) transexuais. Qual o tipo de sociedade estávamos vivemos, que prevalece esse conservadorismo, que exclui as pessoas.

#### **1.1- Esteriótipos, preconceitos e transfobia: conhecendo o mundo LGBTQ e sua relação na sociedade.**

Vivemos em uma sociedade que cada dia que passa as pessoas vão respirando e tomando coragem para poder expressar seus gostos, suas opiniões, e principalmente se apossando de coragem para poder assumir sua sexualidade. A sociedade é constituída de padrões que já são impostos para todos nós assim que estamos no ventre materno. Geralmente as pessoas que não se “encaixam” nesse padrão imposto sofrem algum tipo de preconceito, as pessoas se espantam com o que elas julgam ser diferente daquilo que foi imposto para seguir. E isso vai nos trazer sérios problemas para conviver nessa sociedade, que está cada dia mais adoecida e preconceituosa, as pessoas não saem da sua zona de conforto, estão sempre ali julgando e desmerecendo os outros que não seguem ou não se adequam os padrões. Uma sociedade que é homofóbica, transfóbica, racista, machista, mas apesar disso já tivemos alguns avanços nos últimos anos, como o uso do Nome Social nesse contexto de exclusão diária que os (as) transexuais sentem na pele no seu dia a dia.

Não dando ênfase nesse assunto das mídias, mais algumas novelas têm contribuído para isso, sempre mostrando as diversidades entres as pessoas e as relações, que não há só apenas os casais nucleares, mais que existem diversos tipos de casais, os homossexuais, os bissexuais, casais de lésbicas e assim, como todas as diferenças vão se formando. As pessoas ainda sim tem um estranhamento com os casais que não sejam compostos por uma mulher e um homem, mas que

impôs esse padrão é a sociedade que prega a lógica da família nuclear burguesa. A sociedade não reconhece que ser transexual, travesti ou de qualquer outro gênero, não é uma opção sexual, ninguém escolhe isso, e muito menos deve se tratar como doença ou crime e sim como a orientação sexual das pessoas, que todos nós, seres humanos somos iguais independente de raça, cor, credo e orientação sexual.

Você já se pegou imaginando que vive em uma sociedade que não faz parte de você? Não tem características suas não permite que você respire com naturalidade e leveza, e tenta sempre mudar os diferentes de algum jeito, tentando transformar seu cabelo, suas roupas, suas falas, seus valores e características peculiares. É muitos se sentem assim. Infelizmente vivemos em uma sociedade que o certo, correto, aceitável e bonito é ser branco, ter cabelos lisos, ser heterossexual e ter dinheiro para consumir (as pessoas gostam de viver modelos pré-existentes e fazer deles verdades absolutas). Essas características são muitas vezes repetidas em nossos discursos e fazem parte da formação do caráter de muitas pessoas. (MEDEIROS, 2011, p.1).

O nosso país é um país de território continental conhecido pelas belas paisagens que tem uma natureza, que se expressa de diversas formas. Sendo assim um país de extrema diversidade, principalmente quando se trata de pessoas, pois cada um tem suas religiões, suas crenças, culturas. E porque esse espanto quando se trata de um (a) transexual, o porquê isso choca tanto as pessoas e a sociedade porque elas não se enquadram nos “padrões” impostos, vivemos em um país com tantas diferenças, porque a sexualidade das pessoas choca tanto assim onde está tolerância, a empatia, o amor ao próximo.

A sociedade é completamente diversificada, são várias etnias, pessoas com deficiência, transexuais, transgêneros, grupos LGBTQ, homens e mulheres etc. Com isso, não é possível e não se pode fechar os olhos para essa diversidade de pessoas. É preciso aceitar as pessoas como elas são, sem pré-julgamentos.

Na nossa sociedade o preconceito tem dominado a maior parte das pessoas, levando ao extremo o conservadorismo, se fechando para tudo que seja novo. Existem vários casos onde o preconceito é estampado e em outro mais oculto, mas mesmo oculto, ele está ali, às vezes em um “olhar torto” porque entrou uma pessoa

transexual em algum estabelecimento, o preconceito é um estigma da sociedade, já está enraizado na sociedade.

Existem diversas formas de lutar contra esse preconceito que algumas pessoas fazem questão de mostrar que tem, agindo de forma desrespeitosa com o outro, pelo fato de achar que o outro é estranho. As pessoas se sentem constrangidas e ofendidas com esse ato que discriminação que fere, que traz situações constrangedoras para a vida delas, que muitas vezes tem um impacto enorme com a transfobia que os transexuais sofrem diariamente na sociedade.

Assim como as atitudes em geral, o preconceito tem três componentes: crenças; sentimentos e tendências comportamentais. Crenças preconceituosas são sempre estereótipos negativos. Todas as nossas atitudes podem ter três componentes, envolvidos que são: as nossas crenças, os sentimentos e o comportamento das pessoas, as pessoas preconceituosas ficam querendo impor ou criar estereótipos para as pessoas se encaixarem. O preconceito também tem muito a ver com a personalidade das pessoas, a falta de tolerância para com o outro. (SOUZA, 2018, p. 1).

Para Adorno (1950 apud SOUZA, 2018, p. 1), a fonte do preconceito é uma personalidade autoritária ou intolerante. Pessoas autoritárias tendem a ser rigidamente convencionais. Partidárias do seguimento às normas e do respeito à tradição, são hostis com aqueles que desafiam as regras sociais. Respeitam a autoridade e submetem-se a ela, bem como se preocupam com o poder da resistência. Ao olhar para o mundo através de uma lente de categorias rígidas, não acreditam na natureza humana, temendo e rejeitando todos os grupos sociais aos quais não pertencem, assim como suspeitam deles. O preconceito é uma manifestação de sua desconfiança e suspeita.

A nossa sociedade está tratando como se fosse “normal”, a forma como os transexuais são discriminados em vários lugares, e em diversas situações, as pessoas não percebem que hoje, não só as famílias nucleares, existem diversos tipos de famílias independente da sexualidade delas. A sociedade precisa enxergar e dar visibilidade para qualquer que seja a orientação sexual da pessoa, porque isso

interfere na vida delas, o fato de não ser aquele “padrão” que a sociedade exige já a exclui de várias coisas.

O preconceito vem lá desde os primórdios da sociedade e as pessoas se limitaram muito a isso, não olham para frente, para o novo. O preconceito é o uma prática bem comum nos dias atuais que se tornou um dos maiores causadores de uma série de outros problemas, e não é apenas um problema social, traz com ele como, por exemplo, distúrbios, transtornos, depressão e nos casos mais graves podendo levar até ao suicídio. O índice de suicídio tem crescido demais nesses últimos tempos segundo dados:

Adolescentes e jovens negros têm maior chance de cometer suicídio no Brasil, de acordo com dados do Ministério da Saúde. O risco na faixa etária de 10 a 29 anos foi 45% maior entre jovens que se declaram pretos e pardos do que entre brancos no ano de 2016. A diferença é ainda mais relevante entre os jovens e adolescentes negros do sexo masculino: a chance de suicídio é 50% maior neste grupo do que entre brancos na mesma faixa etária. (ÍNDICE de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos, 2019, p .1).

O preconceito em relação à orientação sexual vem através de um julgamento já pré-concebido nas relações entre as pessoas como a comunidade LGBTQ. Esse preconceito é chamado de homofobia no caso dos Gays e transfobia quando são transexuais. O sentimento de repulsa e aversão das pessoas e da sociedade contra o outro é uma enorme e explícita forma de preconceito nas relações sociais, que gera consequências como a intolerância e violência contra os homossexuais. Os crimes motivados pelo preconceito de orientação sexual são considerados uma enorme violação, um grande desrespeito aos direitos humanos.

A intolerância das pessoas com o próximo também é um sério agravante do preconceito, é uma situação onde há falta de compreensão ou a aceitação em relação a algo ou alguém. Uma pessoa intolerante tem um comportamento sempre de repulsa com aquilo que ela não acha certo e não tolera de forma nenhuma, tratando aquilo com repugnância e muitas vezes com muito ódio por aquilo ser diferente do que ela “acha certo”. Falando do ponto de vista social as pessoas que são intolerantes não conseguem aceitar diferentes pontos de vista, somente aquilo

que ela acredita que permanece, seja sobre ideias, cultura, relações, isso porque não compreendem a diversidade no qual o mundo é composto e formado. (SOUZA, 2018, p. 1).

No preconceito de gênero, as pessoas tentam diminuir a outra porque acreditam que ela tem que ser do jeito que ela nasceu, ou seja nasceu homem tem que ser homem e vice e versa. Pensam que os trans possuem valores e capacidade menores do que as outras pessoas. Também tem o ódio e aversão em relação às mulheres, refere-se às mulheres serem menos que os homens, ganhar menos e ter cargos inferiores isso se chama misoginia. (BENTO, 2006, p. 10).

A sociedade e as pessoas estão se tornando cada vez mais individualistas, pensam apenas em si mesmo, não tem empatia, afeto, amor, igualdade pela pessoa. Quando a dor, o sofrimento a tristeza do outro não te comove tem algo errado.

A pessoa individualista é aquela pessoa favorável ao individualismo, o individualista só pensa em ação que seja independente, que não precise depender de ninguém para aquilo que ele precisa fazer. Como tendência filosófica, o individualismo defende a supremacia dos direitos individuais face aos direitos da sociedade e à autoridade do Estado.

O individualismo, por conseguinte, pode considerar-se como uma posição filosófica, moral ou política. Os individualistas procuram satisfazer os seus próprios objetivos com auto-suficiência e independência, opondo-se às intervenções externas nas suas opções pessoais. Por isso, estão contra a autoridade das instituições sobre a sua liberdade individual. O indivíduo é o centro do individualismo, à semelhança do que acontece noutras doutrinas como o liberalismo ou o anarquismo. Pode traduzir-se numa ética da libertação e na auto realização, mas também no egoísmo e na falta de solidariedade. (CONCEITO de individualista, 2019, p 1).

Quando a pessoa é individualista ela não pensa nos outros, apenas em si, não está preocupada para o que as outras pessoas que estão ao seu redor pensam ou sentem. O individualista tem esse conceito que é contrário ao coletivo, no qual substancia a propriedade tendo como conceito o contexto, que seria o conceito do “nós”, mas sobre tudo o “eu” A pessoa que é considerada individualista, não é vista

como alguém de bem, porque pensa apenas em si mesma e não tem interesse nas pessoas que vivem ao seu redor.(CONCEITO de individualista, 2019, p 1.).

A sociedade quase sempre no caso dos transexuais é individualista não pensa no sofrimento, constrangimento, que a falta de respeito traz para a vida das pessoas. O que fica na sociedade é o preconceito contra aquilo que é diferente dos padrões impostos. Na vida dos LGBTQ isso tem um impacto enorme que se alastra a cada dia que passa, com a negação dos seus direitos como cidadãos.

Segundo o filósofo Sartre (1970), há um espaço para a existência do individualismo nos mais variados tipos de ambientes, sejam na política, na economia ou mesmo na educação. E tal espaço pode ser grande ou pequeno, porém servirá para ser praticada a liberdade do indivíduo. E isso é o que fará com as pessoas, através de suas escolhas, se distingam.

As pessoas individualistas estão em todos os lugares, podemos defini-las como alguém que tem a capacidade de exercer a própria individualidade, para se liberar de toda obrigação de ser uma pessoa solidária, para pensar exclusivamente em si e nas suas particularidades individuais como, por exemplo: eu, meu, por mim, minha escolha, somente o meu querer ,somente o que vai me beneficiar.(SARTRE, 1970, p. 1)

## **1.2- Movimento LGBTQ: contexto histórico, conquistas e desafios.**

A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é nos dias de hoje uma das maiores celebrações da diversidade do mundo, milhares de pessoas reunidas na avenida Paulista, todos os anos em um mega evento que é cheio de alegria, amor, diversidade, empatia etc.

A parada começou em um movimento pequeno no Brasil na década de 1970 com pequenas publicações alternativas, teve uma grande reviravolta na sua organização na década de 1980 em resposta à crise da AIDS, com isso ganhou

mais visibilidade na década de 1990, teve como respostas a conquista de alguns direitos para os LGBT. (MOURA, 2017, p. 1).

As grandes lutas dos LGBT trouxeram direitos, mas só se efetivaram a partir do poder judiciário ou executivo, e não de legislações propostas e aprovadas pelo Congresso, isso tudo porque vivemos em um país conservador, preconceituoso.

A origem do movimento LGBT no Brasil foi o movimento para trabalhar e reivindicar os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, em pleno auge da ditadura militar (1964-1985), foi nesse contexto de guerra, de tortura e massacre aos direitos sociais que as publicações homossexuais estavam circulando, em boates nas quais os transexuais, travestis e gays ficavam localizadas nos chamados guetos da cidade. Segundo Alice (2017) que é uma militante, se faziam panfletagem nas ruas para montar a pauta de suas reivindicações e apoio para a causa.

O Lâmpião foi o primeiro jornal que teve como temática o homossexualismo, que foi fundado em 1978.

**Figura 1 – (Jornal- O LÂMPIÃO DA ESQUINA)**

 **LÂMPIÃO**  
 Ano 1 — Nº 4 — 25 de agosto a 25 de setembro de 1978 — Cd 15,00 • Leitura para maiores de 18 anos da esquina

# TRAVESTIS!

(Quem atira a primeira pedra?)

## CLODOVIL HERNANDEZ





ou: quem  
deve dormir  
sobre os  
nossos lençóis  
de linho



**CONFISSÕES DE UM OBJETO SEXUAL**

■ LEMBRANÇAS DE CARMEM MIRANDA

UMA PASSEATA ■ APRENDA O VERBO: É TRAVOLTEAR CONHEÇA  
 EM SAN FRANCISCO: ■ DEU A LOUCA NA EMILINHA CAVAFI,  
 240 MIL GUEIS ■ NEGROS PROTESTAM EM SÃO PAULO O POETA GREGO

**Fonte:** Imagem nexojornal. O Lâmpião da Esquina. AGOSTO DE 1978 DE 'O LÂMPIÃO DA ESQUINA: Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajetoria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>>.

O Lampião da Esquina foi o primeiro jornal que teve com temática o homossexualismo, e teve uma repercussão enorme, que deu um pouco de visibilidade aos transexuais.

O LAMPIÃO DA ESQUINA' O primeiro jornal de temática homossexual com grandes tiragens e circulação nacional foi "O Lampião da Esquina", fundado em 1978 como parte da imprensa alternativa da época. Ela se beneficiava do abrandamento da censura imposta pelo regime militar. A ideia da publicação era "dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele", conforme afirmava o editorial da primeira edição do veículo. O "Lampião" que fazia oposição à ditadura e servia para denunciar abusos contra LGBTs, como a prisão arbitrária de lésbicas devido a sua orientação sexual em 1980, em São Paulo, no que foi apelidado de "Operação Sapatão" - algo que continuou a ocorrer com transexuais e travestis após a redemocratização. A cobertura do veículo incluía outras causas sociais, como a questão indígena. Ele era também uma resposta à parte da esquerda que associava os gays à "decadência burguesa" e via o movimento homossexual como "um desvio da luta principal", que era "o fim do capitalismo". "Era uma ideia de revolução com luta armada, de um homem muito masculino, que pega em armas", afirma a ativista transfeminista e escritora Helena Vieira, em entrevista ao Nexa. (VIEIRA apud CABETTE, 2017, p 1).

Em 1979, um ano após sua primeira publicação o Jornal "O Lampião da Esquina" deu espaço também para que se pudessem ter participantes lésbicas que escreveram o seguinte "Não somos anormais".

"CHANACOMCHANA"

Em 1981, elas criam um novo jornal, depois transformado em boletim: "Chanacomchana", vendido no Ferro's Bar, frequentado por lésbicas no centro de São Paulo. Sua venda não era aprovada pelos donos, e as militantes chegam a ser expulsas. No dia 19 de agosto de 1983, participantes do Galf (Grupo Ação Lésbica-Feminista, fundado em 1981), com apoio de outras feministas e de gays, driblam o porteiro do Ferro's, fazem um ato político e conseguem reverter a proibição. O evento repercutiu nacionalmente e é frequentemente comparado à Revolta de Stonewall, de 1969, em que LGBTs revidaram a uma ação policial no bar Stonewall Inn, em Nova York. Décadas depois, militantes propuseram a comemoração do 19 de agosto como Dia do Orgulho Lésbico, reconhecido no Estado de São Paulo pela Assembleia Legislativa. (CABETTE, 2017, p. 1).

Com o passar do tempo, cada uma das identidades que eram as siglas do movimento LGBT criou sua própria voz política, que juntas formaram a "sopa de

letrinhas” do movimento LGBT, eram compostas pelas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, nos dias atuais já existem outras diversas siglas.

Foi um jornal de grande repercussão nos anos de 1979 a 1981, o Jornal o “O Lâmpião” que deu bastante visibilidade para o movimento LGBT, no meio do golpe da ditadura militar. O Jornal parou de ser publicado em meados do ano de 1981 mesmo ano que foi criado um espaço para os (as) homossexuais (CABETTE, 2017, p, 1).

A Parada do Orgulho LGBT teve sua criação para assim poder dar, mais espaços, visibilidade e também direitos aos LGBT, de início houve apenas uma marcha que aconteceu na praia de Copacabana, em torno de 500 pessoas, já no ano seguinte esse número aumentou para umas 1000 pessoas que ficaram reunidas na Praça Roosevelt em São Paulo, foi um dia de luta em muito protesto a favor dos LGBTs, assim a parada foi crescendo e tendo uma repercussão enorme.

Nas duas décadas que nos separam da primeira edição do evento, a popularização da internet, das redes sociais e o fortalecimento de associações de ativismo ajudou a tirar várias bandeiras do movimento LGBT do papel. Em 2005, foi feita a primeira adoção por um casal homossexual no país, em Catanduva, no interior de São Paulo; e, em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união homoafetiva como uma entidade familiar – ou seja, reconheceu o casamento de indivíduos do mesmo sexo. Contudo, essas decisões ainda não foram transformadas em leis que garantam, efetivamente, os direitos adquiridos. (MOURA, 2017, p. 1).

O que deu força e mais visibilidade para o Movimento LGBT foi à popularidade que o evento ganhou com as divulgações que eram feitas, via páginas na internet, nas redes sociais, as pessoas socializavam a informação, divulgando e dando cada vez mais força para o evento.

Podem-se ver quais as sete importantes vitórias conquistadas pelos LGBT brasileiros nos últimos vinte anos:

#### **a) Casamento gay**

Em maio de 2011 o Supremo Tribunal Federal, aceitou e entendeu que as relações homoafetivas também são entidades familiares, com isso em junho desse mesmo ano se teve o primeiro casamento no civil, entre pessoas que são do mesmo sexo, do Brasil. O casamento ocorreu na cidade de Jacareí no interior de São Paulo. Após se passarem dois anos, o Conselho Nacional de Justiça-CNJ instaurou uma Resolução que foi a Resolução 175, ordenando que todos os cartórios Brasileiros passassem a realizar os casamentos homoafetivos, eles não poderiam deixar de realizar nenhum casamento. (MOURA, 2017, p 1) Segundo dados do IBGE.

Segundo a pesquisa Estatística do Registro Civil, entre 2013 e 2016, 19,5 mil casais registraram o “sim” em cartório, aproximadamente cinco mil por ano. Os casamentos homoafetivos representam cerca de 0,5% do total anual de uniões do país (IBGE). (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013- 2016 p. 1).

Segundo dados do IBGE ( 2013-2016) teve-se um aumento de casamentos homoafetivos, bem significativos por ano o numero tem crescido cada vez mais, os casais homoafetivos estão, chegando no tão esperado ‘Sim’.

### **Figura 2 – Primeiro casal gay a obter a certidão de casamento civil no Brasil**



**Fonte:** Casamento gay: o comerciante Luiz André, de 37 anos, e o cabeleireiro José Sérgio, de 29 anos, ambos de terno preto, são o primeiro casal gay a obter a certidão de casamento civil no Brasil (Nilton Fukuda/Estadão Conteúdo).

### **b) Adoção por casais homoafetivos**

O primeiro casal de homossexuais a adotar uma criança aconteceu no Brasil no ano de 2005. Um ano após a adoção, a criança teve o nome do casal em seu registro, passados três anos o Conselho Nacional de Justiça – CNJ acabou mudando na certidão de nascimento da criança, onde vinha escrito pai/mãe para “filiação” com isso facilitando o registro de crianças quando são adotados por casais homoafetivos, com isso não traz constrangimentos. (MOURA, 2017, p. 1)

**Figura 3- Adoção por casais homoafetivos**



**Fonte:** Adriana Tito Maciel (à esq.), e Munira Khalil El Ourra, posam para foto com o casal de gêmeos Eduardo Khalil Tito e Ana Luiza Khalil Tito, de 1 ano e 8 meses, em Carapicuíba (SP) (Alessandro Shinoda/Folhapress).

### **c)-Mudança de Nome Civil e Nome social**

Antigamente só era possível fazer alteração do Nome Civil no registro de nascimento, mas em relação ao gênero só podia trocar no registro, se fizer mudança cirúrgica. A procura dos transexuais e travestis para a alteração de nome nos

documentos públicos sem fazer o procedimento cirúrgico é uma procura muito antiga do movimento LGBT.

Agora já é possível alterar o nome e o gênero sem fazer a cirurgia em maio de 2017. O Superior Tribunal de Justiça - STJ chegou à decisão que um transexual pode sim mudar o sexo registrado na identidade civil, sem ter passado pela cirurgia transexualizadora. O Nome Social já é usado desde 2016, mesmo que ainda não seja oficialmente, pois a pessoa pode usar o nome no qual ela se identifica, se ela trabalha em empresa ou algum outro lugar que precise usar crachá, identificações em mesas, salas etc., ela vai até o RH e pede para colocar o Nome Social. Também já é permitido o uso do Nome Social em inscrições Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, por Advogados, no Conselho Federal de Medicina-CFM. (MOURA, 2017, p 1).

#### **Figura 4 - Mudança de Nome Civil e Nome social**



**Fonte:** Imagem da primeira advogada transgênero a subir na tribuna do STF, Gisele Alessandra Schmidt (TV Justiça/Reprodução).

#### **d) Eleição de candidatos assumidamente homossexuais**

No ano de 2006, Clodovil Hernandez, estilista muito conceituado, foi eleito deputado federal, com isso se tornou o primeiro político que assumiu sua

sexualidade gay no Brasil. No ano de 2017 o prefeito da cidade de Lins, pelo partido PSDB, Edgar de Souza foi o primeiro gay assumido casado com outro homem no Brasil. (MOURA, 2017, p. 1)

Para Marcelo Cerqueira, presidente do Grupo Gay da Bahia, a primeira Ong LGBT do país, a presença de políticos homossexuais é positiva e sua atuação um importante avanço em direção à defesa de direitos. Contudo, a participação dos LGBT na política brasileira ainda é tímida, possivelmente "pelo preconceito da sociedade e pela própria descrença da comunidade gay", afirma. (CERQUEIRA, 2017, p. 1).

É de grande importância a presença de políticos homossexuais, pois isso trás a afirmação que é direito de qualquer cidadão fazer parte da politica no pais que a atuação é positiva e um grande avanço para a população LGBTQ.

#### **Figura 5 - Eleição de candidatos assumidamente homossexuais**



**Fonte:** Clodovil e o deputado federal Jean Wyllys (PSOL) (Sérgio Lima/Dario Oliveira/Folhapress).

#### **e) Cirurgia de mudança de sexo e de reprodução assistida feita pelo SUS:**

O Sistema Único de Saúde (SUS) é quem oferece a cirurgia de mudança de sexo, é chamada de cirurgia transexualizadora ou cirurgia de redesignação sexual

de homem para mulher, desde o ano de 2008 e a de mulher para homem a partir de 2013, o SUS dá todo o suporte que o usuário precisa como, acompanhamento ambulatorial com uma equipe de multiprofissionais, que vai incluir acompanhamento, psicológico, neurológico e todos os outros médicos que necessitar como parte do tratamento. Xande dos Santos é quem foi à primeira mulher brasileira que passou pela cirurgia de mudança de sexo pelo SUS realizada em 2011. (MOURA, 2017, p. 1).

No ano de 2013 o Conselho Federal de Medicina (CFM) chegou à decisão que os casais homoafetivos seriam inclusos no processo de reprodução assistida, podendo realizar a fertilização in vitro se assim desejarem.

**Figura 6 - Cirurgia de mudança de sexo e de reprodução assistida feita pelo SUS**



**Fonte:** Xande dos Santos, primeiro transexual no Brasil a fazer cirurgia de mudança de sexo paga pelo SUS. (Ênio César/VEJA)

## f) Presença na mídia

No ano de 2011 a emissora de televisão SBT transmitiu uma novela, que se chamava “Amor e Revolução” foi a novela que teve o primeiro beijo gay já visto na televisão brasileira. A emissora Globo também teve seu primeiro beijo gay foi ao ar só em 2014 na novela “Amor a Vida”, após dois anos depois a emissora exibiu sua primeira cena de sexo gay na novela “Liberdade, Liberdade”. Ainda no ano de 2016, em uma campanha da marca Avon sobre maquiagem, a garota propaganda foi a DragQueen Pablo Vittar.

Segundo Toni Reis (2011, p. 1), da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a presença de pessoas LGBT nos meios de comunicação na televisão é fundamental, pois isso dá muita visibilidade ao grupo e pode colaborar para inibir, e diminuir os estigmas sociais que estão enraizados na sociedade e nas pessoas. “É muito bom e importante ver que os LGBT não são pessoas de ‘outro mundo’, mas sim também parte da nossa sociedade e são cidadãos como quaisquer outros”, afirma. (REIS, 2011).

**Figura 7 - Presença na mídia**



**Fonte:** A novela 'Amor e Revolução' (SBT/Reprodução)

### g)- Paradas do Orgulho LGBT

A parada do Orgulho LGBT é uma grande celebração para os LGBT do mundo segundo o Guinness Book, o livro dos recordes. Segundo o último registro que foi feito no livro, na edição do ano de 2006, contou com a presença de 2,5 milhões de pessoas, de acordo com as informações da Polícia Militar, uma festa animada, colorida, cheia de diversidades entre as pessoas e muito amor e respeito. É uma festa que celebra o amor entre as pessoas. A cidade de São Paulo tem a maior Parada do Orgulho e Celebração LGBT. O evento teve uma repercussão tão grande que se espalhou por todo o país, no Rio de Janeiro, Porto Alegre e ainda mais 23 cidades brasileiras que também são sediam paradas anuais do orgulho LGBT. Segundo a comissão organizadora o evento é de extrema importância para que os LGBT possam ter mais visibilidade e com isso lutar pelos seus direitos. Para 2017, a parada foi a 21ª edição do evento, os organizadores esperavam a participação de até aproximadamente 3000000 milhões de pessoas. A parada do Orgulho LGBT já está na sua 23ª edição e cada vez, com mais pessoas, visibilidade, e a luta nunca para, porque a causa é linda. (MOURA, 2017, p. 1).

**Figura 8 - Paradas do Orgulho LGBT**



**Fonte:** Participantes concentrados para a 18ª Parada do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de São Paulo, que acontece neste domingo (04), na Avenida Paulista, região central da capital paulista. O evento é organizado pela Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT) (Nelson Antoine / Fotoarena/VEJA)

A nossa sociedade tem uma visão distorcida dos LGBTQ, muitas pessoas acham que ser gay, transexual, homossexual é falta de vergonha na cara, é falta de caráter, é viver na bagunça e coisas desse tipo. Mas o preconceito também varia de acordo com a cultura das pessoas, as culturas têm seus valores próprios que eles julgam serem adequados ou inadequados quanto a sexualidade alheia, e o conservadorismo é um predominate ainda muito forte em relação ao preconceito e os estereótipos porque os valores da família tradicional tem muito peso para determinadas pessoas.

As pessoas conservadoras consideram que os LGBTQ desvalorizam e são uma ameaça para as tradições que os conservadores valorizam que é a família tradicional burguesa. Não há respeito e nem consideram que os casais homoafetivos possam constituir uma família como a de qualquer outra pessoa. As pessoas conservadoras estão em todos os lugares, têm algumas que usam os valores cristãos para julgar os preconceitos com os outros. (MATTOS, 2017).

De todo modo, é possível determinar algumas características fundamentais do pensamento conservador ocidental. O conservadorismo tem como seus principais valores a liberdade e a ordem, especialmente a liberdade política e econômica e a ordem social e moral. O conservador acredita que há uma ordem moral duradoura e transcendente, que no caso do conservadorismo ocidental é baseada na doutrina cristã e tem na religião a sua base. O conservadorismo valoriza a diversidade típica do individualismo e rejeita a igualdade como um objetivo da política. O conservador, assim como o libertário, entende que a igualdade político-jurídica é suficiente para garantir a igualdade necessária entre as pessoas. Qualquer desigualdade material ou de resultado é consequência inevitável das diferenças naturais entre os indivíduos, de seus esforços e de suas decisões. (MATTOS, 2017, p. 1) .

Podemos ver um exemplo de dados de 2016 sobre as mortes dos LGBTQ no Brasil segundo a revista Nexo.

**Tabela 1 – Total de pessoas assinadas em 2016**

**Fonte:** Total de pessoas assassinadas em 2016. Jornal Nexó.

As notícias passadas pela mídia, fala de homossexuais brasileiros, nos trazem uma noção de como o preconceito é a principal barreira que se tem contra os novos modelos de famílias, que tem se constituído diariamente no nosso país.

O país ainda tem uma grande resistência com os novos caminhos e as famílias que estão se formando diariamente, um grande exemplo foi um casal de militares que assumiu o relacionamento publicamente, tem também uma professora transexual, concursada que foi impedida de assumir seu cargo público provavelmente por transfobia.

O Brasil é um país onde os LGBT sangram diariamente, sofrem diversos tipos de agressão, não só físicas, mais verbal, institucional. Segundo um relatório do Grupo Gay da Bahia- GGB (2018) a cada 19 horas um LGBT é assassinado brutalmente ou comete suicídio no Brasil devido, a tanta pressão que sofre das pessoas, ao seu redor, de desconhecidos e do próprio sistema que é quem deveria dar segurança, também exclui e mata. No ano de 2017 foram registrados 445 homicídios, em contra ponta ao interior que ocorreu 343, ou seja, teve um aumento de 30% nas mortes. (GALLI, 2017 apud CAESAR)

Segundo os dados da Anistia Internacional (2019), disponível online mediante cadastro, o Brasil é um dos países que mais mata LGBTs no mundo, superando inclusive países da África e do Oriente, que possuem pena de morte para a comunidade. Os dados estatísticos sobre a LGBT fobia não são feitos através do

governo e sim oficializados em jornais, e ainda sim tem muitos casos que nem chegam a ser notificados, quando noticiam muitas vezes não falam que aquele homicídio foi por discriminação, explica o jornalista e coordenador-geral do grupo SOMOS, Gabriel Galli. (GALLI, 2017 apud CAESAR)

Barbosa (2019), diz que apesar de não resolver os problemas em sua totalidade, a criminalização da LGBT fobia é um passo necessário para se poder obter alguns avanços.

É importante existir essa tipificação penal para que a gente possa entender e gerar dados. E quando não se têm dados, não se pode criar políticas públicas, e quando não se tem políticas públicas o problema não existe, e a gente sabe que não é assim. (BARBOSA, 2019, p, 1)

O Projeto de Lei 122/2006 é um dos que propõe a criminalização da LGBT fobia, porém a proposta permanece sem perspectivas de avançar no Congresso Nacional. Enquanto isso, os crimes de natureza LGBT fóbica são enquadrados como outros crimes previstos no Código Penal, como lesão corporal (art. 129), difamação (art. 139), injúria (art. 140) e ameaça (art. 147). (BARBOSA, 2019).

Observa-se que este atual governo é aquele que exclui cada vez mais, a população LGBTQ é um governo preconceituoso e conservador, que prega “a moral e os bons costumes” e julgando tudo aquilo que não segue os padrões como se fosse algo anormal, isso que ele se refere como anormal é a vida das pessoas.

Sem proteção, os LGBTQ temem o governo de Bolsonaro, devido ao grande índice de descaso e violência. No atual governo o presidente retirou os LGBTQs das diretrizes do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Apesar de ter um aumento significativo nos novos números de assassinatos dos LGBTQ, Bolsonaro os tirou das diretrizes das políticas públicas a Medida Provisória 870 que foi assinada no dia da posse presidencial, 1º de janeiro de 2019. (BARBOSA, 2019)

O próprio Jair Bolsonaro, eleito presidente, já deixou bem claro e afirmou nas entrevistas que é homofóbico, racista, transfóbico e tem um orgulho imenso de ser assim, que se tivesse um filho que fosse homossexual preferia ter o filho morto, do

que um filho gay. Em outro discurso Bolsonaro diz que se ele tem um filho de 5 anos ele nunca deixaria o seu filho brincar com outra criança de 5 anos que era filho de um casal homoafetivo por ele não permite isso, pode “contaminar o filho dele”, entre outras declarações públicas de muita intolerância com as pessoas ao longo dos anos.

A fala em questão de Jair Bolsonaro foi proferida em 2013. Nela, ele diz que “está pouco se lixando” para as pessoas que apontam que ele é “contra os homossexuais”. Essa fala de Bolsonaro já vem de muito antes de se eleito presidente do Brasil. (BARBOSA, 2019).

[Antigamente] não existia essa quantidade enorme de homossexuais como temos hoje em dia. E eles não querem igualdade, eles querem privilégios. Eles querem é nos prender porque nós olhamos torto pra eles, nos prender porque nós não levantamos de uma mesa pra tirar nossos filhos ‘menor’ de idade de ver dois homens ou duas mulheres se beijando na nossa frente, como se no restaurante fosse um local pra fazer isso. Eles querem é privilégios! Eles querem é se impor como uma classe à parte. E eu tenho imunidade pra falar que sou homofóbico, sim, com muito orgulho se é pra defender as crianças nas escolas”, diz Bolsonaro que reitera que os LGBTs “não terão sossego” com ele. (‘SOU homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo, 2019, p. 1).

Os LGBTQ não querem “privilégio”, nenhum eles querem e devem ser reconhecidos como pessoas normais e comuns na sociedade como qualquer outra pessoa, o fato de ser gay, transexual, homossexual não o torna menos pessoa que ninguém. Os LGBTQ vêm a tempos lutando e pedindo a criação de leis que vão garantir seus direitos e que vão dar suporte quando eles precisarem, ou sofrerem alguma violação de direitos. Dando a punição para aqueles que sejam intolerantes, movido pela raiva contra as pessoas que tem a orientação sexual ou gênero diferente deles. (BARBOSA, 2019).

Em 13 de junho, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passe a ser considerada um crime inafiançável e imprescritível, punido pela Lei de Racismo (7716/89), que prevê de um a cinco anos de prisão e, em alguns casos, multa. A decisão foi dada após seis sessões de julgamento de duas ações (ADO 26 e MI 4733), ambas movidas pelo advogado Paulo Iotti, mestre e doutor em Direito Constitucional pela Instituição Toledo de Ensino de Bauru (ITE), especialista em

Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e em Direito da Diversidade Sexual e de Gênero e em Direito Homoafetivo. É histórica a decisão do Supremo porque reconhece a obrigação do Estado brasileiro de proteger a população LGBTI de maneira suficiente. Não se pode hierarquizar opressões — se outras opressões contra grupos vulneráveis são criminalizadas, a opressão contra LGBTIs tem que ser criminalizada da mesma forma. É esse o sentido do direito à igual proteção penal”, diz Lotti em entrevista à Radis. Paulo, que integra o Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual e de Gênero (GADvS), também esteve envolvido no julgamento da união civil entre pessoas do mesmo sexo, em 2011, e segue na luta por direitos da população LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo) — como doação de sangue por homossexuais, uso de banheiros por travestis e transexuais e educação para prevenir a discriminação, as três em pauta no STF. (LOTTI, 2019, p. 1).

Essa decisão do Supremo é histórica porque reconhece a obrigação do Estado Brasileiro em dar proteção para a comunidade LGBT com mais garantia de direitos e de maneira que seja suficiente, porque não se podem hierarquizar opressões, pois se as outras opressões são criminalizadas porque que com os LGBTs vão ser diferentes? Essa foi a melhor decisão já tomada para a comunidade. (LOTTI, 2019, p 1).

Segundo Lotti (2019), esse é o sentido do direito à igualdade de proteção penal. Esse governo é um grande formador de opiniões e de informações também por isso não se pode admitir esse tipo de incentivo a violência, ao ódio ou qualquer tipo de discriminação. Estamos vivendo em um país onde o conservadorismo quer pregar o ódio e ataca diariamente os direitos das pessoas.

Os (as) transexuais sempre se privaram muito, com o quesito saúde pública, eles (as) não se sentiam seguros para procurar os serviços da rede saúde, pelo fato de que sempre eram excluídos como se não fossem pessoas com qualquer outros, nos atendimentos médicos. A população LGBT se sentia discriminada quando precisavam de serviços de saúde, principalmente no Sistema Único de Saúde- SUS.

**Ariel** – *“É difícil à compreensão, não se fala sobre corpos trans, em estudos da medicina, se fala de corpos masculino e feminino e*

*biologicamente e tais ... em estudos de biologia e sabe, então você não vai falar de um corpo trans, tipo terapia hormonal, o que é terapia hormonal? Sabe ninguém entende o que é terapia hormonal, a o que é a cirurgia de redesignação sexual entendeu, ninguém entende o processo, ai você tomar hormônio e é um hormônio anticoncepcional como assim? Sabe as pessoas não compreendem é muito difícil ir no médico sabe é muito difícil porque, então eu vou em médicos específicos, tipo cardiologista, endocrinologista, e assim vai e nunca vou no médico que tipo ginecologista por exemplo, e essa coisa sabe, então é um role que ainda precisa de muita desconstrução, do sistema precisa de muita conversa e infelizmente essa conversa, não é pra hoje não é pra amanhã, é pra daqui 20, 10 anos.”*

Quando se trata de saúde, os transexuais e travestis são bem vulneráveis, podemos ver isso pelo alto índice de violência e assassinatos sofridos, isso tem se agravado muito, principalmente a saúde mental dos transexuais com, por exemplo, o alto índice de depressão, tentativas de suicídios e também por agravantes como o HIV. Esta doença em transexuais, travestis se alastra também pelo fato, de não procurarem os serviços de saúde, muitas vezes não são respeitados pelas pessoas que são seu Nome Social, não é respeitado, não se sentem atendidos dignamente, pela equipe do hospital. (ANTRA BRASIL, 2019).

O estigma, a discriminação sexual também tem sido os grandes obstáculos para o acesso dos transexuais ao tratamento de prevenção e cuidados a sua própria saúde.

**Ariel** - (...) *que é um caso a se pensar pra incluir uma disciplina nas áreas médicas pra eles [médicos] possam fazer e melhorar esse atendimento. Ariel fala que é importante que tenha uma disciplina na medicina para (relaciona)a pessoas trans, porque a gente ta ali. Falo que às vezes o médico estuda, e ele esta ali tão acostumado com atendimento de homem e mulher, chega um (a) tras ele fala mais eu faço o que agora?*

Em decorrência de tais problemas, os direitos de cidadania para esse segmento social vão incluir ainda mais demandas por uma ação que seja integral em

saúde e ao acesso aos serviços de saúde sem qualquer tipo de discriminação. Essas reivindicações estão sendo construídas paralelamente com muitos esforços pela consolidação do Sistema Único de Saúde- SUS e trazem debates acerca das implicações das desigualdades sociais no cuidado em saúde, para que possam ter um atendimento digno. Nas últimas décadas, os diálogos e as articulações entre o governo federal e os representantes da sociedade civil organizada, trouxeram algumas mudanças que foram bem positivas, foram alcançadas no âmbito das normas institucionais que envolveram o setor de saúde. Nesse meio tem uma que se destaca muito que é a formulação do Plano Nacional de Combate a Violência e a Discriminação de LGBTs no ano de 2004 que dispõe das ações de promoção de direitos e cooperação. (ANTRA BRASIL 2019)

A Carta dos Direitos de Usuários da Saúde de 2006 vai deixar explícito os direitos da pessoa ser identificada e chamada no Sistema Único de Saúde- SUS pelo nome o qual ela preferir ou se identificar. Esse Plano é o de enfrentamento da Aids entre os gays e travestis do ano de 2007. As regulamentações de 2008 a 2013 trazem sobre o processo transexualizador no âmbito do SUS trata da cirurgia de redesignação sexual, a assistência e o cuidado com os transexuais, é a Política Nacional de Saúde da população LGBT, de 2010. Embora tudo isso tenha um potencial enorme para que se possa tornar a inclusão desse segmento social efetivo de uma vez, ainda há muitos desafios. O subfinanciamento do Sistema Único de Saúde – SUS é o que impede a efetivação disso como uma política nacional de saúde e também a grande resistência dos setores sociais super conservadores e as cruzadas morais que vão contra os direitos reprodutivos e sexuais das pessoas, porque isso vai contra a moral e os bons costumes da sociedade brasileira que é extremamente conservadora. (ANTRA BRASIL, 2019)

Teve-se alguns avanços na saúde que já se concretizaram, com o decreto que dispõe do uso do Nome Social, onde a pessoa trans pode ser chamada pelo nome no qual ela se reconhece como pessoa, e não pelo seu nome de registro civil, que tem caráter vexatório para os (as) transexuais.

Como a cirurgia de redesignação ou mais conhecido como processo transexualizador é feita pelo Sistema Único de Saúde- SUS, são quase 300 transgêneros que esperam a cirurgia na rede pública, após a portaria nº 1.370 que

foi publicada no Diário Oficial atualizada em 24 de junho de 2019. Esse tratamento foi incluído na tabela dos procedimentos médicos, porém esses procedimentos só podem ser oferecidos para as pessoas que solicitaram o atendimento por ação judicial. Ainda não se é possível fazer a cirurgia de redesignação sexual sem que o paciente entre com uma medida judicial para a realização do procedimento da mudança de sexo. E ainda tem mais um ponto que a nova portaria menciona, o paciente deve ter idade entre 21 e 75 anos. O tratamento inclui a cirurgia e o acompanhamento clínico pré e pós-operatório e todo suporte que o paciente precise no ambiente hospitalar. (CAESAR, 2018, p. 1)

O Ministério da Saúde autorizou formalmente que o SUS realize procedimentos médicos, incluindo a cirurgia, relativos à chamada 'redesignação sexual' feminina para homens trans - pessoas que nascem com vagina e reivindicam o reconhecimento social e legal como homens. (SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019, p. 1).

A matéria detalha que o processo de redesignação sexual para quem é do sexo feminino consiste no termo "vaginectomia e metoidioplastia com vistas à transgenitalização do feminino para masculino que são impostas por decisão judicial". (SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019, p. 1). Ela só pode ser realizada em caráter experimental. A vaginectomia é o procedimento cirúrgico que vai retirar toda a vagina ou parte dela. Já na metoidioplastia é o procedimento que vai ter incluso todo tratamento hormonal para se fazer com que o clitóris possa se aproximar ao tamanho e a forma de um pênis. (SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019, p. 1).

A formalização desse procedimento, segundo a advogada Marina Zanatta Ganzarolli (apud SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019) presidente da Comissão Especial da Diversidade Sexual da seção São Paulo da OAB, a portaria é uma formalização de "uma luta que é bastante longa dos transexuais". Ela que é especialista em direitos **LGBTQ+** (**A Ganzarolli, autora usa em suas falas a sigla LGBTQ+**) (traz com detalhes que esse tratamento, para que se possa assumir o outro sexo, pode incluir também a retirada das mamas ou a implantação de próteses mamárias.

Apesar desse procedimento já ser realizado, só são feitos por meio de ação judicial para homens trans, as pessoas que nascem com o sexo feminino e querem assumir identidade masculina. Segundo Ganzarolli (apud SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019) o homem trans que ainda não fez cirurgia continua tendo que passar por acompanhamento com um ginecologista, caso ele tenha mudado seu nome para o masculino o sistema não vai permitir fazer um exame papanicolau, por exemplo. Ela ainda afirma diz, que desde 1999 estão proibidos tratamentos ou terapias para cura da homossexualidade. (GANZAROLLI apud SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019).

‘Procedimentos de redesignação são realizados pelo SUS desde 2008 e, por intermédio de ação judicial, já vínhamos requerendo isso como um direito de acesso à saúde. Não só a cirurgia, mas também o tratamento com hormônios, diz a advogada.’ (Portal G1.SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina. E O INÍCIO DAS ASPAS, ONDE ESTÁ? (GANZAROLLI apud SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019, p. 1).

Já as cirurgias realizadas em mulheres trans, que nascem com o sexo masculino e querem assumir identidade feminina, já são feitas há mais tempo, e também tem mais facilidade para sua realização do que a de homens trans.

Segundo Ganzarolli (apud SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019,) “A produção de dados para homens trans ainda é incipiente”, quando a pessoa depende de processo judicial para alterar o nome, para conseguir uma cirurgia, para conseguir a hormonoterapia, você restringe isso àqueles que têm mais acesso a recursos jurídicos. O sistema de saúde ainda precisa de muitas adaptações para os diversos fatores que são grandes problemáticas da população **LGBTQ+**.

Todas as pessoas, ao nascer, são designadas como pertencentes a um gênero masculino ou feminino. Entretanto, algumas pessoas não se identificam com o gênero designado ao nascimento, e ao longo de suas vidas buscam a construção de uma identidade com a qual se sintam confortáveis. Essas pessoas vivenciam a transexualidade,

passando por um processo de transição entre gêneros, que possibilita a reconstrução de sua identidade e, em muitos casos, de seus corpos. A transexualidade ainda é considerada uma condição patológica pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10, e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em sua última revisão passou a considerar a transexualidade como disforia de gênero (CID 10 - F.64). (COMISSÃO NACIONAL DE INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO SUS, 2017, p. 3).

Nem sempre o sexo que a pessoa nasceu vai representá-la de fato, ele nasceu homem mais não se identifica, não age e não tem traços masculinos, e o processo hormonoterapia vem como um procedimento primordial para os(as) transexuais que sentem e querem fazer a cirurgia de redesignação ou processo transexualizador, para assim ser como elas realmente são.

Para os (as) transexuais isso é um grande avanço da medicina, apesar de ainda ser um pouco falho e demorado se for feito pelo Sistema Único de Saúde-SUS. Nos 10 últimos anos o SUS já realizou mais de 474 procedimentos cirúrgicos em transexuais e travestis, de acordo com o Ministério da Saúde (CAESAR, 2018) Os médicos que trabalham no SUS relatam que não tem equipe qualificada e uma estrutura adequada para atender a população transgênera.

O Processo Transexualizador no SUS foi criado em 18 de agosto de 2018, a partir de uma portaria do Ministério da Saúde, só que não há profissionais suficientes, e devida a grande falta de equipe e profissionais qualificados são feitas apenas 1 ou 2 cirurgias por mês em cada instituição habilitada para esse processo. E isso é muito pouco, pois a fila de espera é enorme, a falta de estrutura e profissionais prejudica um pouco esse processo, que é a porta de entrada para os (as) transexuais terem uma vida digna se reconhecendo com pessoas que são. Para ocorrer a cirurgia de redesignação ou o processo transexualizador, os transexuais precisam passar por 2 anos de acompanhamento com médico, psicólogo, psiquiatra, endócrino e outros e precisam ter no mínimo 21 anos de idade. Segundo dados do Ministério Público, já foram realizados nos últimos 10 anos, 153 procedimentos cirúrgicos em transexuais.

Travestis e transexuais têm direito ao acesso ao Processo Transexualizador no Sistema de Único de Saúde (SUS), que

abrange: a garantia da integralidade e humanização da atenção, promovendo um atendimento livre de discriminação; inclusão de procedimentos como a hormonioterapia, que garantam o atendimento não só a população de transexuais, mas também de travestis; atendimento por equipe interdisciplinar e multiprofissional (psiquiatra, psicólogo, clínico geral, ginecologista, urologista, endocrinologista; enfermagem e assistente social) visando acompanhamento psicoterápico, hormonioterapia e procedimentos de redesignação sexual. O aumento na procura pelos serviços de saúde especializados no atendimento a travestis e transexuais desencadeou a necessidade de ampliação do número de centros especializados no Processo Transsexualizador e por conseguinte, a criação de protocolos das diferentes competências envolvidas nesse processo. (COMISSÃO NACIONAL DE INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO SUS, 2017, p. 4).

Esse processo todo é o que vai dignificar a vida de quem é trans e sofre diariamente com o desconforto de ser e parecer com quem não são isso é um grande agravante para os (as) transexuais, porém já se tem maneira de mudar essa situação.

São quase 300 transgêneros que esperam pela cirurgia na rede pública de saúde, 10 anos após a portaria do SUS. Existe uma lista de espera para a cirurgia de redesignação sexual, onde se tem pelo menos 288 pessoas inscritas, porém há apenas 5 hospitais na rede pública do SUS habilitados para fazerem esse procedimento. Segundo o G1 com a matéria Quase 300 transgêneros esperam cirurgia na rede pública 10 anos após portaria do SUS (2018) os números foram calculados com base nas respostas das instituições por meio da Lei de Acesso a Informação e pelas assessorias de imprensa. Segundo os médicos da rede pública de saúde, o número de hospitais habilitados para fazer a cirurgia de redesignação sexual precisa aumentar, porque se tiver na sua cidade ou em um município mais próximo facilita a vida do paciente. (CAESAR, 2018).

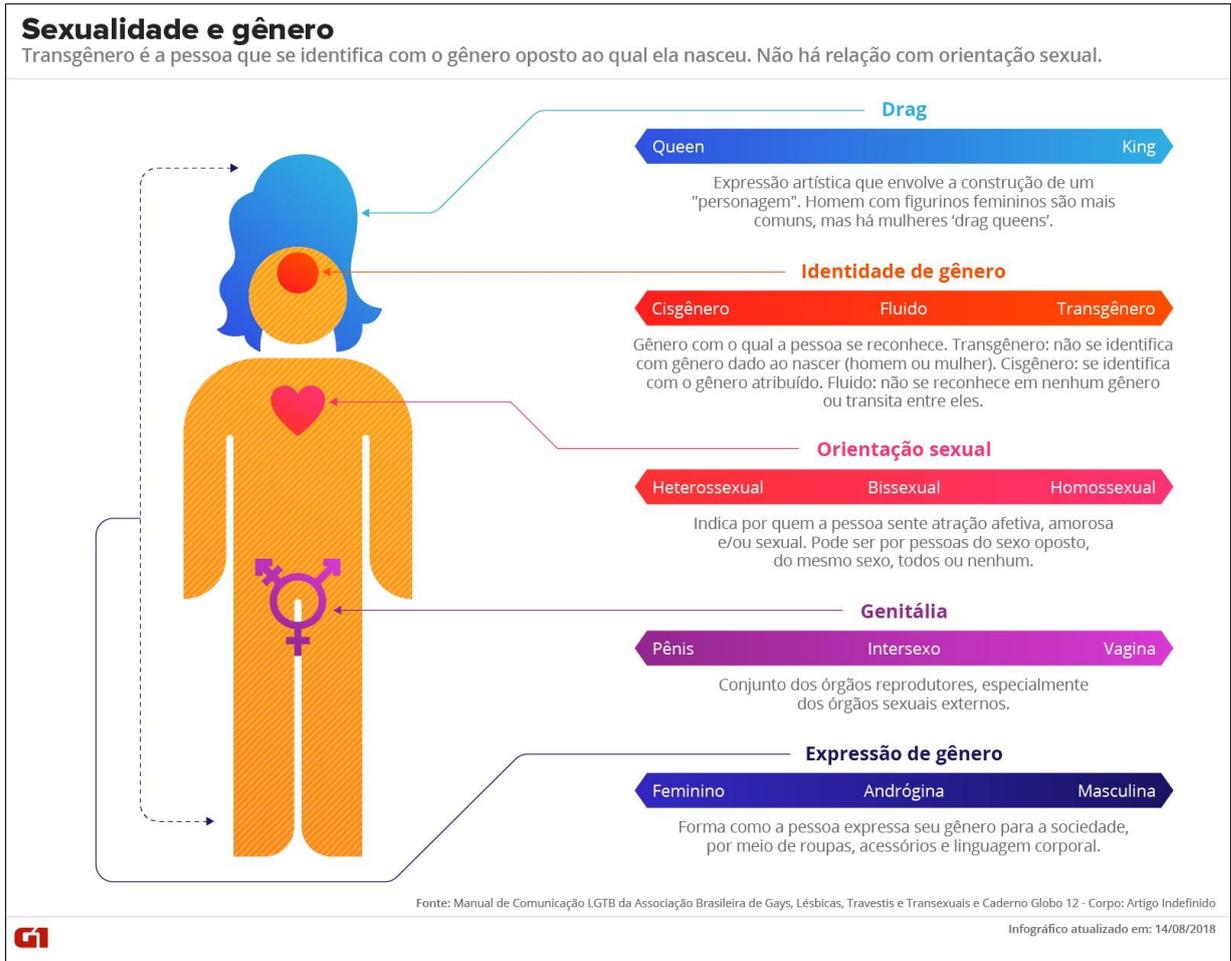
As pacientes e os pacientes fazem dois anos [de acompanhamento] e estão prontos [para a cirurgia], mas não adianta eles estarem prontos porque a gente não consegue dar vazão. A gente não consegue fazer quatro, seis cirurgias por mês, mas só uma cirurgia. Esse é o problema. Se a gente tivesse duas ou três equipes, eles não precisariam esperar tanto, diz a ginecologista Mariluzza Terra, que trabalha há 19 anos com a saúde da população trans no Hospital das Clínicas da UFG, em Goiás. (SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2019, p. 1).

Isso não diz que 474 pessoas transexuais foram operadas desde o ano de 2008 na rede pública de saúde pela cirurgia de redesignação sexual que vai adequar a genitália ao gênero da pessoa trans. Sempre costuma se exigir mais de um procedimento. Essa é a cirurgia que é considerada o sonho maior de uma mulher transexual, que recorrer aos serviços públicos, porém nem todos (as)trans querem necessariamente fazer esse tipo de mudança que vai ser irreversível no seu corpo. (CAESAR, 2018)

Segundo dados do Ministério da Saúde sobre as unidade de saúde que tem esse serviço são 5, e nos últimos 10 anos, 153 procedimentos foram feitos no Hospital das Clínicas de Porto Alegre; 118 no HC da Faculdade de Medicina da USP; 88 no HC da UFG, em Goiás; 68 no Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio; e 47 no HC da UFPE, em Recife. (CAESAR, 2018).

Segundo o chefe do serviço de urologia do HC de Porto Alegre, Tiago Elias Rosito (2018) afirma que o número de cirurgias no hospital deve ser ainda maior que o informado pelo Ministério da Saúde. Ele conta que a instituição faz, no mínimo, duas operações por mês sempre em uma mulher trans e em um homem trans. O público atendido é “o mais variável possível”, com diferentes idades e níveis socioeconômicos diversos. Em agosto, por exemplo, a equipe operou uma mulher trans de quase 60 anos. (CAESAR, 2018).

## **Figura 9 – Sexualidade e Gênero**



Fonte: G1 Ciência e Saúde, sexualidade e gênero, 2019.

A primeira cirurgia de redesignação sexual feita na rede pública no Brasil foi no ano de 1988 no Hospital das Clínicas, naquela época foi só possível após a resolução 1482/97 do Conselho Federal de Medicina. (CAESAR, 2018).

A primeira mulher trans a ser operada pela rede pública de saúde foi Bianca Magro, em 1998. É um alívio. É o alívio de você olhar para baixo e não ver nada. Então você olhar e não ver e se sentir inteira é um complemento. Não para ninguém. Não para o homem. É um complemento para mim como mulher. (...) Foi uma luta porque era ilegal no país, não tinha uma legislação. Eu tive que entrar na Justiça com todos os meus laudos provando que eu era [transexual] para ter autorização para fazer a primeira cirurgia", disse Bianca, em entrevista ao Fantástico, em março de 2017. (SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina, 2017, p. 1).

Para quem é transexual, com esse procedimento cirúrgico, apesar da demora ficou mais fácil da pessoa poder se reconhecer com é realmente.

Já na cirurgia de redesignação sexual masculina que é a cirurgia que transforma o pênis e os testículos em uma vagina, é o procedimento mais procurado pelos pacientes que vão passar pelo processo transexualizador do Sistema Único de Saúde- SUS. Essa cirurgia também foi o primeiro processo cirúrgico para transexuais oferecida pelo SUS. Em um levantamento do Ministério da Saúde essa cirurgia consta como a cirurgia mais frequente nos últimos 10 anos. Foram realizados 415 procedimentos (87,6% do total). (CAESAR, 2018).

Segundo Tiago Elias Rosito (2018) a técnica tem o nome de “padrão-ouro”, ou seja, a técnica é a “mais testada e mais comprovada” é a inversão peniana. A vagina é construída a partir do pênis; e o clitóris, a partir da glândula (cabeça do pênis). Rosito diz que a técnica evoluiu nos últimos 50, 60 anos e que é a técnica mais usada no mundo para esse tipo de cirurgia. O procedimento é de alta complexidade. (CAESAR, 2018).

Após o procedimento da cirurgia de redesignação da mulher trans, segundo a ginecologista Mariluz Terra (2018) do Hospital das Clínicas da UFG, será preciso fazer a dilatação do canal para poder ganhar a profundidade e elasticidade. Terra ainda diz que já orienta e deixa suas pacientes preparadas, essa etapa é muito dolorosa, se não dilatar o canal da vagina fica curto, sem flexibilidade e elasticidade e isso pode ocasionar o fechamento da cavidade, sendo perdido todo o trabalho, mais isso é avisado as pacientes antes do processo todo. (CAESAR, 2018).

As políticas públicas que envolvem a transexualidade e travestilidades são uma temática recentemente trazida aos debates e produções científicas do Serviço Social brasileiro, porque falar de gênero não é algo fácil, é algo complexo e novo para alguns profissionais do Serviço Social, principalmente os profissionais conservadores. Nesse contexto precisamos refletir sobre a atuação do Serviço Social, juntamente com a comunidade LGBTQ, compreendendo as expressões da questão social, pois se inserem nas políticas sociais.

As pessoas transexuais, travestis tem muitas dificuldades quanto ao acesso a saúde pública, pois enfrentam grandes barreiras, quanto a falta de dignidade que as

peças que trabalham no próprio setor público que muitas vezes não respeita o uso do Nome Social, ou não sabe lidar com um com trans e processo de transição. O foco do assistente social é trabalhar na perspectiva crítica dialética, que possa garantir os direitos dos transexuais, não só na saúde, mas qualquer outro aspecto que atinge seus direitos como a política de assistência social. É trabalhar diante dos limites e possibilidades dessas políticas para garantir que seja efetivado os direitos dos transexuais.

A importante luta do Serviço Social no Brasil é a luta contra a transfobia, que atinge violentamente os transexuais, travestis.

Nesse sentido, torna-se fundamental para o Conjunto CFESS-CRESS e para a categoria de assistentes sociais refletir criticamente sobre as consequências da transfobia para adolescentes, adultos/as, pessoas idosas, que se auto definem como pessoas trans. Foi nesse sentido que o CFESS, para marcar este 29 de janeiro 2019, **Dia Nacional da Visibilidade Trans**, (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2019, p. 1).

No cotidiano do assistente social o trabalho tem como base a análise marxista, que tem a capacidade de nos oferecer uma visão de totalidade social em que se está inserido, inclusive quando este profissional falar sobre gênero e as identidades de gênero. O método crítico dialético permite ter uma compreensão mais crítica da realidade podendo desvendar as relações de desigualdades e contradições da sociedade capitalista e assim podendo identificar as correlações de forças que estão presentes nessa sociabilidade. (FAERMANN, 2016).

Com essa análise podemos contribuir para que se possam ter uma compreensão desses processos discriminatórios e preconceituosos e opressores pelos quais os travestis e transexuais passam no seu cotidiano, diariamente com o objetivo de identificar como essas pessoas não são compreendidas enquanto sujeitos de direitos como qualquer outra pessoa da sociedade na qual vivemos, assim garantindo e assegurando seus direitos na assistência social.

### **1.3-Diferenciando conceitos: identidade de gênero, expressão de gênero e orientação.**

Muitas vezes ficamos nos perguntados qual o significado da sigla **LGBTQ**, antes era apenas GLS termo usado nos anos 2000, depois com o passar dos anos essa sigla foi se modificando e ficou LGBTQ, depois foi colocado uma letra, ficando LGBTQ e nos dias atuais LGBTQI+.

GLS era frequentemente utilizado no Brasil para categorizar produtos, serviços e até eventos como 'espaços gays'. A ABGLT (Associação Brasileira LGBT) acredita que o termo GLS é excludente porque ignora diversas orientações sexuais e identidades de gênero, além de colocar o 'protagonismo', de certa forma, nos gays. (O QUE significa a sigla LGBTQ+ e quais são as outras siglas utilizadas? 2018, p.1).

Com o passar dos anos a sigla LGBT passou a ser usada para englobar também os transexuais, travestis e as lésbicas que o L ficou com a letra inicial para dar destaque a desigualdade de gênero que também diferencia homossexuais femininas e masculinas. Agora vamos às explicações de cada sigla nos dias atuais.

**O significado de LGBT:** Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais.

**O que é o Q de LGBTQ+?:** Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e **Quer**. Mais o que é esse tal **Quer**? Pode ter vários significados, não é sobre a orientação sexual específica ou a identidade de gênero das pessoas, é como ela se identifica. O que significa de fato Quer? **Quer** vai englobar todas as orientações e as identidades de gênero sem especificar em apenas uma delas. Tem-se que tomar cuidado com a sigla, não pode simplesmente falar que uma pessoa é Quer, isso pode ser ofensivo para quem escuta, devemos falar que a pessoa se identifica como. Por muito tempo o termo "Queer" foi considerado algo ofensivo (e ainda pode ser), por isso não se deve falar que alguém é "Queer", mas sim que ela se identifica como Quer — assim focamos na pessoa em primeiro lugar e sua identidade como uma particularidade, não fator principal.

**LGBTQQIAA?:** Lésbica, Gay, Transgênero, Transexual, 2/Two-Spirit (Dois Espíritos), Quer, Questionando, Intersex, Assexual, Aliado, Pansexual.

Veja as explicações de cada uma de acordo com (O **QUE** significa a sigla LGBTQ+ e quais são as outras siglas utilizadas?, 2018)

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Lésbica</b>	Mulheres que se sentem atraídas pelo mesmo sexo, ou seja, sentem atração sexual por outras mulheres
<b>Gay</b>	Homens que se sentem atraídos pelo mesmo sexo, ou seja, sentem atração sexual por outros homens. <b>Observação:</b> Esse termo também pode ser utilizado para mulheres homossexuais.
<b>Bisexual</b>	Pessoas que se sentem atraídas por homens e mulheres (afetivamente ou sexualmente)
<b>Transgênero</b>	Pessoas que não se identificam com seu sexo biológico e estão em trânsito entre gêneros.
<b>Transexual</b>	Pessoas que se identificam com um sexo diferente do seu biológico, ou seja, o sexo que nasceu. Por exemplo: uma pessoa que nasceu homem, mas se identifica e se reconhece como uma mulher, é uma mulher transgênero.
<b>2/Two-Spirit (Dois Espíritos)</b>	Utilizado pelos norte-americanos para representar as pessoas que acreditam terem nascido com espíritos de ambos os sexos, o masculino e feminino dentro delas.
<b>Queer</b>	Pode ser considerado um termo “ <b>guarda-chuva</b> ”, que vai englobar as minorias sexuais e de gênero que não são heterossexuais ou Cisgênero.
<b>Questionando</b>	São as pessoas que ainda não encontraram o seu gênero definido ou orientação sexual — estão no processo de questionamento, para descobrir mais ainda tem incertezas sobre sua identidade.
<b>Intersex</b>	São variações de características sexuais que vão incluir os cromossomos ou órgãos genitais, não permitem que a pessoa seja distintamente identificada como masculino ou feminino.
<b>Assexual</b>	É a pessoa não sente atração sexual, ou tem falta de interesse em atividades sexuais como as outras pessoas, pode ser considerado a “ <b>falta</b> ” de orientação sexual.
<b>Aliado</b>	São pessoas que se consideram parceiras da comunidade LGBTQ+.
<b>Pansexual</b>	É a atração sexual ou romântica por qualquer sexo ou identidade de gênero.

São inúmeras nomenclaturas que englobam os LGBTQs, mas há outras nomenclaturas que também são bem usadas pelos LGBTQs de acordo com (O que significa a sigla LGBTQ+ e quais são as outras siglas utilizadas?, 2018).

<b>Cisgênero (Cis)</b>	É o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”. São diversas siglas e significados.
<b>Androginia</b>	Pessoas andróginas têm feições que podem ser consideradas masculinas ou femininas.
<b>Não-binário</b>	Uma pessoa que não concorda com as distinções convencionais de gênero e que não se identifica com nenhum, ou se identifica com ambos deles, ou com uma combinação de gêneros masculino e feminino.

<b>Pangênero</b>	Pessoas que se identificam como ambos os sexos
------------------	--

Podemos ver aqui alguns outros significados, para entender as nomenclaturas usadas pelo Movimento LGBTQ, nos dias atuais.

**Figura 10 – Título da Imagem**



**Fonte:** Pontabiologia. Identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico

São inúmeras nomenclaturas, as mais usadas são essas as quais cito neste estudo. Veja a seguir:

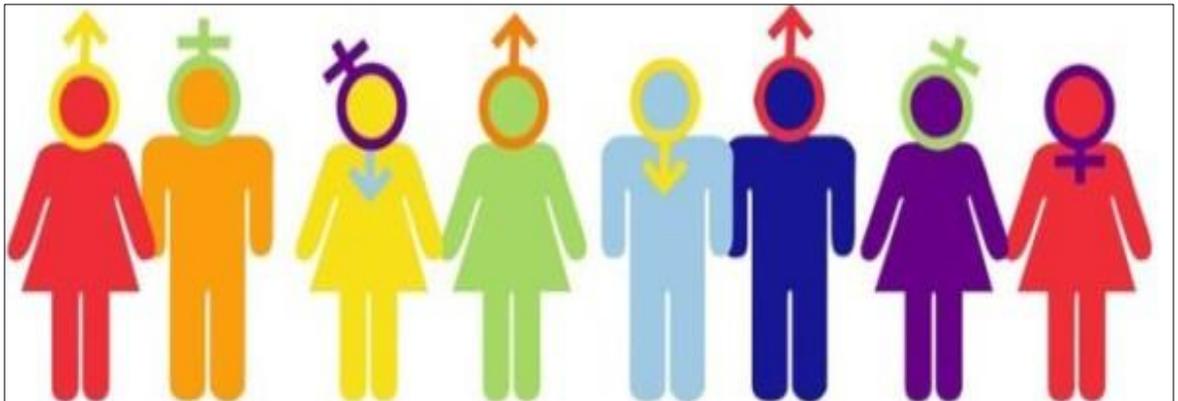
### **Identidade de gênero**

O conceito de gênero é o que vai identificar e diferenciar os homens e as mulheres, sendo assim o gênero masculino e o gênero feminino. Baseia-se no modo como as pessoas se identificam na sociedade, com base no papel social do gênero e no sentimento individual de identidade da pessoa. É a maneira que a pessoa se enxerga, o gênero o qual ela se identifica seja masculino ou feminino.

Gênero não se limita ao sexo; trata-se de expectativas sociais que relacionam uma pessoa conforme sua genitália. Mas, a partir daí, a sociedade identifica homem ou mulher, podendo cometer erros ao afirmar a identidade de gênero do outro, pois apenas a própria pessoa poderá dizer de si, o que sente, como se identifica e como reconstrói seu próprio corpo. Equivocadamente as pessoas pensam que sabem apenas em um primeiro olhar distinguir uma pessoa, se é homem ou uma mulher. (BENTO, 2006, p. 11).

Mas o que é ser homem ou ser uma mulher? Porque as pessoas pensam que ser um homem ou ser uma mulher esteja fundamentalmente ligado com seu sexo ou com seu corpo físico? do jeito que nascemos as pessoas tendem a julgar as outras apenas pela aparência, e isso não é uma coisa que se faça, não tem um aspecto legal.

**Figura 11 – Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.**



**Fonte:** ENTENDA a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, 2018, p. 1.

### **Sexo biológico**

É todo o conjunto de características físicas de uma combinação de cromossomos. Nada mais é que a existência dos órgãos genitais (pênis, vagina) e com o conceito de macho para homens, e fêmea para as Mulheres.

**Figura 12 – Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.**



**Fonte:** Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, 2018, p. 1)

### **Expressão de gênero:**

É a forma na qual a pessoa vai se apresentar na sociedade como pessoa, é a forma como a pessoa se veste, os acessórios que ela usa, com maquiagens, esmalte, e também as modificações corporais, com uso de brincos, piercings etc, tem também o estilo do cabelo, e as expressões comportamentais, modos de agir pensar, falar, andar. São os modos que a pessoa manifesta a sua identidade de gênero.

Embora a sociedade e o mercado generifiquem os objetos em feminino e masculino, coisa de mulher, coisa de homem, na verdade, as coisas (por si sós) não têm gênero. Quando você veste uma roupa, aquela roupa passa a ter o SEU gênero, porque é VOCÊ que a está usando. (ENTENDA a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, 2018, p. 1)

Independente do gênero feminino ou masculino é preciso não generalizar, não existe “coisas” de homens e de mulheres existem a penas “coisas”, que a sociedade e as pessoas colocam como algo que já tem destino certo para cada gênero.

**Figura 13 –Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.**



**Fonte:** ENTENDA a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, 2018, p. 1.

### Orientação sexual

É definida pela atração ou afetividade que as pessoas sentem pelas outras, a forma como elas expressam sua orientação sexual.

**Figura 14 –Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual.**



**Fonte:** ENTENDA a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, 2018, p. 1.

Nesse capítulo, podemos entender um pouco como é o Mundo LGBTQ, seus desafios, suas maiores conquistas durante todos esses anos. Sobre o processo transexualizador ou cirurgia de redesignação sexual. Entender, aqui as nomenclaturas mais usadas pelos LGBTQ, são inúmeras diferenciação e nomenclaturas, trago aqui as mais usada no meio dos (as) transexuais e travestis que também fazem parte do Movimento LGBTQ, dando mais clareza e explicando os seus significados. Conclui-

se que falar sobre o Movimento LGBTQ e sobre Gênero é algo bem complexo, porém, nesse estudo trago os elementos que explicam com detalhes sobre esse estudo.

Aqui tem alguns exemplos das linguagens usadas pela comunidade LGBTQ, alguns nomenclaturas que explicam tudo isso.

**CAPÍTULO II**  
**TRANSEXUALIDADE E NOME SOCIAL**

## CAPÍTULO II – TRANSEXUALIDADE E NOME SOCIAL

No capítulo I foi abordado os temas Gênero, identidade expressão e orientação e orientação sexual, compreendendo esses conceitos, trago os estereótipos e preconceito da sociedade em relação ao transexual e travestis, os rótulos que a sociedade coloca nas pessoas. Lugar e contexto histórico e as conquistas dos LGBTQ. E No Capítulo II será abordado sobre transexualismo, e a visão que a sociedade tem, sobre essa temática, entendo alguns conceitos, como fazer sobre os tramites de cartório e relação a mudança de nome civil para Nome Social

### **2.1- O que é Transexual? a visão distorcida dasociedade, transexual sobre transexualidade**

Existem duas formas de nomenclatura de Transexual e Transsexual, nesse trabalho será usado à palavra Transexual com apenas um (S), abaixo podemos ver a diferença das duas nomenclaturas.

#### **Entendendo a diferença entre Transexual e Transsexual**

##### **TRANSEXUAL:**

Transexual é um indivíduo que sente-se mal com o sexo biológico, o sexo que nasceu... Portanto sente a necessidade de mudar, transexual é diferente de travesti, e a diferença é mental;)

**Exemplo:** Bianca é transexual, quando nasceu era um menino, mas nunca foi feliz com essa realidade e sentia-se mal com seu órgão sexual.

##### **TRANSSEXUAL:**

Transsexual é um indivíduo que possui uma identidade de gênero oposta ao sexo designado (normalmente no nascimento). Homens e mulheres transexuais fazem ou pretendem fazer uma transição de seu sexo de nascimento para o sexo oposto (sexo-alvo) com alguma ajuda médica (terapia de redesignação de sexo) para seu corpo. A explicação estereotipada é de "uma mulher presa em um corpo masculino"

ou vice-versa, ainda que muitos membros da comunidade transexual, assim como pessoas de fora da comunidade, rejeitem esta formulação.

**Exemplo:** Eduardo é um transsexual: ele nasceu com corpo feminino e passou sua infância sendo obrigado a viver como menina, mas hoje em dia ele corrigiu a sua situação graças ao tratamento de redesignação sexual e vive muito feliz.

As siglas usadas pelo **LGBTQ** são inúmeras, mas aqui nesse trabalho usarei a sigla **LGBTQ** pela maioria dos autores pesquisados que é mais usada no momento.

A transexualidade dentro da sociedade tem sido tratada como algo novo, como se nunca tivesse existido, sendo que a transexual e o travesti sempre estiveram presentes nos meios sociais. Mas essa é uma forma da sociedade silenciá-los nos espaços. As pessoas precisam ter compreensão que eles não são a hegemonia não são eles que tem o domínio de tudo, que nos dias de hoje a população trans está organizada, e se movimentando, contra e qualquer tipo de repúdio que venha para atacar seus direitos.

Estariam as travestis condenadas à prostituição? Pode ser exagero dizer que sim. Mas pode não ser. Antes de qualquer julgamento, reflita: quantas travestis você tem como colegas de trabalho? Seja chefe ou funcionária. E fazendo faxina na sua casa? Na loja onde você compra roupas, talvez? Abastecendo o seu carro ou te atendendo no “por quilo” onde você almoça diariamente? A verdade é que o mercado de trabalho é duro com esse grupo de pessoas que, muito frequentemente, encontra na prostituição o sustento e, principalmente, acolhimento. E se você ainda duvida que elas tenham poucas opções, responda para si mesmo, honestamente, se você contrataria uma. (MALUF, 2011, p. 1).

Os transexuais são marginalizados diariamente e tem seus corpos muitas vezes marginalizados pelas pessoas, vivemos em uma sociedade onde a moral e os bons costumes vêm em primeiro lugar. Mas e o amor ao próximo e a empatia que tanto se fala pouco se tem! Os transexuais são repudiados diariamente nas ruas, dependendo dos espaços, são proibidas (os) de entrar devido à tamanha falta de respeito e discriminação das pessoas que vivem nesta chamada “sociedade civil”. Muitos (as) transexuais são excluídos pela própria família, que os colocam para fora de casa, os deixando a própria sorte, jogadas nas ruas como se não fosse nada,

ninguém. Devido a enorme discriminação com transexuais, muitas vezes não consegue empregos dignos, não tem apoio familiar, então acabam recorrendo à prostituição como uma maneira de se sustentar, se vêem sem saída nenhuma, ganhando com isso um rótulo como se todos que são transexuais fossem prostitutas.

**O CARIMBO DA PROSTITUIÇÃO.** Não que a prostituição não seja uma profissão legítima, ela é legítima, o problema está onde percebemos que não temos a oportunidade de escolha, o mercado sexual se torna o nosso único meio de subsistência. E precisamos também entender que nem toda transexual ou travesti quer se prostituir, temos vontade também de exercer outras profissões. De fato não existe inserção da população trans no mercado de trabalho formal. (TRANSFEMINISMOS, feminismo intersional relacionado as questões trans, a transexualidade dentro da sociedade, 2016, p. 1).

Conforme dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA traz como dados que é alarmante a situação de pelo menos 90% dos transexuais no Brasil recorrem à prostituição, o comércio, as grandes empresas, não respeita um (uma) transexual como pessoa, é nítida a exclusão e a falta de cidadania que a sociedade tem com eles (as). (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2108)

A pessoa trans tem os mesmos sonhos e vontades, como qualquer outra pessoa, sonha em trabalhar, estudar, ter uma formação acadêmica, tem um desejo enorme de passar no vestibular, estar em universidades públicas. E quando esse sonho de entrar na vida acadêmica se concretiza, eles (as) encontram várias barreiras e dificuldades porque tem que lidar diariamente com a transfobia acadêmica e institucional, com isso as dificuldades só vão aumentando, o direito do uso do Nome Social muitas vezes é negado a não podem nem usar o banheiro de acordo com gênero o qual vai representa-lós. Assim como também é negado em qualquer outro espaço no qual eles (as) frequentam. Por isso o reconhecimento dos direitos dos transexuais vai ter uma grande contribuição para que se possa reduzir a evasão universitária de pessoas transexuais, porque se é Universidade para todos, porque os transexuais entram nesse discurso, do senso comum.

RESISTIR PRA EXISTIR, EXISTIR PRA REAGIR. Com o tema: 'Resistir pra Existir, Existir pra Reagir' a ANTRA vem a público nesse 29 de janeiro de 2018 chamar a atenção para as graves violações de direitos humanos da população de Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil. O país que mais assassina essas pessoas no mundo. O número de assassinatos no Brasil é três vezes maior que o segundo colocado no mundo, México com média de 50 mortes. Não há o que comemorar repetimos a cada ano e as nossas vozes não ecoam aonde deveria chegar. Estamos à mercê de nós mesmas. Quem chora por nós? Quem vai contribuir com a vaquinha pra enterrar mais uma? pra que não seja enterrada como indigente, sim porque abjeta já somos, a sociedade já nos cunhou esse adjetivo. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018, p. 1).

Segundo a ANTRA BRASIL foi desenvolvido um estudo sobre os assassinatos das pessoas trans e divulgou um mapa desses Transfeminicídios no último dia 25 de janeiro de 2018. É com ele que pode-se buscar resolver parte desses problemas, mas sabe-se que esse não é somente um caminho, ela só poderá surtir efeitos se tiver o apoio das instituições e pessoas que reajam dessa mesma forma contra a violência e o conservadorismo que domina o país. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018)

A Associação Nacional de Transexual e Travesti a ANTRA realiza seu 23º o Encontro Nacional de Travestis e Transexuais em Tapes/RS. O tema do encontro foi: XXIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA): "Enfrentando os preconceitos e estigmas do HIV com a prevenção combinada" (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018, p. 1).

Entre os dias 28 a 31 do mês de outubro de 2019, aconteceu o 23º Encontro Nacional Travestis e Transexuais, que nada mais é que uma rede de organizações trans do Brasil que trabalha na luta dos direitos dos (as) transexuais. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018.p. 1)

O encontro contou com aproximadamente 60 ativistas travestis e transexuais, que representam a maior parte no Brasil. O encontro foi na cidade de Tapes –RS devido a invisibilidade das violações dos direitos humanos que se dão nos grandes centros urbanos, onde geralmente ocorrem todos esses eventos com esse porte. Durante o evento os (as) participantes trouxeram as precariedades e as condições para denunciar as violações de direitos humanos e assim poder dar visibilidade aos

assassinatos que ocorrem diariamente com os transexuais sem que haja notícias na mídia.

**Figura 15 –ANTRA realiza seu 23º Encontro Nacional de Travestis e Transexuais em Tapes/RS**



**Fonte:** ANTRA BRASIL. Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

Segundo Pitty Barbosa (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2019) da cidade de Iguaíba, localizada no interior do Rio Grande do Sul, afiliada da ANTRA.

Em todo o Brasil, as cidades do interior estão muito abandonadas por todos os gestores e pastas da política LGBTI. Devemos ter um olhar mais reto, mais incisivo a essa população, que está tão desprovida de direitos. Por isso, precisamos fazer mais ações no interior. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018, p. 1).

A grande Epidemia de HIV no Brasil O Brasil viveu um tempo de uma nova epidemia de HIV, que segundo dados mais recentes do boletim epidemiológico lançado anualmente pelo Ministério de Saúde, entre os anos de 2007 e 2017, o número de jovens infectados pelo HIV saltou de 1.320 para 10.618, um crescimento de cerca de 700%. Esse avanço que foi alarmante de casos de surto de HIV e de adoecimento por conta da AIDS e das mortes a AIDS no país segundo nossa sociedade e o senso comum que essa doença tem classe, raça, gênero e

principalmente sexualidade. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2019)

Ao analisar os dados referentes às categorias raça/cor e sexo nos últimos 10 anos quanto aos óbitos decorrentes da AIDS, são observadas grandes discrepâncias. Enquanto, nos últimos 10 anos, homens e mulheres brancos tiveram uma grande redução no número de óbitos, que passaram de 5461 em 2007 para 4352 em 2017, o mesmo não aconteceu para a população negra: em 2007, foram registradas 5111 mortes de homens e mulheres negras, enquanto em 2017 o número subiu para 6699. Uma movimentação parecida é observada se analisarmos as infecções quanto à sexualidade. Se, em 2007, os homens heterossexuais representavam 46,7% (1230) dos expostos ao HIV no Brasil, em 2017 eles representavam 34,1% (9027). Os homens que fazem sexo com homens, por sua vez, passaram de 45% (1569) a 63,3% (16633) mesmo intervalo, passando a configurar enquanto uma grande maioria e evidenciando que houve uma falha na prevenção. Representantes do Ministério da Saúde que estiveram presentes no encontro da ANTRA mencionaram uma pesquisa encomendada recentemente pelo Ministério que estimou que cerca de 40% da população de travestis e mulheres transexuais no Brasil vivem hoje com o HIV. Contudo, em todo o boletim epidemiológico, não há nenhuma menção a pessoas trans. Essa inviabilização revela o quanto a cisheteronormatividade está posicionada como o parâmetro universal das instituições brasileiras, que não estão comprometidas com a vida das pessoas trans no país. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018, p. 1).

Isso se deu porque as travestis e as mulheres transexuais são colocadas na classe de “homens que tem relação sexual com outros homens” a não ser nos casos de mulheres trans que fizeram a mudança de sexo no seu registro e retificação do seu nome de batismo. O encontro das ativistas da ANTRA foi uma grande oportunidade para as mulheres presentes coletarem informações e mecanismos sobre a prevenção do HIV, perguntando sobre as estratégias que irão fazer sentido para a realidade daquelas travestis e transexuais que não tem quase nenhum acesso a informações. No decorrer das conversas foram compartilhadas várias dificuldades que os (as) transexuais encontradas no atendimento no Sistema Único de Saúde- SUS. Algumas pessoas relataram ter sua sorologia exposta para a própria comunidade por alguns médicos. Quando se constatava a carga viral, os (as) transexuais iam aos postos de saúde buscar os medicamentos e não encontravam e isso era um grande agravo para eles (a).

Num momento em que o conservadorismo fundamentalista que tem crescido no Brasil tem tentado frear campanhas de prevenção ao HIV para não 'sexualiza' jovens, as organizações que estiveram presentes no encontro da ANTRA foram unânimes sobre a necessidade de apoio para políticas de prevenção consigam chegar diretamente à população que mais precisa. As vidas das pessoas trans não podem ser deixadas de lado. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2018, p. 1).

Podemos ver aqui alguns entraves e avanços na saúde dos travestis e transexuais devido a visão distorcida que a sociedade tem dessa comunidade, sempre os marginalizando, e os tratando como se não fosse pessoas como qualquer outra. A sexualidade da pessoa não diz quem ela é, isso é uma particularidade de cada um como se só o travesti ou o transexual tivesse, doenças com HIV ou qualquer outra doença sexualmente transmissível, como se a doença escolhesse, a pessoa por raça, cor, gênero ou sexualidade.

## **2.2- Nome Social e o Decreto- Lei nº 8.727/2016 Como funcionam**

Como funciona o Decreto de Lei, quais são os direitos assegurados para o (a) trans com o decreto vigente, como funciona a questão da troca do nome de registro civil, para Nome Social. Documentos necessários para que a retificação seja feita corretamente. (ANTUNES, 2019, p. 1).

### **O que é o Nome de Registro Civil?**

O nome de registro civil é o nome que consta e é usado em documentos públicos, foi o nome que provavelmente os pais biológicos escolheram um pouco antes do nascimento. É o Nome que consta em todos os documentos como RG, CPF, Título de Eleitor entre outros. (ANTUNES, 2019, p. 1).

### **O que é o Nome Social?**

Nome Social é o nome usado pelas pessoas transexuais ou travestis que não se identificam e nem se reconhecem como pessoa a partir do seu nome de registro civil. Este nome tem caráter vexatório para que os(as) transexuais se vejam como pessoa e sejam tratados com dignidade, usam o Nome Social porque é aquele nome no qual ele(a) se reconhece. (ANTUNES, 2019, p1)

### **O que é o Decreto Nº 8727 de 28 de abril de 2016 que dispõe do uso do Nome Social.**

Considerando esse cenário, em abril do ano de 2016, na semana das Conferências Nacionais Conjuntas de Direitos Humanos, foi publicado o Decreto Presidencial Nº 8.727/2016, que dispõe sobre o uso do Nome Social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal.

De acordo com o Decreto, os órgãos e as entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, deverão adotar em seus atos e procedimentos o nome social da pessoa travesti ou transexual, de acordo com seu requerimento. Deverá também constar o campo “Nome Social” nos registros de sistema de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres. O Nome Social deverá vir em destaque nestes instrumentos, acompanhado do nome civil, o qual deverá ser utilizado apenas para fins administrativos internos. Desta forma, deverá constar nos documentos oficiais o nome social da pessoa travesti ou transexual (feminino e masculino), assim como requerido pela interessada ou pelo interessado, a qualquer tempo. (GARANTIA da utilização do Nome Social para travestis e transexuais, ano??, p. 4).

A maioria das dificuldades das pessoas transexuais e travestis é em relação ao uso do Nome Social no Sistema Único de Saúde, eles(as) alegam que não é respeitado isso, muitas vezes, porque chega lá um usuário no Pronto Socorro ele está travestido de mulher e na identidade está o nome de um homem, cabe a recepcionista perguntar como você gostaria de ser chamada(o) ou a mesma situação só que ao contrário. Veja o que diz a participante da pesquisa:

***Rayane(...) sobre como que ela gostaria, de ser chamada. Falei pra ela que não sei se os(as) trans tinham vergonha mais***

**eles(as) também não falavam.** *Ai quando a enfermeira da triagem chamava para o atendimento, estava lá a pessoa travestida de mulher, e ela chamava por exemplo' João, a pessoa ela nem se mexe. Rayane me fala e eu querida aconteceu isso uma vez comigo já, fui lá e falei é Rayane ta moça pra chamar. Ai uma vez chamou Ronald menina, Ronald todo mundo procurando o Ronald né, brinco com ela e falo a o Ronald foi embora (risos). Eu fiquei paradíssima, não fui só que dai depois não chama mais né, eu disse não mesmo, ai eu fui à recepção de novo ai já era uma amiga minha que estava lá a [amiga]não sei se você conhece ela, digo que conheço sim, a [amiga] Rayane me fala então era ela ai mandei mensagem pra ela no whats; falei miga chamou eu, mais é Rayane não é Ronald, imagina, dai ela foi lá falou ai chamou, e ficou todo mundo procurando Ronald assim olhando(risos) e eu nem ai, imagina eu sou Rayane.”*

**Ariel** –*“Esse role de médico é muito, muito, muito complicado, porque a gente ainda tem um viés muito grande biológico e esse viés ele tem que ser desconstruído. Porque a gente tem homens trans e esses homens trans eles engravidam, então a maternidade não é uma coisa só de mulheres, a gente tem homens trans que menstruam, então ginecologistas não é uma coisa só de mulheres, e a gente tem muitos processos disso porque, é dado caracteres de biologia, então é muito complicado quando eu vou ao médico, e o meu corpo é trans né. Mais ele quer dar o meu corpo como biologicamente masculino, não meu corpo é de uma mulher, meu corpo biologicamente é um corpo feminino e ponto. Lide com isso, lide que o corpo de uma mulher com “pau”. Há um corpo feminino com “pau”, há um corpo masculino com vagina, e então a gente tem um sistema muito genitalista. E muito cisgênero, então é muito complicado ir no médico por causa disso, por que daí tem um formulário e no formulário está escrito ali[perguntas sobre homem e mulher]*

**Aryan** - *“me diz que em seus documentos nenhum possui o Nome Social, eu pergunto se Aryan sempre fala que tem Nome Social e para chamá-lo dessa forma ele me diz que sim. “*

É interessante porque aqui pode-se observar que mesmo quando as pessoas percebem e olham nos documentos da pessoa e vê que o gênero ali não condiz com ele (a) não há aquele cuidado de perguntar, como você gostaria, ou como você quer eu te chame? Isso já traz um respeito imenso para quem é transexual ou travesti ali ele (a) vê que a pessoa a respeitou como ela é. Isso é primordial para o (a) transexual porque o nome é a porta de entrada para qualquer lugar.

Nos espaços educacionais isso também não é muito diferente, os transexuais encontram algumas barreiras também em relação ao uso do Nome Social, que é a forma que as pessoas trans vão se reconhecer em qualquer lugar. Muitas vezes querem proibi-los de usar o banheiro no qual se identificam, seja feminino ou masculino. Observe os depoimentos dos entrevistados:

**Rayane**—*“Não, quando eu tava... ai eu não me lembro. Pergunto se eles[amigos de escola]sempre a chamaram de Rayane, **pergunto com que idade mais ou menos que eles**[as pessoas do convívio da entrevistada]começaram a chama- lá de Rayane? A o povo [as pessoas que ela convive]começou a me chamar de Rayane, foi com 12 anos foi no comecinho que eu virei trans mesmo, foi com 12 anos; comecei a usar roupa de mulher, deixei o cabelo crescer, ai desde dai que foi começando então, faz 10 anos. Ai de 15 agora de agosto fez 10 anos que eu virei, **digo pra ela nossa que legal, antes disso então eles te chamavam pelo seu nome de batismo, ela** [Rayane]me diz que sim. Nossa quando foi acontecer essas coisas de eu ser trans, foi quando eu estava na 8° série na [escola], que uma supervisora lá veio querer falar as coisa pra mim, que eu não podia usar o banheiro de mulher, que eu tinha que usar o de homem porque eu era homem. Mais ai minha [mãe]foi lá deu bafo dai mudou tudo, mais foi só nisso que foi uma mulher ainda só. **Falo que nessa época as pessoas não sabiam muito bem o que era o Nome Social, como agora é um Decreto de lei, se você se intitula mulher você é mulher, você pode usar o banheiro feminino, ela concorda comigo**(risos) **digo que ainda bem que agora temos uma lei pra isso, ela** [Rayane] fala pior mesmo, graças a Deus.”*

**Aryan**–“*Eu ainda não era assumido não, como era a relação dos colegas dos professores da escola com você era normal? Normal, pergunto e depois que você assumiu, falou que você era trans, você já passo a usar o nome? Aryan me responde que já, pergunto se ele [Aryan] me escolheu o nome que queria ser chamado, ele [Aryan] me disse que sim. Quando ele estava finalizando a escola assumiu sua transgeneridade no final do terceiro ano do ensino médio.*”

**Ariel**–“*Falo pra ela [Ariel], apesar de que seu nome já é Ariel, ela [Ariel] fala é “meu nome sempre foi Ariel”, pergunto se eles [as pessoas do seu convívio] já a tratavam no feminino ou masculino ? Ariel me fala então “ no ensino médio sempre foi no masculino porque eu ainda não tinha uma consciência de gênero, não tinha uma consciência de que, aquele gênero que eu estava ocupando foi imposto e não era o que eu queria. Eu fui tendo consciência disso depois que eu passei ensino médio, assim passei pro, pelo técnico, eu sou formada em jurídico, e administração técnicos, então foi muito em técnicos esse processo, esse processo de técnico que eu sofri transfobia. Me lembro assim, eu estava fazendo administração ano passado [ 2018] e foi bem no período que eu estava transicionando porque eu me transicionei ano passado, porque faz um ano, ano que estou transicionando é quer dizer que eu me transicionei, é eu lembro que era proibida de usa o banheiro feminino, tinha de me tratar no masculino, mesmo eu pedindo e eles sabendo que eu pedia pra me tratar no feminino...Eu sempre que uma vez eu passei por uma situação que uma sala, eu sou formada em jurídico, mas depois que eu me formei em jurídico eu fiz administração. E tinha uma sala do jurídico, enquanto eu já estava fazendo administração, se reuniu e abriu uma discussão se eu podia ou não usar o banheiro feminino. E eu não estava presente nessa sala. Falo pra ela [Ariel] que se já que eles [os alunos da escola] estão tratando dela [Ariel], nada melhor do que ela [Ariel] estar presente na discussão, ela [Ariel] como a maior interessada tinha que estar presente. Ariel me fala que eles trataram de um direito dela, de um assunto que só me interfere (reação de espanto) em*

*uma aula e isso foi dado como natural; como se fosse natural. Ai eu lembro que eu fui chamada na coordenação e eu estava sendo interrogada, porque eu estava usando o banheiro feminino. **Falo pra ela [Ariel] mais se ela [Ariel] é feminina, se reconhece como uma mulher ela [Ariel]vai usar o banheiro feminino.***”

As pessoas querem ficar questionando os transexuais em relação ao uso de banheiros, eles (as) tem que fazer uso do banheiro do gênero o qual se reconhece ou se identifica. As pessoas nesse conservadorismo, nesse senso comum, estão se tornando egoístas não se importam com o direito e os sentimentos das outras, se fala muito de empatia, mais não vemos as pessoas sendo empáticas umas com as outras, quase nunca, principalmente no caso de um transexual.

Já o convívio social, entre as pessoas próximas, famílias e vizinhos e amigos foi observado nas entrevistas que é bem diferente, se tem uma relação afetuosa de carinho, respeito, de se colocar no lugar do outro, não julgam a sexualidade das pessoas.

**Rayane**–“A é tudo tranquilo também aqui é tudo louco (risos) brinco com ela que família boa é família louca, ela concorda comigo e diz que é bem isso mesmo( risos) Se não for louca nossa senhora(risos) falo que é verdade mesmo.”

**Aryan** –“(...) diz que é normal, **pergunto se todos o chamam pelo seu Nome Social**, ele [Aryan] **me diz que sim**, **perguntei se ninguém faz piadinhas, coisas desse tipo com ele**, *ele disse que não, alguma vez eles já te chamaram pelo seu nome de batismo? É antes de falar que eu sou trans não, mais se algum deles do seu convívio dos seus amigos te chamar, você se sentiria mal? Sim eu me sentiria me fala.*”.

**Ariel**–“É, como meus vizinhos, é bem fechado né, eu não tenho convívio muito aberto com meus vizinhos. Eu sempre morei desde criança na mesma casa, é eu não tenho contato muito íntimo com meus vizinhos, tem um contato de respeito, eu por eu também não ficar circulando no meu bairro, sempre que eu círculo é pra poder sair

*dele, pra ir pras zonas mais centrais da cidade. E com os meus amigos, eu sempre tenho amigos, é que entendem do meu processo, que entendem o que eu passo. É lógico que uma vez ou outra tenho que fazer aquele papel chato de corrigir, de ter que chamar a atenção, ter que explicar porque aquela piada não é engraçada, por que aquela piada é transfóbica e ai acaba ficando um pouco sendo exaustivo. **Falo pra ela que quem faz a piada não tem a noção da gravidade do impacto que tem na vida do outro (a).** Ariel concorda e me fala que a pessoa não imagina como ela atinge nossos corpos entendeu e então é tipo uma relação de conversa sempre. Tanto com a minha família como com os meus amigos, com os meus vizinhos eu acho que independente não tem essa relação tipo, eles não tem isso de me tratar porque eu não tenho conversa, não tem diálogo sabe, não tem um meio de contato.”*

## **Entendendo um pouco sobre o Decreto de Lei**

O Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016, vem para garantir que os transexuais tenham o direito de ser reconhecidos como eles são, pelo nome o qual eles (as) se apresentam na sociedade. O Nome Social traz uma sensação de conforto e dignidade para os transexuais e travestis que fazem uso, assim se reconhecem como pessoas que são.

Todo cidadão tem direito de escolher a forma como deseja ser chamado. Assim definiu o Supremo Tribunal Federal nesta quinta-feira (1º/3), por unanimidade, ao reconhecer que pessoas trans podem alterar o nome e o sexo no registro civil sem que se submetam a cirurgia. O princípio do respeito à dignidade humana foi o mais invocado pelos ministros para decidir pela autorização. (POMPEU, 2018, p.1).

Segundo o Superior Tribunal de Justiça, no ano de 2017, a 4ª turma que concluiu que a identidade psicossocial prevalece em relação à identidade biológica, não sendo a intervenção médica em órgãos sexuais um requisito para a alteração de gênero em documentos públicos. (ANTUNES, 2018)

Pode-se notar que as pessoas trans já estão atuando em vários lugares com as suas identificações e os nomes que as representam, como no Exame Nacional do

Ensino Médio – ENEM. Nas matrículas escolares ou universitárias, e também na Ordem dos Advogados do Brasil OAB que já aceita essa prática do Nome Social desde o ano de 2017 e isso está cada vez mais se avançando (ANTUNES, 2018)

O Tribunal Superior Eleitoral colocou em vigor cotas para candidatos de partidos políticos, que são de gênero e não de sexo. Com isso as pessoas transgêneras podem ser consideradas de acordo com o gênero no qual ela se identifica seja homem ou mulher. Segundo a Procuradoria-Geral da República também passou a permitir que funcionários se identifiquem da maneira como escolherem. Isso tudo para os trans é um ganho enorme, pois eles estão conquistando seus lugares, em meio a muitas lutas. (ANTUNES, 2018)

Muitos ainda perguntam como fazer a retificação do nome cível e a mudança de gênero em documentos públicos. Essa é uma dúvida muito frequente entre os transexuais que não tem acesso a essas informações.

A troca do nome do registro de nascimento nos cartórios para Nome Social passou a ser um direito garantido após uma decisão do Supremo Tribunal Federal e regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça no ano de 2018. Os transexuais e travestis que tenham vontade de mudar seu nome e gênero nas documentações do seu nascimento pode procurar qualquer cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais (RCPN) do Brasil sem precisar ser acompanhado de advogado para isso.

Segundo o Supremo Tribunal Federal (STF) em março de 2018 chegou a decisão de que não se precisa mais de autorização judicial, ou qualquer outro documento, como laudos, ou comprovação médica de cirurgia de redesignação sexual para dar andamento a esses processos. Para chegar a essa decisão, a maioria dos ministros trouxeram o princípio da dignidade humana para que as pessoas trans tivessem o direito de adequar as informações de sua identificação civil a identidade auto percebida pelas pessoas trans.

Em junho passado, a Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça publicou uma norma que estabelece as regras para que a mudança na certidão de nascimento ou casamento possa ser feita diretamente nos cartórios de todo o Brasil. Desde então, pessoas maiores de 18 anos podem requerer a alteração desses dados, desde que tenham capacidade de expressar sua vontade de forma inequívoca e livre.

Para menores de 18 anos, a mudança só é possível na via judicial (COMO TROCAR o nome social nos cartórios: o passo a passo para pessoas trans. Direito foi garantido por decisão do Supremo Tribunal Federal e regulamentado pelo CNJ no ano passado, 2019, p. 1).

Alguns Estados já tinham feito antecipadamente suas regras para seus cartórios antes da padronização do CNJ esses estados foram: São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás, Rio Grande do Norte, Pará, Pernambuco, Sergipe, Ceará e Maranhão. Segundo dados levantados pela Associação dos Registradores de Pessoas Naturais - ARPEN, em São Paulo esse processo foi regulamentado em maio de 2019 já eram 1.160 pessoas transexuais que já haviam alterado seus nomes até o início de novembro. (ANTUNES, 2018)

Segundo a advogada Maria Eduarda Aguiar apud Antunes (2019), presidente da ONG Grupo Pela Vida, antes da decisão do Supremo Tribunal Federal – STF e do provimento do CNJ as pessoas trans que quisessem alterar seus registros tinham que entrar com medida judicial para isso, mas alguns Magistrados entendiam que as pessoas só poderiam retificar o nome se tivesse passado pela cirurgia de redesignação no SUS e por outro lado outros magistrados entendiam que não era necessária a cirurgia para alterar apenas o nome, pronome, mas para que fosse alterado o gênero sim. Não se tinha um padrão de documento para apresentar a justiça para a mudança de nome, alguns juízes exigiam laudos, fotografias, exigiam que as pessoas passassem por uma perícia judicial que tinha até psiquiatra para de fato atestar que eles (as) eram uma pessoa transexual completa. Isso tudo fazia o processo ficar extremamente demorado que muitas vezes durava de 2 a 3 anos. Para uma pessoa trans isso é desesperador, esses anos todos de espera para mudança de nome. Agora conforme a regulamentação legal podem ser alterados, o pronome, <sup>6</sup>agnomes indicativos de gênero como: filho, Junior, neto, sobrinho etc. e o gênero em certidões de nascimento e de casamento (com a autorização do cônjuge). (ANTUNES, 2018)

---

<sup>6</sup>**Agnome:** O Agnome tem a função de diferenciar pessoas da mesma família que possuem o mesmo prenome e sobrenome. São nomes do tipo: Filho, Neto, Sobrinho. **Exemplo:** os nomes do tipo: Filho, Neto, Sobrinhos são agnomes. **Fonte:** Dicionário Informal: Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/agnome/>>. Acesso em 18 nov. 2019.

Com as regras do CNJ não há mais necessidade de se passar pela justiça, mas há um processo administrativo no cartório que deve ser feito, não é algo muito simples. Veja aqui a lista de documentos exigidos para esse processo, é uma lista bem extensa e tem como custo um valor aproximado de trezentos reais, no caso do estado de São Paulo, pois varia dependendo do estado também.

<b>Documentos necessários:</b>	<b>Certidões:ATENÇÃO: Elas devem ser dos locais de residência dos últimos cinco anos.</b>
Certidão de nascimento atualizada;	Certidão do distribuidor cível (estadual/federal)
Cópia do RGão de casamento atualizada, se for o caso;	Certidão do distribuidor criminal (estadual/federal)
Cópia da identificação civil nacional (ICN) se for o caso;	Certidão de execução criminal (estadual/federal)
Cópia do passaporte brasileiro se for o caso;	Certidão dos tabelionatos de protestos;
Cópia do CPF	Certidão da Justiça Eleitoral
Cópia do título de eleitor;	Certidão da Justiça do Trabalho
Cópia de carteira de identidade social se for o caso	Certidão da Justiça Militar, se for o caso.
Comprovante de endereço	

Essa regulação nacional do procedimento completou 7 meses na segunda feira dia 28 de agosto de 2019, porém a população trans ainda encontra muitas dificuldades para que seu direito seja efetivado quando vai ao balcão dos cartórios, muitas vezes há falta de informação e também dificuldade no acesso de documentos por falhas no atendimento. Segundo o levantamento feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA e o Instituto Prios de Políticas Públicas e Direitos. (ANTUNES, 2018 p. 1)

Para as pessoas que não possuem renda, este processo administrativo pode ser realizado gratuitamente. A gratuidade deve ser solicitada diretamente no cartório, tendo em mãos a declaração hipossuficiência<sup>7</sup>, para esse procedimento, não é

<sup>7</sup>**Hipossuficiência** - Situação em que um indivíduo se encontra carente, ou desprovido, parcial ou totalmente, de algo. **Exemplo:** O desemprego pode gerar hipossuficiência financeira. **Fonte:**

necessária a assessoria por parte da Defensoria Pública. Porém existem casos que, mesmo que não se faça necessário, os cartórios exigem o ofício de gratuidade que é emitido pela Defensoria Pública como uma forma de comprovante. Não se tem um prazo estipulado para que o documento fique pronto, a pessoa aguarda que o órgão entrará em contato quando estiver o processo concluído. (ANTUNES, 2018, p. 1).

Já para fazer a inclusão do Nome Social no Cadastro de Pessoas Físicas-CPF, basta ir a uma unidade da Receita Federal e pedir para que faça a inclusão, o cadastro é feito na hora e no CPF da pessoa acompanhado do Nome Civil. Comprovante de Inscrição e Comprovante de Situação Cadastral no CPF.

As orientações foram divulgadas nesta quinta-feira (20/7) pela Receita Federal, após a publicação no Diário Oficial da União. Decreto publicado em abril de 2016 pela então presidente Dilma Rousseff estabelece que órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional devem adotar o nome social da pessoa travesti ou transexual, de acordo com seu requerimento. O decreto estabeleceu prazo de um ano para órgão e entidades se adequarem à norma. O texto assegura a travestis e transexuais o direito de requerer, a qualquer momento, a inclusão de seu nome social em documentos oficiais e nos registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Com informações da Agência Brasil.(DIREITO REGULAMENTADO: travestis e transexuais poderão incluir nome social no CPF, 2017, p. 1).

Depois do Decreto de Lei os (as) transexuais e travestis tem esse direito assegurado, sobre a inclusão do Nome Social em todos seus documentos oficiais e também em quaisquer outros cadastros nos quais precisar se registrar.

Nesse capítulo foi tratado tudo que os (as) transexuais e travestis e qualquer outra pessoa, que tenha interesse em saber sobre o tema abordado, precisam saber sobre o que é o Decreto que dispõe do uso do Nome Social, como funcional, quais direitos garante, trago aqui também sobre as documentações necessárias para que se possa fazer a mudança do nome, evidencie quais os documentos necessários

para isso. No caso se o (a) transexual ou travesti não possuir meios financeiros para fazer a retificação do não explico, como pode ser feito gratuitamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho refere-se às dificuldades encontradas pelos (as) transexuais no descumprimento do Nome Social pelo Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 por parte das instituições e sociedade quanto ao uso do nome social.

A pesquisa mostrou que as dificuldades encontradas pelos (as) transexuais, foi que eles (a) não se sentem respeitados como pessoas transexuais, que a maioria dos médicos não sabe lidar com uma pessoa transexual, porque o médico fica sem saber como lidar com a situação e para isso basta apenas ele (a) perguntar como a pessoa gostaria de ser chamada (o), que fica mais fácil.

As pessoas precisam ter um conhecimento sobre o Decreto, e os médicos deveriam ter mais empatia pelas pessoas que passam no Sistema Único de Saúde SUS, mas isso também tem a ver com o conceito de sociedade que vivemos, pois a sociedade é extremamente conservadora, e as pessoas tem dificuldade em perguntar como o outro (a) gostaria de ser chamado (a), pelo fato de acreditar que a pessoa vai se sentir constrangida por isso. A sociedade age com senso comum, nasceu homem tem que ser homem, nasceu mulher tem que ser mulher, assim rotulando as pessoas pelo seu sexo biológico.

No convívio familiar as pessoas respeitam eles (as) e chamam pelo Nome Social, falta conhecimento sobre o tema, a questão de “gênero” precisa ser mais discutida dentro das instituições, pois a dificuldade de perguntar para um transexual como ele gostaria de ser chamado é bem difícil, as pessoas tem um estranhamento em relação ao transexual, como se ele não fosse uma pessoa como qualquer outra.

Por isso por muitas vezes os (as) transexuais procuram médicos específicos como por exemplo um clínico geral, endocrinologista para evitar esse constrangimento a que são submetidos(as). A questão de gênero ainda está presa na questão do masculino e feminino, ainda se tem muito esta visão, quando chega um (a) transexual ao médico se pergunta “e agora como eu faço?” porque até mesmo ele fica perdido sem saber como agir naquela situação.

Outra dificuldade para os (as) transexuais é em relação ao uso dos banheiros, nas entrevistas ficou evidente que os (as)trans não podem passar a usar o banheiro do gênero no qual se identificam quando fazem uso do Nome Social. E mesmo com o Nome Social constando em seus documentos públicos ainda assim são barrados em banheiros, as pessoas, acham ruim, não querem que eles (as) usem o banheiro do gênero o (a) qual se reconhece, e o que o Decreto também vai trazer essa garantia aos transexuais sobre o uso dos banheiros.

Nos espaços educacionais quando o(a) transexual faz uso do Nome Social deve comunicar a secretaria da instituição a qual estuda e solicitar a inclusão do Nome Social e a exclusão do nome de registro civil, para que todos os documentos que tenham relação com a faculdade saiam com o nome no qual ele (a) se reconheça como pessoa, pois agora é lei, porém há locais que já se adaptaram e aderiam a lei corretamente e outros ainda não. Os lugares que ainda não fazem, é preciso procurar saber o porquê de não estar fazendo, orientar as instituições sobre o Decreto de lei esclarecendo que os (as) transexuais tem direitos de serem chamada pelo nome que as representam e usar o banheiro no qual, elas se identificam, é considerá-la com dignidade como qualquer outra pessoa tem.

No convívio dos (as) trans com os amigos, parentes, vizinhos há o sentimento de respeito, apesar de ter sempre um familiar que não aceita, ele respeita, mas sempre fica a pergunta “mas você nasceu homem e virou mulher, por quê?” Foi observado que não há imposição de ideias, não concordam, mas ainda sim respeitam.

Conclui-se que falar de gênero é algo bem complicado, é complexo porque envolvem muitas questões de ordem cultural, social e a cada hora você descobre outras que não sabia, quanto mais se pesquisa, mais se descobre sobre a questão de gênero que nunca se ouviu falar ou se discutiu, porque não tem nada muito fechado ainda sobre esse tema, porque gênero é algo que ainda está sendo construído. O Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 que dispõe do uso do Nome Social ainda é desconhecido por muitas pessoas, instituições e serviços. É preciso falar mais, discutir mais esse assunto, que causa grande desconforto e insegurança aos transexuais, que não se sentem respeitados como pessoas, o nome de registro

civil não os representa e sim o Nome Social, o que para alguns pode ser balela, para um (a) travesti ou transexual é o que vai trazer dignidade para a sua vida, pois o nome é a porta de entrada para tudo que vamos fazer em nossa vida.

Para mim essa pesquisa trouxe como contribuição um entendimento melhor sobre gênero, o Movimento LGBTQ, o significado das siglas utilizadas para diferenciar as pessoas umas das outras, podendo assim entender melhor como se dá a questão dos (as) trans, muitas vezes julgamos as pessoas sem saber, sem conhecer, julgamos a transexualidade, a sexualidade das pessoas sem entender o porque as pessoas são o que são e não cabe a ninguém julgar se era homem e virou mulher e vice e versa, nosso papel é respeitar e entender que existe a diversidade.

A contribuição desta pesquisa para o assistente social é que todos devem ter conhecimento sobre gênero, transexualidade. Os direitos de um (a) transexual são, os mesmo direitos do que qualquer outra pessoa, cisgênera, pangêra, binário, não binário, os direitos são os mesmos, porém pelo fato de ser transexual, a sociedade não reconhece os seus direitos. Na atuação do assistente social é importante refletir com ele o seu cotidiano, como enfrentar a discriminação e o preconceito e mais refletir esta questão entre os profissionais, o (a) transexual é uma pessoa como qualquer outra que necessita de um atendimento. Cabe a nós perguntar como o transexual gostaria de ser chamado (a), trata-lo(a) sempre pelo nome com educação, dignidade e respeito, sem pré-julgamentos.

Diante deste tema complexo penso que deve ser mais trabalhado e falado em diversos espaços. No que se refere aos serviços de saúde, o tema precisa ser mais discutido e divulgado, os próprios médicos devem buscar aprofundar mais sobre o tema para saber lidar com um corpo, com um (a) transexual, tem dúvidas pergunta para o paciente, porque ele (a) vai saber falar bem sobre seu corpo. Há necessidade de se ampliar o estudo sobre gênero na medicina, porque o sistema é falho e o atendimento aos transexuais também. É um direito de todos e dos transexuais ter um atendimento de qualidade.

As instituições de ensino que ainda não adeririam ao uso do Nome Social precisam saber o que é e compreender que é um direito garantido por lei o (a) travesti ou transexual usarem e serem chamados pelo nome o qual as(os)representa e traz dignidade como pessoa.

Gênero é um tema extremamente atual, que está em todos os lugares e ainda sim é tratado com um estranhamento, isso precisa ser falado e trabalhado diariamente para que possamos ser uma sociedade justa e igualitária onde o transexual seja tratado independentemente de tudo como pessoas.

## REFERÊNCIAS

- AGNOME. **Dicionário Informal**, 4 set. 2010. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/agnome/>>. Acesso em 18 nov. 2019.
- ALICE, APUD MOURA, Julia. 7 conquistas – e um grande desafio – dos LGBT nos últimos 20 anos. *Veja*, 16 jun. 2017. Brasil, Ciência. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/7-conquistas-e-um-grande-desafio-dos-lgbt-nos-ultimos-20-anos/>>. Acesso em: 28 out. 2019.
- ANTUNES, Leda. Como trocar o nome social nos cartórios: o passo a passo para pessoas trans. **HUFFPOST**, 31 jan. 2019. LGBT. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/como-alterar-nome-social\\_br\\_5c508061e4b00906b26da42e](https://www.huffpostbrasil.com/entry/como-alterar-nome-social_br_5c508061e4b00906b26da42e)>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. ANTRA realiza seu 23º Encontro Nacional de travestis e transexuais em Tapes/Rs. ANTRA, 29 nov. 2019. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/noticias/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. ver p. 76 e 77 <https://antrabrasil.org/antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- ÍNDICE de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>: Acesso em 29 nov 2019.
- NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- BARBOSA, Patrícia Candido. Comunidade LGBT vive tensão diante da ascensão do conservadorismo. **Humanistas: Jornalismo e Direitos Humanos: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 24 jan. 2019, p. 1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2019/01/24/comunidade-lgbt-vive-tensao-diante-da-ascensao-do-conservadorismo/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Gramond, 2006. (Sexualidade, Gênero e Sociedade).
- BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Agrário. **Garantia da utilização do nome social para pessoas travestis e transexuais**. Brasília, 2013. Disponível em: <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Folders/cartilha\\_nome\\_social.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Folders/cartilha_nome_social.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2019.

CABETTE, André Fábio. A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro. **NEXO**, São Paulo, 17 jun. 2017. Explicado, p. 1. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CAESAR, Gabriela. Quase 300 transgêneros esperam cirurgia na rede pública 10 anos após portaria do SUS. **G1**, 19 ago. 2018. Ciência e Saúde. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/08/19/quase-300-transgeneros-esperam-cirurgia-na-rede-publica-10-anos-apos-portaria-do-sus.ghtml>>. Acesso em: 28 nov. 2019.

COMISSÃO NACIONAL DE INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO SUS. **Proposta de elaboração escopo**: protocolo clínico e diretrizes terapêuticas hormonioterapia no processo transexualizador. Brasília, 2017. p. 3. Disponível em: <[http://conitec.gov.br/images/Enquete/Proposta\\_Escopo\\_PCDT\\_Hormonioterapia.pdf](http://conitec.gov.br/images/Enquete/Proposta_Escopo_PCDT_Hormonioterapia.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2019.

CONCEITO de individualista, 2019, p 1. Disponível em: <<https://conceito.de/individualista>>. Acesso em 28 out. 2019.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Tradução: Rita Correia Guedes. 1970, p. 1. Disponível em: <[http://stoa.usp.br/carloshgn/files/3553/19244/%20sartre\\_exitencialismo\\_humanismo.pdf](http://stoa.usp.br/carloshgn/files/3553/19244/%20sartre_exitencialismo_humanismo.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2019.

CAIXA ZERO. Expectativa de vida dos transexuais no Brasil é de 35 anos. **Gazeta do Povo**, Curitiba, PR, 26 jun. 2017. p. 1. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/caixa-zero/expectativa-de-vida-dos-transexuais/>>. Acesso em: 16 maio 2019.

DIREITO regulamentado: travestis e transexuais poderão incluir nome social no CPF. **Consultor Jurídico**: Conjur, 20 jul. 2017, p. 1. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-jul-20/travestis-transexuais-incluir-nome-social-cpf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ENTENDA a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, 2018 p. 69.

FAERMANN, Lindamar Alves. Teoria social de Marx: conhecimentos e contribuições ao trabalho do assistente social.

**Serviço Social em Revista**: Universidade Estadual de Londrina, Londrina, v. 18, n. 2, p. 34 - 51, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/download/22804/19101>>. Acesso em: dia?? ano?? p. xxx??.

FERREIRA, Marcos Lion e Silva, ABADIA Altina da Silva. Identidade de gênero e população LGBT. In: DEUSIVAM, Antonio de Oliveira, ROSALINO Cristiano Braule Pinto (Orgs.). **Trans Políticas Públicas**. Papel Social: Campinas, 2017. p. 49-70.

GALLI, Gabriel. Gabriel Galli fala sobre ser LGBT em um país LGBTfóbico. **Alguémavisa**. 2018. Disponível em: <[alguemavisa.com.br/2018/10/14/gabriel-galli-fala-sobre-ser-lgbt-em-um-pais-lgbtfofico/](http://alguemavisa.com.br/2018/10/14/gabriel-galli-fala-sobre-ser-lgbt-em-um-pais-lgbtfofico/)>. Acesso em: 15 nov. 2019.  
HETEROCISNORMATIVIDADE. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/heteronormatividade>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

HIPOSSUFICIÊNCIA. **Dicionário Informal**, 5 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/hipossufici%C3%Aancia/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

HUMANIZAÇÃO e assistência hospitalar. **Santa Casa Lorena**. Humanização, 2014. Disponível em: <<http://www.santacasalorena.org.br/institucional/humanizacao>>. Acesso em: 16 abr. 2019

(IBGE). (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013- 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>: Acesso em 18 nov 2019.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**. Cidades e estados. Lorena. p. 1, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/lorena.html>>. Acesso em: 18 maio 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013- 2016, P. 42

LIMA FILHO, Luiz Medeiros de Araújo. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Estatística Amostragem. Slides. Disponível em: <<http://www.de.ufpb.br/~luiz/Adm/Aula9.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2109.

LOTTI, Paulo. LGBTIs eram únicos sem lei protetiva. **Radis Comunicação e Saúde**. 1 jul. 2019. Entrevista realizada por Bruno Dominguez. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/lgbtis-eram-unicos-sem-lei-protetiva>>. Acesso em: 28 nov. 2019.

MALUF, Vladimir. Excluídas do mercado de trabalho, travestis encontram sustento e aceitação na prostituição. **BOL Notícias**, 1 dez. 2011. Entretenimento. p. 1. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2011/12/01/vitimas-de-preconceito-travestis-encontram-na-prostituicao-o-sustento-e-a-aceitacao.jhtm>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MEDEIROS, Janio. A sociedade que vivemos. **Reflexão todos os dias**. 14 jul. 2011. Disponível em: <<http://janiomedeiros.blogspot.com/2011/07/sociedade-de-vivemos.html>>. Acesso em: 26 out. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed., Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-29.

Disponível em:

<[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf)>. Acesso em: 8 maio 2019.

MISÓGINA. **Dicionário Informal**, 8 jul. 2008. Disponível em:

<<https://www.dicionarioinformal.com.br/misoginia/>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MOTA, Hugo. "O que é IDH?"; **Brasil Escola**. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-idh.htm>>. Acesso em: 30 de maio 2019.

MOURA, Julia. 7 conquistas – e um grande desafio – dos LGBT nos últimos 20 anos. **Veja**, 16 jun. 2017. Brasil, Ciência. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/ciencia/7-conquistas-e-um-grande-desafio-dos-lgbt-nos-ultimos-20-anos/>>. Acesso em: 28 out. 2019.

NOME SOCIAL. **USP Diversidade**. Nome Social, p. 1, 2019. Disponível em:

<<http://prceu.usp.br/uspdiversidade/nome-social/>>. Acesso em: 3 maio 2019.

O QUE significa a sigla LGBTQ+ e quais são as outras siglas utilizadas?

**Medium.com**. 25 ago. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@pinkads/o-que-significa-a-sigla-lgbtq-e-quais-s%C3%A3o-as-outras-siglas-utilizadas-e3db6ec5181f>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PARKER, Richard; AGGLETON; Petter. **Estigma, Discriminação e Aids**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2001. p. 16. (Coleção ABIA: Cidadania e Direitos, n. 1). Disponível em:

<[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/colecao%20cidadania%20direito.pdf)>. Acesso em: 16 maio 2019.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação & Sociedade**: UNICAMP, Campinas, SP, v. 28, n. 100, p. 763-785, out. 2007. Disponível em:

<<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1012.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

POMPEU, Ana. Direito à autodeterminação: STF autoriza pessoa trans a mudar nome mesmo sem cirurgia ou decisão judicial. **Consultor Jurídico: Conjur**. 1 mar. 2018, p. 1. Disponível em:

<<https://www.conjur.com.br/2018-mar-01/stf-autoriza-trans-mudar-nome-cirurgia-ou-decisao-judicial>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TRANSFEMINISMOS, feminismo intersional relacionado as questões trans, a transexualidade dentro da sociedade, 2016. P. 76.

REIS, Toni. ABGLT: vitória da igualdade de direitos. **VIO MUNDO**, 5 maio 2011, p. 1.

Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/abglt-vitoria-a-igualdade-de-direitos.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SERVIÇO SOCIAL está na luta pela visibilidade trans. **CFESS**, Brasília, 29 jan. 2019, p. 1. Disponível em:

<<http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1538>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

‘SOU homófico, sim, com muito orgulho’, diz B|olsonaro em vídeo. **CATRACA LIVRE**, 21 out. 2019. Cidadania. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>>. Acesso em: dia 08 nov 2019.

SOUZA, Regina Célia. Atitude, Preconceito e Estereótipo. **Brasil ESCOLA**. Psicologia, 2018, p. 1. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/atitude-preconceito-estereotipo.htm>>. Acesso em: 8 maio 2019.

SUS poderá fazer cirurgia de pessoas que nascem com o sexo feminino e assumem identidade masculina. **G1**, Rio de Janeiro, 24 jun. 2019. Ciência e Saúde. p. 1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/06/24/ministerio-da-saude-inclui-redesignacao-sexual-no-sexo-feminino-entre-os-procedimentos-do-sus.ghtml>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

TRAVESTIDO. **Dicio: Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/travestido>>. Acesso em: 8 maio 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, p 146: Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod\\_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf)>. Acesso em: 8 maio 2019.

VEXATÓRIO. **Dicionário Informal**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ALENCAR, Paulo. Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual 19 mar. 2018. Artigos. Disponível em: <<https://psicologopauloalencar.com.br/entenda-a-diferenca-entre-sexo-biologico-identidade-de-genero-expressao-de-genero-e-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

BRASIL. Ministério de desenvolvimento Social e Agrário. **Garantia de utilização do Nome Social para pessoas travestis e transexuais**. Brasília, [2001?]. Disponível em: <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Folders/cartilha\\_nome\\_social.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Folders/cartilha_nome_social.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CASAMENTO homoafetivo: amor, visibilidade e cidadania. **Agência IBGE Notícias**. Revista Retratos. 12 jul. 2019, p. 1. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19610-casamentohomoafetivo-amor-visibilidade-e-cidadania>>. Acesso em: 28 out. 2019.

CEREONI, Clara. Sem diretrizes claras no governo Bolsonaro, LGBT temem violência e descaso. **Revista Exame**, São Paulo, 15 jan. 2019. Brasil, p. 1.

Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/sem-diretrizes-claras-no-governo-bolsonaro-lgbt-temem-violencia-e-descaso/>>. Acesso em: 28 out. 2019.

DIAS, Dandara Oliveira. A transexualidade dentro da sociedade. **Transfeminismos: feminismo intercional relacionado as questões trans. Transfeminismo**, 17 ago. 2016, p. 1. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/a-transexualidade-dentro-da-sociedade/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FIGUEIREDO, Patrícia. Índice de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos. **G1**, Rio de Janeiro, 25 maio 2019. Ciência e Saúde, p. 1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2019.

NUNES, Tereza. Identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico. **Pontobiologia**. 8 ago. 2018. Disponível em: <<https://pontobiologia.com.br/identidade-de-genero-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

QUAL A diferença entre travesti e transexual? **G1**. Bem Estar GNT, 23 mar. 2013. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/bem-estar/materias/qual-a-diferenca-entre-travesti-e-transexual-especialista-esclarece.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TOLLER, Luiza. Entenda o veto ao nome social de pessoas trans em serviços públicos em SC. **Revista AZMINA**, 17 jan. 2019. Política. p. 1. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/entenda-o-veto-ao-nome-social-de-pessoas-trans-em-servicos-publicos-em-sc/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LEITE, Hellen. Transexual, travesti, dragqueen... qual é a diferença? que T é esse? **Correio Braziliense**, 2017. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexual-travesti-drag-queen-qual-e-a-diferenca>>. Acesso em: 31 maio 2019.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BENEVIDES, Bruna. Precisamos falar de suicídio das pessoas trans. **ANTRA: Antra Associação Nacional de Travesti e Transexuais**. Saúde, 26 jun. 2018. p. 1. Disponível em: COMPLETAR A REFERÊNCIA

BRASIL. Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015. Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Disponível em: <<http://www.saude.sp.gov.br/resources/crh/gsdrrh/supervisao-escolar/a4/resolucao12de16dejaneirode2015.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**: UEL, v. 3, n. 2, p. 201-214, 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n2v3.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

CRUZ, Suzyelaine Tamarindo Marques da; ESPÍNDULA, Daniel Henrique Pereira; TRINDADE, Zeidi Araújo. Violência de gênero e seus autores: representações dos profissionais de saúde. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 22, n. 3, p. 555-567, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v22n3/2175-3563-psuf-22-03-555.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019

DIFERENÇAS de gênero na organização social da vida pública e da vida privada. Disponível em: <<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/24/G%C3%AAnero%20-%20texto1.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2019.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: análise de objetivos e de roteiros. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod\\_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf)>. Acesso 31 maio 2019.

O QUE é transexualismo? **FTM Brasil**, 2013. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/brasilftm/definicoes>>. Acesso em: 18 maio 2019.

O QUE é vulnerabilidade social. **Significados**. Geral, out. 2018. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/vulnerabilidade-social>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

TOKUDA, André Masao Peres; SILVA, Caio André. Relações familiares, gênero e emancipação psicossocial. In: II SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina, PR. **Anais.....**, Londrina, PR, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Andre.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2019.

UNESP assegura uso de nome social para transgêneros: resolução é pioneira entre as universidades públicas paulistas. **UnAN**: UNESP Agência de notícias, São Paulo, 5 ago. 2017. Destaques, p. 1. Disponível em: <<http://unan.unesp.br/destaques/27863/unesp-assegura-uso-de-nome-social-para-transgeneros>>. Acesso em: 8 abr. 2019

VIOLÊNCIA social. Enciclopédia sobre o desenvolvimento da primeira infância, 2011-2019. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/violencia-social/sintese>>. Acesso em: 13 maio 2019.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### Roteiro de questões para a entrevista ou questionário

- 1- Qual seu nome, idade, nível de escolaridade?
- 2- Como sua família se dirige a você, pelo seu nome de registro ou pelo nome social? Como é a relação entre sua família e você sobre esse assunto?
- 3- Como é o seu convívio sociais, com amigos, vizinhos?
- 4- Quando você estava no ensino fundamental ou médio como você lidava com essa situação do seu nome de registro civil (“de batismo”)? Como era a relação dos colegas, professores e outros funcionários da escola com você?
- 5- Como você pensa que seria sua vida escolar se já existisse o Decreto referente ao Nome Social?
- 6- Qual seu objetivo ao aceitar participar dessa entrevista?
- 7- Qual o nome pelo o qual você realmente se reconhece?
- 8- Como você se sente quando alguém te chama pelo seu nome de registro?
- 9- Como você se vê como pessoa transexual?
- 10- Qual a importância do Nome Social na sua vida?
- 11- O que você pensa do Decreto que dispõe sobre o uso do nome social?
- 12- Você se sente respeitado como pessoa transexual?
- 13- O uso do nome social trouxe algum benefício para você?
- 14- Como você se sente em relação ao atendimento médico quando precisa?

15- Como é para você como transexual passar por alguma consulta ou realizar algum procedimento médico?

## APÊNDICE B

### Sistematização dos dados da entrevista

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	RAYANE	ARYAN	ARIEL
<p><b>OBJETIVO 1</b></p> <p><b>Levantar as razões que dificultam os (as) transexuais a procurarem serviços médicos atendimento médico principalmente no Sistema Único de Saúde- SUS</b></p>	<p>“É excelente pra mim é sempre foi desde antes deu mudar o nome, e agora também, sempre foi um arraso (risos) (...)”</p> <p>“não ligo pra mim é normal, só assim uma vez eu estava com muita dor, assim sabe ai eu falei eu não vou no médico, (palmas) vou ficar com dor mais eu não vou, porque eu tenho vergonha, imagina se for mulher pior ainda, homem imagina a não vai (risos) não aceito é isso (...)”</p> <p>“(...) vezes as recepcionistas não perguntavam, Rayane me diz que nunca perguntaram pra ela sobre como que ela gostaria, de ser chamada (...)”</p> <p>“Ai uma vez chamou Ronald menina, Ronald todo mundo procurando o Ronald né, brinco com ela e falo a o Ronald foi embora (risos). Eu fiquei paradíssima, não fui só que dai depois não chama mais né, eu disse não mesmo, ai eu fui à recepção de novo ai já era uma amiga minha que estava lá a [amiga] não sei se você conhece ela, digo que conheço sim, a [amiga] Rayane me fala então era ela ai mandei mensagem pra ela no whats; falei miga chamou eu, mais é Rayane não é</p>	<p>“(...) Sim respeitam,...”</p> <p>“(...) Me sinto meio constrangido mas eu, sempre falo meu nome social, tipo em todos lugares que eu vou eu falo meu nome social, dai a pessoa fala que vai respeitar minha o nome social (...)”</p>	<p>“(...) Esse role de médico é muito, muito, muito complicado, porque a gente ainda tem um viés muito grande biológico e esse viés ele tem que ser desconstruído. Porque a gente tem homens trans e esses homens trans eles engravidam, então a maternidade não é uma coisa só de mulheres, a gente tem homens trans que menstruam, então ginecologistas não é uma coisa só de mulheres, e a gente tem muitos processos disso porque, é dado caracteres de biologia, então é muito complicado quando eu vou ao médico, e o meu corpo é trans né (...)”</p> <p>“(...) Mais ele quer dar o meu corpo como biologicamente masculino, não meu corpo é de uma mulher, meu corpo biologicamente é um corpo feminino e ponto (...)”</p> <p>“(...) então a gente tem um sistema muito genitalista. E muito cisgênero, então é muito complicado ir no médico por causa disso, por que dai tem um formulário e no formulário esta escrito ali. A mulher você menstruou, qual seu período de menstruação, você está sentido dores, tem cólica e etc... Ai pros homens você fez teste de próstata tipo assim, ta</p>

	<p>Ronald, imagina, dai ela foi lá falou ai chamou, e ficou todo mundo procurando Ronald assim olhando(risos) e eu nem ai, imagina eu sou Rayane (risos) digo pra ela que está certa em fazer isso é direto dela, ser chamada como se reconhece (...)"</p>		<p>calma etc.. perguntas desse tipo (...)"</p>
<p><b>OBJETIVO 2</b> <b>-Compreender</b> <b>como se dá o uso</b> <b>do nome social</b> <b>nos espaços</b> <b>educacionais.</b></p>	<p>"(...) foi acontecer essas coisas de eu ser trans, foi quando eu estava na 8° serie aqui no Aroldo, que uma supervisora lá veio querer falar as coisas pra mim que eu não podia usar o banheiro de mulher, que eu tinha que usar o de homem porque eu era homem (...)"</p> <p>"(...) que nessa época as pessoas não sabiam muito bem o que era o Nome Social, como agora é um Decreto de lei (...)"</p> <p>"(...) Seria diferente né seria tudo melhor (criança chorando) concordo com ela (risos) digo que seria mais confortável, ela diz sim realmente seria né (...)"</p> <p>"(...) o constrangimento que é você não se sente confortável, porque você não se reconhece com o nome que você tem (...)"</p>	<p>"(...) Não, e seus amigos eles te respeitam bastante então? Sim respeitam, digo pra ele que esse respeito que as pessoas ao redor e aonde ele vai é muito bom."</p> <p>"(...) Quando eu estava na escola já existia esse negocio de nome social, até tinha, teve uma palestra uma vez na escola falando sobre isso, mas eu ainda não tinha noção que eu era trans (...)"</p> <p>"(...) Eu conversei com outras pessoas, que são trans , pesquisei, ai que caiu minha ficha. Pergunto se foi nesse momento que ele teve compreensão que eu era trans, ele diz que é (...)"</p> <p>"(...) Eu ainda não era assumido não, como era a relação dos colegas dos professores da (...)"</p>	<p>"(...) no ensino médio sempre foi no masculino porque eu ainda não tinha uma consciência de gênero, não tinha uma consciência de que, aquele gênero que eu estava ocupando foi imposto e não era o que eu queria. Eu fui tendo consciência disso depois que eu passei ensino médio assim passei pro, pelo técnico, eu sou formada em jurídico, e administração técnicos então foi muito em técnicos esse processo esse processo de técnico que eu sofri transfobia (...)"</p> <p>"(...) eu estava fazendo administração ano passado (2018) e foi bem no período que eu estava transicionando porque eu me transicionei ano passado, porque faz um ano, ano que estou transicionando é quer dizer que eu me transicionei é eu lembro que era proibida de usa o banheiro feminino, tinha de me tratar no masculino, mesmo eu pedindo e eles sabendo que eu pedia pra me tratar no feminino (...)"</p> <p>"(...) No tinha aquela questão de me respeitar num corpo de uma mulher eu era sempre visto como uma "coisa feminina" mais não como mulher e já cheguei a sofrer violência institucional da coordenadora com uma professora, então foi um processo bem difícil no técnico, no ensino médio eu não tinha uma consciência,</p>

			eu era tratada como gay né como eu disse a gente sempre questiona nossa sexualidade, então eu achava que eu era gay não achava que eu era mulher entendeu (...)"
<p><b>OBJETIVO 3</b></p> <p><b>- Conhecer como é o convívio dos (as) transexuais que fazem uso do nome social em suas relações sociais.</b></p>	<p>"(...) o constrangimento que é você não se sente confortável, porque você não se reconhece com o nome que você tem (...)." "</p> <p>"(...) a irmã fala a cada um de um jeito é bixa é Ronald é tudo então , ai não sei , falo pra ela que essas são as formas carinhosas da família chama- lá..."</p> <p>"(...) Ela diz que é que não liga não (risos). A é Normal ( risos) (...)" "</p>	<p>"(...) é normal, pergunto se todos o chamam pelo seu nome social ele me diz que sim (...)"</p> <p>"(...) com a família, sobre esse assunto do nome social. Bom é mais ou menos, minha mãe diz que entende, mas outra hora ela fala que não consegue entender é meio bipolar (...)"</p> <p>"(...) mas tem hora que ela não consegue compreender e ele concorda que sim (...)"</p>	<p>"(...) como meus vizinhos é bem fechado né, eu não tenho convívio muito aberto com meus vizinhos. Eu sempre morei desde criança na mesma casa é eu não tenho contato muito íntimos com meus vizinhos (...)"</p> <p>"(...) E com os meus amigos eu sempre tenho amigos é que entendem do meu processo, que entendem o que eu passo (...)"</p> <p>"(...) eu sempre preferi estar com pessoas trans, porque pessoas trans entendem pessoas trans. Então meus roles são sempre com pessoas trans, minhas melhores amigas são pessoas trans, porque nos vamos se compreendendo, nos vamos se proteger sabe a gente sempre vai fazer a questão de se ver como família mesmo sabe. A gente se mesmo com família a gente é muito unida, a gente é muito unida uma a outra (...)"</p>

## APÊNDICE C

### Entrevista na íntegra com os participantes

#### Entrevista Rayane

**1- Qual seu nome, idade, nível de escolaridade?**

Eu posso falar agora né, depois você vai escrever né, falo que ela pode falar, que caso apareça algo que ela quer que eu oculte depois é só ela me falar, com, por exemplo, o nome de alguém. Ela diz que tá bom; aqui você só vai gravar mesmo né, digo que sim porque se depois eu não vou conseguir gravar na cabeça tudo que ela me disser (risos).

Me chamo Rayane da Silva Camilo Rosa, tenho 20 anos ensino médio completo, Rayane fala baixinho esqueci é a data de nas (risos). Pergunto se ela pretende dar continuidade nos seus estudos? A fazer cursos que eu tenho vontade só, pergunto curso do que ela tem vontade de fazer, ela me diz que de secretaria, digo que é bem legal que eu já fiz (risos). Ela me pergunta onde eu fiz, falo que na época eu fiz na [Escola do centro da cidade] ela fala que quer fazer de secretaria, a só pra andar maquiada, toda arrumada de salto, é (risos), tem uma vaga em [um cidade vizinha], eu estava lá ontem se acredita, mais só agora meu irmão viu, mais enfim; digo pra ela que vá dar tudo certo.

**2- Como sua família se dirige a você, pelo seu nome de registro ou pelo nome social? Como é a relação entre sua família e você sobre esse assunto?**

Irmã como que minha família dirige meu nome (risos) a irmã fala a cada um de um jeito é bixa é Ronald é tudo então , ai não sei , falo pra ela que essas são as formas carinhosas da família chama- lá. Ela diz que é que não liga não (risos). A é Normal (risos)

**3- Como é o seu convívio sociais, com amigos, vizinhos?**

A é tudo tranquilo também aqui é tudo louco (risos) brinco com ela que família boa é família louca, ela concorda comigo e diz que é bem isso mesmo (risos) Se não for louca nossa senhora(risos) falo que é verdade mesmo.

**4- Quando você estava no ensino fundamental ou médio como você lidava com essa situação do seu nome de registro civil (“de batismo”)? Como era a relação dos colegas, professores e outros funcionários da escola com você?**

Não, quando eu tava... ai eu não me lembro. Pergunto se eles sempre a chamaram de Rayane, ela de que não, pergunto com que idade mais ou menos que eles começaram a chama- lá de Rayane? A o povo começou a me chamar de Rayane, foi com 12 anos foi no comecinho que eu virei trans mesmo foi com 12 anos; comecei a usar roupa de mulher, deixei o cabelo crescer ai desde dai que foi

começando então faz 10 anos. Ai de 15 agora de agosto fez 10 anos que eu virei , digo pra ela nossa que legal, antes disso então eles te chamavam pelo seu nome de batismo ela me diz que sim. Nossa quando foi acontecer essas coisas de eu ser trans, foi quando eu estava na 8° serie aqui no Aroldo, que uma supervisora lá veio querer falar as coisa pra mim que eu não podia usar o banheiro de mulher, que eu tinha que usar o de homem porque eu era homem. Mais ai minha foi lá deu bafo dai mudou tudo, mais foi só nisso que foi uma mulher ainda só. Falo que nessa época as pessoas não sabiam muito bem o que era o Nome Social, como agora é um Decreto de lei, se você se intitula mulher você e mulher, você pode usar o banheiro feminino, ela concorda comigo (risos) digo que ainda bem que agora temos uma lei pra isso, ela fala pior mesmo, graças a Deus.

**5- Como você pensa que seria sua vida escolar se já existisse o Decreto referente ao Nome Social?**

Seria diferente né seria tudo melhor (criança chorando) concordo com ela (risos) digo que seria mais confortável, ela diz sim realmente seria né imagina, eu pequenininha andando de mulher(risos) imagina(risos) falo que geralmente que passa pelas situações sabem o constrangimento que é você não se sente confortável, porque você não se reconhece com o nome que você tem. Rayane me diz a tipo assim hoje eu nunca fui chamada de o viadinho, assim sempre quando eu saio com as minhas amigas sempre tem um ou outro que fala mais eu não ligo sabe pra mim eu quero que se dane, eu digo pra ela que isso é bom que ela não se importe com o que falam, não se sente mal por isso. A teve uma vez que eu estava indo trabalhar lá ali pela Madame Curie ai o menino passou e falou assim pra mim a sataná, eu gloria a Deus, aleluia (risos) falei pra ele bem assim (risos) eu fui trabalhar nem liguei imagina, falei a esta certíssima(risos).

**6- Qual seu objetivo ao aceitar participar dessa entrevista?**

Você tinha algum objetivo quando aceitou participar da minha entrevista ou aceitou porque achou interessante? Rayane me diz que gostou porque poderia falar da sua vida (risos)

**7- Qual o nome pelo o qual você realmente se reconhece?**

Ai Rayane, sempre Rayane (risos) eu escolhi Rayane por causa do Ray o apelido eu acho legal esse apelido Ray, concordo com ela e digo que é realmente um apelido bonito (gritos choro de criança).

**8- Como você se sente quando alguém te chama pelo seu nome de registro?**

Nem respondo falo que eu não conheço, falo que o Ronald morreu há 10 anos atrás, ela diz que nem liga quando os familiares a chamam pelo nome de batismo, pergunto se isso não incomoda ela diz que não. Mais assim se alguém da rua me chamar sim, pergunto se ai ela se sente mal, Rayane me diz que sim, mais quando é o pessoal de casa ela diz que não. Pergunto se o pessoal da vizinhança e as pessoas que ela conhece se todo mundo sabe que o nome dela é Rayane? A todo mundo sabe mais alguns chamam de Ronald sabe, eu fico nervosa (risos) mais eu não ligo assim, que vai ser difícil mesmo até, eu mudei meu nome faz o que nem dois meses ainda ai então é difícil o povo né sabe começar chamar Rayane. Porque o povo é viu eu crescendo com um nome ai do nada muda é difícil. Depende da

pessoa, tem pessoa que esquece mesmo, falo que às vezes a pessoa pode falar sem querer, ela concorda e diz que tem pessoas que falam de propósito também.

**9- Como você se vê como pessoa transexual?**

Ai eu me sinto maravilhosa(risos) ai muito linda, muito maravilhosa, eu sou trans e tipo eu não sou igual as outras, trans sabe eu sou feliz, sabe eu não penso pra falar pra fazer as coisa eu vou nos lugares eu vou entrar no banheiro de mulher porque eu sou mulher, sabe e isso(risos). Falo pra ela que esta certa de se impor se é mulher tem que usar o banheiro feminino mesmo.

**10- Qual a importância do Nome Social na sua vida?**

Ai meu Deus eu não sei, pergunto seu o Nome Social trouxe a ela mais visibilidade, ele te trouxe mais possibilidades te abriu mais portas? Rayane diz ai eu não sei(risos) ai não sei o que dizer, posso pular. Digo que sim, Rayane fala a então pula amiga (risos).

**11- O que você pensa do Decreto que dispõe sobre o uso do nome social?**

Ai tudo né, tudo porque tipo eu vou chegar em um lugar, tipo igual uma vez, estava trabalhando no Burger King ainda, chegou um homem lá e falou pra minha amiga assim é, que isso daí? Isso dai no é nem mulher, ai eu escute lá de dentro e voltei, falei assim, moço, esperai o que eu falei pra ele mesmo ai não lembro direito o que eu falei, disse que eu podia ferrar com a vida dele olha pra você ver eu louca( risos) falei ai moço você sabia que agora tem uma lei, uma lei que defende a gente, olhei pra ele e falei a achei que você sabia, falei mais alguma coisa, que eu não lembro porque faz tempo já, falei alguma coisa assim, mais é bom. Falo pra ela que eu também não sabia muito, sobre o Decreto, eu sabia que existia o nome social, que as pessoas trans faziam uso, mais ao certo eu não sabia como funcionava. Falo pra ela sobre minha experiência de estagio na Santa Casa de Lorena, no Serviço Social, eu percebi que os (as) transexuais não procuram muito o Sistema Único de Saúde-SUS, eu não sei pelo fato de sentirem algum constrangimento, tem um pouco de vergonha, mais a maioria não procura. Quando eu estava lá por coincidência teve um caso, uma mulher trans que foi lá, eu não sei mais acho que as recepcionistas (os) estão no automático que a recepcionista faz a ficha como não estão olhando pra pessoa, faz ali, mais não tem aquele cuidado em repara nos detalhes, por na própria ficha bem em cima tem um campo escrito Nome Social, se você chega lá você esta vestida de homem e apresenta a identidade que esta com um no de mulher, não eu chamar a pessoa e perguntar com ela quer que a chame, Rayane concorda comigo a é mesmo. Falei porque nem sempre a pessoa trans fez a troca de nome na identidade. Ai cabe a que esta atendendo a pessoa perguntar com ela gostaria de ser chamada, porque tem pessoas que não tem problemas com isso, que tanto faz se a chamarem pelo no de batismo ou o Nome Social, a pessoa e tão dona de si e da sua identidade que pra ela isso não tem nada demais. Rayane me diz que tem uma amiga que se chama [nome da amiga] [apelido da amiga Dani] [amiga] ela é homem e gosta que chama de [apelido da amiga Dani] mesmo, falo pra ela esta vendo tem pessoas que não ligam. Rayane me fala que chama sua amiga de [apelido da amiga Niel, Daniel] (risos) ela não liga. Continuo falando sobre a minha experiência, que comecei a perceber que eram raras as vezes que iam trans no hospital, que eles (elas) ficam muito constrangidas (os) como isso porque as recepcionistas não perguntavam, Rayane me diz que nunca perguntaram pra ela sobre como que ela gostaria, de ser chamada. Falei pra ela que não sei se os(as) trans tinham vergonha mais eles(elas) também não falavam. Ai quando a enfermeira

da triagem chamava para o atendimento, estava lá a pessoa travestida de mulher, e ela chamava “por exemplo” João, a pessoa ela nem se mexe. Rayane me fala e eu querida aconteceu isso uma vez comigo já, fui lá e falei é Rayane ta moça pra chamar. Ai uma vez chamou Ronald menina, Ronald todo mundo procurando o Ronald né, brinco com ela e falo a o Ronald foi embora (risos). Eu fiquei paradíssima, não fui só que dai depois não chama mais né, eu disse não mesmo, ai eu fui à recepção de novo ai já era uma amiga minha que estava lá a [amiga] não sei se você conhece ela, digo que conheço sim, a [amiga] Rayane me fala então era ela ai mandei mensagem pra ela no whats; falei miga chamou eu, mais é Rayane não é Ronald, imagina, dai ela foi lá falou ai chamou, e ficou todo mundo procurando Ronald assim olhando(risos) e eu nem ai, imagina eu sou Rayane (risos) digo pra ela que está certa em fazer isso é direto dela, ser chamada como se reconhece. Falei que aconteceu isso dai eu sai da onde eu estava conversei com a moça, pedi desculpa pela falta de atenção das meninas que não vai mais acontecer, pergunto como ela gostaria de ser chamada, pra que eu colocasse na ficha de atendimento dela, que a partir daquele momento ela ia ser chamada pelo nome, o qual ela faz uso, dai resolvemos tudo. Eu estava vendo uma entrevista onde os trans falam que não procuram muito o SUS porque eles não são respeitados com transexuais. Se a pessoa tá lá vestida de homem, e me eu uma identidade com nome de mulher é obvio que eu vou perguntar como ela gostaria de ser chamada. Rayane me fala que todas as vezes que foi no hospital assim, sempre fui tratada como mulher, teve até um vez que eu fui lá(risos) com muita dor na barriga dai eu fui lá um médica, veio apertando assim, ai ela pediu pra mim abrir a calça e abaixou menina e foi abaixando ai eu falei ai misericórdia senhor(risos) ai não minto antes ela perguntou um monte coisas pra mim. É qual foi ultima menstruação sua (risos) ela falou pra mim, ai eu falei assim moça [médica] eu não menstruo eu não sou mulher, ela falou assim pra mim serio (chocada) sabe que eu nem percebi, nem olhei aqui na ficha de atendimento, nessa época meu nome nem era Rayane ainda. Estava lá meu nome ai entre parênteses Rayane que dai eles colocaram na recepção, a médica nossa eu nem percebi, desculpa, Rayane fala que acha que a mulher não acreditou, ela começo a apertar minha barriga, abaixando a mão e apertando minha barriga, ela não acreditou. E tipo todas as vezes que vou lá eu sou atendida por mulher. Esse dias fui na [loja da cidade vizinha] em [cidade vizinha] tinha uma bixa moreninha lá dai menina a bixa estava, lá em cima, não estava lá em baixo e eu subia a escada rolante ai a bixa foi também, ela ficou olhando, ai eu desci a bixa desceu também e ficou me olhando ai eu falei ai esses povo que fica olhando pa virei joguei o cabelo e sai andando. Mais sempre fui respeitada, nunca fui desrespeitada em nenhum lugar que eu fui. Até baile que eu fui com RG de Ronald, que baile tem que levar RG né, falei assim não olha a foto, por favor, tá nem o nome só olha a idade (pessoas conversando no fundo); falava assim e entrava normal, todo lugar que fui sempre fui respeitada. Desde quando eu tinha cabelinho curtinho que eu ainda era um viadinho entrava no banheiro de mulher sempre, sempre, sempre.

## **12- Você se sente respeitado como pessoa transexual?**

Por mim não mais pela minha amiga, um dia nos estávamos na casa dela o irmão dela policial fardado, chegou e foi e falou pra ela assim o que esses viadada esta fazendo dentro minha casa, foi e falou viadada, só que eu sou mulher eu não sou viado então, eu falo pra ela você nem sentiu ela fala que nela nem doeu, ai eu falei pra minha amiga assim você não pode deixar acontecer isso não, porque ele é seu irmão e por ele trabalhar na policia ele tinha que te respeitar e muito ainda( pessoas

conversando no fundo) Rayane me fala que ela nem ligou pra isso e que as outras que estavam lá também não, falei. Falo pra ela que bom, que nem uma de vocês se sentiu ofendida e nem ligaram para o que ele disse. Rayane disse que falou pra amiga, imagina querida, só que eu fiquei mal por ela, mais por mim não, imagina eu sou mulher. Falo que ela está certa por isso.

**13- O uso do nome social trouxe algum benefício para você?**

A, não (risos). Pergunto nenhum benefício (risos) a trouxe o que tipo...(silencio) a tipo quando eu vou em lugar vai pegar algum documento, algum nome eu vou dar e vai ser Rayane é isso. Pergunto se é só na questão do nome por enquanto que trouxe algo de bom, ela diz que sim, e com relação a eu sei respeitada como mulher.

**14- Como você se sente em relação ao atendimento médico quando precisa?**

É excelente pra mim é sempre foi desde antes deu mudar o nome, e agora também, sempre foi um arraso (risos) tem isso ai também essa pergunta, digo que sim (risos)

**15- Como é para você como transexual passar por alguma consulta ou realizar algum procedimento médico?**

(Silencio) A eu faço todos, não ligo pra mim é normal, só assim uma vez eu estava com muita dor, assim sabe ai eu falei eu não vou no médico, (palmas) vou ficar com dor mais eu não vou, porque eu tenho vergonha, imagina se for mulher pior ainda, homem imagina a não vai (risos) não aceito é isso (pessoas conversando no fundo), falei ai babado. Pergunto pra ela se no caso coisas de preconceito discriminação assim você nunca teve, Rayane diz não nunca tive (criança falando). Rayane você se sente feliz, realizada, ai muito (risos) vou me sentir mais realizada ainda quando colocar meu peito (palmas) (risos) não vejo a hora, digo ai que arraso, ela me fala é meu sonho menina, era pra mim ter posto em abril, mais ai aconteceu de uma amiga minha morrer; dai minha família ficou com medo deu ir por, começaram falar na minha cabeça, por fim eu não fui nada por o meu peito, mais eu vou por; Se Deus quiser. E eu estou sentindo que até outubro vou arrumar um serviço, estou sentindo. Digo pra ela que se Deus quiser vai dar tudo certo. E eu vou por meu peito eu vou (risos).

Pergunto se ela gostaria de falar mais alguma coisa, contar algo que não tenha dito, ela me diz ai eu não sei nada (risos) ( pessoas conversando no fundo) Nossa até que era bem legal as suas perguntas, né eu concordo com ela, ela finaliza dizendo nossa gente. Finalizo agradecendo Rayane por ter aceitado participar da minha entrevista, que a participação dela foi fundamental, se os meus entrevistados nada disso poderia acontecer.

## Entrevista Aryan

### **1-Qual seu nome, idade, nível de escolaridade?**

Meu nome é Aryan, fiz o ensino médio completo e tenho 18 anos. Pergunto se está estudando agora ou fazendo alguma outra coisa, ele me fala que está fazendo curso, pergunto qual curso ele faz, Aryan me fala que faz curso de informática; informática avançada. Brinco com ele e falo nossa que legal dou valor pra quem faz curso de informática, falo que eu sou péssima de informática, que até gosto mais, mas não sei lidar (Risos).

### **2-Como sua família se dirige a você, pelo seu nome de registro ou pelo nome social? Como é a relação entre sua família e você sobre esse assunto?**

Ele me diz que às vezes pelo de registro e às vezes pelo nome social. Pergunto pra ele se se sente constrangido quando o chamam pelo nome de registro? Ele diz que se sente constrangido sim, pergunto se ele prefere apenas que o chamem pelo nome social, se é esse nome que ele usa para tudo. E ele me diz que sim. Perguntei com é a relação dele com a família, sobre esse assunto do nome social. Bom é mais ou menos, minha mãe diz que entende, mas outra hora ela fala que não consegue entender é meio bipolar. Pergunto sua mãe diz que entende, mas tem hora que ela não consegue compreender e ele concorda que sim.

### **3-Como é o seu convívio social, com amigos, vizinho?**

Aryan me diz que é normal, pergunto se todos o chamam pelo seu nome social ele me diz que sim, perguntei se ninguém faz piadinhas coisas desse tipo com ele, ele disse que não, alguma vez eles já te chamaram pelo seu nome de batismo? É antes de falar que eu sou trans não, mais se algum deles do seu convívio dos seus amigos de chamar, você se sentiria mal? Sim eu me sentiria me fala Aryan.

### **4-Quando você estava no ensino fundamental ou médio como você lidava com essa situação do seu nome de registro civil (“de batismo”)? Como era a relação dos colegas, professores e outros funcionários da escola com você?**

Eu ainda não era assumido não, como era a relação dos colegas dos professores da escola com você era normal? Normal, pergunto e depois que você assumiu , falou que você era trans , você já passou a usar o nome? Ele me responde que já, pergunto se ele me escolheu o nome que queria se chamado ele me disse que sim.Quando ele estava finalizando a escola assumiu sua transgeneridade no final do terceiro ano do ensino médio.

### **5- Como você pensa que seria sua vida escolar se já existisse o Decreto referente ao Nome Social?**

Quando eu estava na escola já existia esse negocio de nome social, até tinha, teve uma palestra uma vez na escola falando sobre isso, mas eu ainda não tinha noção que eu era trans, pergunto se ele estava com duvidas sobre sua transgeneridade, ele

diz que sim que estava você pesquisou pra saber como você fez, pra ter uma certeza? Eu conversei com outras pessoas, que são trans, pesquisei, aí que caiu minha ficha. Pergunto se foi nesse momento que ele teve compreensão que era trans, ele diz que é.

**6- Qual seu objetivo ao aceitar participar dessa entrevista?**

A meu objetivo foi poder te ajudar é sei lá (risos) eu pergunto a então foi, mas pra me ajudar mesmo, me dar um apoio, ele sorri e diz que é. Eu agradeço por ele ter aceitado me ajudarnesse trabalho, seguimos com a entrevista.

**7- Qual o nome pelo o qual você realmente se reconhece?**

**8- Como você se sente quando alguém te chama pelo seu nome de registro?**

**9- Como você se vê como pessoa transexual?** Foram respondidas junto, 7/8/9.

Pergunto por qual nome ele se reconhece pelo nome de batismo ou pelo nome social, ele me diz que pelo nome social somente por ele, pelo de batismo não. Como você se sente quando alguém te chama pelo seu nome de batismo? Me sinto ofendido, quando alguém te chama pelo nome de batismo você fala o que, que não gosta como você age com isso acontece? Eu falo que prefiro que me chame de Aryan mesmo, pergunto se alguém já se opôs contra isso, quando você falou que não gosto que me chamem assim prefiro que me chamem de Aryan mesmo, não Isso nunca me ocorreu não, falou pra ele se todo mundo sempre chama ele do jeito que ele se reconhece, que é assim que tem que ser, sempre chamando ele de Aryan ele me diz que sim.

**10- Qual a importância do Nome Social na sua vida?**

A é (silencio)... É importante (silencio) pergunto se é importante pra tudo na vida dele o uso do nome social, se como ele se reconhece com pessoa trans é como ele tem mais dignidade sendo chamado do jeito que se reconhece, Aryan fico quietinho, brinco com ele e falo voce é meio tímido Aryan, ele diz que sim, falei estou percebendo está todo tímido aí, meio tenso (risos) falo que ele pode ficar tranquilo (risos)

**11- O que você pensa do Decreto que dispõe sobre o uso do nome social?**

O que você pensa desse Decreto, você ache que ele foi bom, que não foi, que esta dando mais visibilidade, se ele esta conseguindo se sobressai, com está sendo pra você? A está sendo importante né, não só pra mim, mas pra outras pessoas também, falo pra ele que o nome social traz dignidade aos trans que não, se reconhecem pelo seu nome de batismo, as vezes nem pelo fato de ser trans, mas a gente tem um nome que as vezes mãe da gente coloca pelo fato de achar bonito, que nos não gostamos, e pensamos na possibilidade de querer tocar (risos) Aryan me fala a é verdade.

**12- Você se sente respeitado como pessoa transexual?**

Sinto, eu pergunto se pelos amigos, familiares. É pelos amigos sim, os lugares que eu vou sim, só e casa assim que é meio complicado ainda, pergunto se em casa ainda está difícil a situação ele diz que sim. Mas você já tentou conversar com seus pais sobre o assunto, Aryan me diz que já, pergunto se não deu certo. A até deu na hora, mas depois que passou o calor do momento...

### **13- O uso do nome social trouxe algum benefício para você?**

Trouxe... Pergunto se ele saberia me dizer quais benefícios te trouxe? A é um direito meu né, pergunto se ele se sentiu melhor com isso, é mais reconhecido. Quando assim você precisa de algum atendimento médico você vai com facilidade ou isso te causar constrangimento, vergonha por alguma coisa? Me sinto meio constrangido mas eu , sempre falo meu nome social, tipo em todos lugares que eu vou eu falo meu nome social, dai a pessoa fala que vai respeitar meu o nome social.

### **14- Como você se sente em relação ao atendimento médico quando precisa?**

Foram respondidas juntas 14/15

### **15- Como é para você como transexual passar por alguma consulta ou realizar algum procedimento médico?**

Aryan me diz que em seus documentos nenhum possui o Nome Social, eu pergunto se ele sempre fala que tem nome social e para chama-lo dessa forma ele me diz que sim. Ou em algum outro lugar, pelo fato de alguém não respeitar seu Nome Social? A até que as pessoas me respeitam, pergunto se ninguém faz piadinhas bobas ou ofensivas? Não, você já passou por uma situação desse tipo? De alguém querer te tirar do serio por isso? Não, e seus amigos eles te respeitam bastante então? Sim respeitam, digo pra ele que esse respeito que as pessoas ao redor e aonde ele vai é muito bom. Pergunto se na casa dele ele acha que vai pode rolar de tentar conversar de novo? A até vai, mas, acho que está no começo, ainda é meio complicado, pra eles entenderem. Tento distrair o ambiente falando que os pais são, mas difícil de entender as coisas que os filhos querem (risos) Nos queremos uma coisa e nos pais podem querer outra, nem, que nem sempre ambos os lados se entendem. Ele concorda comigo. Mas a convivência de vocês é boa? A até que é eles te respeitam? Sim respeitam, pergunto se é só ele e os pais? Aryan me fala que tem um irmãozinho de sete anos, falo pra ele que pela idade do irmão ele não compreende ainda o que está acontecendo nesse processo de transição do irmão, ele fala alguma coisa sobre você está mudando ele pergunta algo? Não ele fala, tipo ele fala a o Aryan é menino né, dai minha mãe não sabe o que responder, ai eu falou eu sou [irmão], menino ai ele fala a eu já sabia. Falo pra ele que isso é bom que o irmãozinho já entenda e respeite assim ele já cresce entendendo que ele é um homem, que é dessa forma como ele se reconhece, ele me diz que sim, falo pra ele se isso é bom pra ele, Aryan me diz que sim que pra ele isso é muito bom. Pergunto se ele gostaria de acrescentar alguma coisa, ou até mesmo contar alguma experiência que tenha passado em relação ao uso do Nome Social, (silencio) Aryan me diz que acho que não, brinco com ele você esta meio tímido Aryan você enrolar perguntar mais um pouquinho pra ver se ele se solta um pouco, ele sorri. Pergunto se ele pretende ter alguma formação academia seja ela qual for ou quer seguir no ramo da informática, ele me fala que pretende fazer medicina veterinária, digo pra ele que é uma profissão muito legal, bem bacana (risos) brinco com ele que quando ele estiver formado vou procura ló pra atender meus cachorros e vou chegar perguntando se ele se lembra de mim que, ele participou da minha pesquisa que foi uma ótima pessoa comigo. Aryan me fala que pretende abrir uma ONG para resgatar animais, digo pra ele que isso é muita legal essa consciência que ele tem em relação aos animais, pois é tão ruim o que as pessoas têm feitos com os animais nesses últimos tempos, o abandono, maus tratos etc... Que são uns bichinhos que não fazem mal pra ninguém, ele me fala vai entender né o porquê as pessoas fazem isso. Falo que o ser humano nos últimos tempos anda muito estranho não é

verdade? Ele concordada comigo, fala sobre o desafeto das pessoas nos dias atuais está mais rancorosa, que antigamente isso não era assim, que não víamos tantos animais abandonados, até mesmo o abandona de crianças, que isso também está se agravando muito. Finalizo a nossa entrevista agradecendo Aryan por ter aceitado participar desse esse grande desafio comigo, pergunto se ele quer falar mais alguma coisa. Ele me diz, bom agora não tenho nada em mente não. Eu digo que sem problemas e finalizo agradeço por aceitar participar da minha pesquisa, ele também agradece pelo convite e finalizo a entrevista.

## **Entrevista Ariel:**

### **1-Qual seu nome, idade, nível de escolaridade?**

Ariel dos Santos Vieira tenho 21 anos, segundo grau completo.

### **2-Como sua família se dirige a você, pelo seu nome de registro ou pelo nome social? Como é a relação entre sua família e você sobre esse assunto?**

É na verdade no meu processo eu meio retifiquei meu nome, então é que no caso o meu nome Ariel foi o meu nome de batismo, eu só mudei no caso o nome composto que eu tinha, eu tirei esse nome composto e mantive Ariel. Porém as pessoas não tem dificuldades de me chamar de Ariel, tem a dificuldade de me tratar no feminino porque a nomenclatura meu nome Ariel é um nome unissex, então ele é sempre acompanhado pelo (o) ou (a), então as pessoas tem dificuldade de me tratar no feminino, mas em quesito nomes, não posso por isso, por alguns perrengues assim, digo que acho o nome Ariel muito bonito (risos) (uma criança abre a porta). Sobre a questão da minha transgeneralidade, bom eu lembro que foi mais difícil, no começo é pra mim falar na verdade, eu com minha mãe tivemos uma relação muito sólida, porque todo processo de uma pessoa trans primeiro passa por um processo de sua sexualidade ser questionada então a gente e sempre acha que é a nossa sexualidade nunca nosso gênero né, a gente sempre vai questionar nossa sexualidade. Então quando eu comecei a questionar a minha sexualidade porque eu gostava de homens e socialmente eu era visto como um e depois eu fui questionar meus papéis com tipo, eu não ocupo um papel de homem na sociedade, eu ocupo de mulher porque eu sou uma mulher. E então foi mais tranquilo eles aceitarem o meu gênero né, porque eu também já tinha passado por um outro processo, eu tinha 20 anos então eu já tinha uma cabeça mais madura, já sabia mais o que eu queria, e também eu lembro que quando eu fui falar pra minha mãe, a gente estava deitada na cama e ela ficou tranquila só falou, vou tentar te tratar no feminino porque eu vejo que a dificuldade que minha família tem de me tratar no feminino, não é por preconceito é sim pelo não é costume mais é aquela idealização que eles tiveram desde criança, então eu vejo que a minha mãe ela se esforça muito em me tratar no feminino, ela me reconhece muito como mulher ela reconhece muito meu papel como mulher. Mas ainda tem uma dificuldade nesse processo em me tratar no feminino.

### **3-Como é o seu convívio social, com amigos, vizinho?**

É como meus vizinhos é bem fechado né, eu não tenho convívio muito aberto com meus vizinhos. Eu sempre morei desde criança na mesma casa é eu não tenho contato muito íntimos com meus vizinhos, tem um contato de respeito eu por eu também não ficar circulando no meu bairro, sempre que eu circulo é pra poder sair dele, pra ir pras zonas mais centrais da cidade. E com os meus amigos eu sempre tenho amigos é que entendem do meu processo, que entendem o que eu passo. É lógico que uma vez ou outra tenho que fazer aquele papel chato de corrigir de ter

que chamar a atenção, ter que explicar porque aquela piada não é engraçada, por que aquela piada é transfóbica e ai acaba ficando um pouco sendo exaustivo. Falo pra ela que quem faz a piada não te a noção da gravidade do impacto que tem na vida do outro (a) Ariel concorda e me fala que a pessoa não imagina como ela atingi nossos corpos entendeu e então é tipo uma relação de conversa sempre. Tanto com a minha família como com os meus amigos, com os meus vizinhos eu acho que independente não tem essa relação tipo, eles não tem isso de me tratar porque eu não tenho conversa, não tem dialogo sabe, não tem um meio de contato.

**4-Quando você estava no ensino fundamental ou médio como você lidava com essa situação do seu nome de registro civil (“de batismo”)? Como era a relação dos colegas, professores e outros funcionários da escola com você?**

**5-Como você pensa que seria sua vida escolar se já existisse o Decreto referente ao Nome Social?** Foram respondidas junto, 4/5.

Falo pra ela, apesar de que seu nome já é Ariel ela fala é meu nome sempre foi Ariel, pergunto se eles já a tratavam no feminino ou masculino? Ariel me fala então no ensino médio sempre foi no masculino porque eu ainda não tinha uma consciência de gênero, não tinha uma consciência de que, aquele gênero que eu estava ocupando foi imposto e não era o que eu queria. Eu fui tendo consciência disso depois que eu passei ensino médio assim passei pro, pelo técnico, eu sou formada em jurídico, e administração técnicos então foi muito em técnicos esse processo esse processo de técnico que eu sofri transfobia. Me lembro assim eu estava fazendo administração ano passado (2018) e foi bem no período que eu estava transicionando porque eu me transicionei ano passado, porque faz um ano, ano que estou transicionando é quer dizer que eu me transicionei é eu lembro que era proibida de usa o banheiro feminino, tinha de me tratar no masculino, mesmo eu pedindo e eles sabendo que eu pedia pra me tratar no feminino. No tinha aquela questão de me respeitar num corpo de uma mulher eu era sempre visto como uma “coisa feminina” mais não como mulher e já cheguei a sofrer violência institucional da coordenadora com uma professora, então foi um processo bem difícil no técnico, no ensino médio eu não tinha uma consciência, eu era tratada como gay né como eu disse a gente sempre questiona nossa sexualidade, então eu achava que eu era gay não achava que eu era mulher entendeu. Então eu sofri esse preconceito de homofobia né, aqueles preconceitos de homofobia as piadas as brincadeiras é sempre tentavam me diminuir. É ai quando eu fui entender que meu processo era de gênero e não sexualidade ai mudou o papel né de homofobia pra transfobia e ainda dentro de espaços acadêmicos né. Instituições acadêmicas ainda se vê uma dificuldade muito grande de lidar com um corpo trans. Porque é um corpo que é marginalizado é um corpo que não foi criado para ser visto dentro desses espaços, então quando a gente vê uma travesti uma mulher trans ocupando esses espaços a gente começa a, quer dizer a gente não as pessoas cis começam a ficar desconfortáveis com a presença. Por quê? Porque é um corpo que foi marginalizado e corpo que é marginalizado não pode vir chegar a ser o corpo que vai ser institucionalizado entendeu. Falo pra ela que nossa sociedade esta muito acostumada com aquilo que nos foi imposto, como nasceu homem tem que ser homem, nasceu mulher tem que ser mulher, mas nem sempre a pessoa que nasceu homem se reconhece como homem ou como mulher. Ariel fala é porque a gente fala que isso é designação de gênero né a gente nasce, e quando a gente nasce já é designado um gênero né nos imposto um gênero e a gente vai nascer com aquele viés, com aquela educação e até a gente ter uma consciência de se questionar,

sobre isso. É lógico que quando eu pego pra refletir, sobre a minha infância eu reflito que eu tinha muito, papéis que já entregavam a minha situação de gênero sabe. E eu lembro que desde criança eu sempre quis ser uma garota, eu sempre me imaginava sendo uma menina eu sempre queria usar vestido, eu sempre queria ter coisa de menina, sabe então infelizmente separando patronizando o que é de menino o que é de menina. Eu lembro quando eu entrei na adolescência que daí eu comecei a ver a sexualidade aí começavam atacar a minha sexualidade. Porque um corpo, o meu corpo eu sempre fui feminina assim, sempre tive um aspecto muito afeminado, mais eu ainda era vista como um corpo masculino, um corpo de homem, como que um corpo de homem pode não ser dito homem. Então comecei a questionar minha sexualidade pra até então ter um consciência que nunca foi minha sexualidade e sempre foi meu gênero, aí eu comecei a lidar com isso. Pergunto como era a relação dela com os colegas, funcionários da escola e professores? É bem difícil é eu acho que no técnico né, falando do técnico que foi um processo de transição, de ser uma mulher trans, foi muito difícil porque eu lembro que eu tinha começado o técnico e foi um dia assim, eu cheguei em uma amiga minha porque eu só tinha ela, eu tinha poucos amigos e não eram da minha sala. Eu tinha uma relação muito difícil, muito dificultada com a minha sala eu lembro que eu cheguei na minha amiga e falei assim; eu acho que eu, eu falei pra ela eu sou trans. E aí né peguei todo mundo de surpresa, porque até então eu era um corpo não binário, eu já era um corpo trans, mais eu era um corpo trans não binário, daqui a pouco eu venho reivindicando uma binaridade, reivindicando uma mulheridade então eu falei pra ela eu sou mulher. E aí pega todo mundo de surpresa né e eu lembro que a minha amiga ela (abriram a porta) me ajudou nesse processo sabe me dando apoio, me dando estrutura, (telefone tocando) ficando do meu lado, porque eu passei por muitos perrengues porque começou a entrar o período de eleição. E querendo ou não essa eleição foi uma eleição que mostrou muito o preconceito que ainda se tem no Brasil. Falou que realmente o preconceito é enorme. Ariel me fala que isso mostrou muito quem são os alvos desse preconceito, então a gente vê muita fala racista, muitas falas transfóbicas e como que isso é legitimado como que isso é justificado e nunca é barrado nunca foi proibido. Eu sempre que uma vez eu passei por uma situação que uma sala, eu sou formada em jurídico, mais depois que eu me formei em jurídico eu fiz administração. E tinha uma sala do jurídico, enquanto eu já estava fazendo administração, se reuniu e abriu uma discussão se eu podia ou não usar o banheiro feminino. E eu não estava presente nessa sala. Falo pra ela que se já que eles estão tratando dela, nada melhor do que ela estar presente na discussão, ela como a maior interessada tinha que estar presente. Ariel me fala que eles trataram de um direito dela, de um assunto que só me interfere (reação de espanto) em uma aula e isso foi dado como natural; como se fosse natural. Aí eu lembro que eu fui chamada na coordenação e eu estava sendo interrogada, porque eu estava usando o banheiro feminino. Falo pra ela mais se ela é feminina, se reconhece como uma mulher ela vai usar o banheiro feminino. Ela me diz que sim pois ela se reconhece como uma mulher, aí eu lembro que eu tive que me defender de uma advogada e de uma coordenadora da instituição (silêncio) e eu sai de lá arrasada eu fiquei muito mal psicologicamente, muito péssima aí eu tive que correr atrás de Nome Social porque até então, eu tinha que é o Nome Social garante o uso do banheiro feminino, como eu não tinha o uso do Nome Social, eu tive que usar por um tempo eu fiquei usando o Nome Social, eu mudei meu sobrenome, eu fiquei por um tempo usando um sobrenome pra ter esse viés de ser um Nome Social. Então eu tinha Ariel (sobrenome) como nome civil e Ariel Gonçalves dos Santos como o

Nome Social. Até então em fevereiro desse ano fui fazer a retificação do meu nome e foi aonde eu tirei um nome composto que eu tinha que era um nome composto masculino, e deixei Ariel dos Santos Vieira. E mudei o sexo de masculino pra feminino então a escola foi obrigada, a ter que mudar o sexto tema e reconhecer como um corpo feminino dentro daquele espaço. E eu lembro que é a coordenadora chegou e falou assim, bom agora pelo menos se alguém vier questionar porque você está usando o banheiro feminino tem como a gente comprovar né, eu olhei pra cara dela assim e falei; você não tem que comprovar nada professora, falo para ela que não tem que comprovar nada, que era mais fácil a coordenadora chegar direto nela e falar o que estava se passando, olha Ariel está acontecendo isso assim, vamos ver o que precisa pra gente regularizar isso, pra evitar problemas pra você e pronto. Ariel me fala que ela a coordenadora só queria que ela comprovasse para as pessoas, com um papel legal sabe, eles precisavam de uma coisa legal, que me tornasse mulher. É uma coisa que quando uma pessoa trans passa é isso. A gente só é reconhecida dentro do nosso dentro da nossa identidade, a partir do momento que a gente tem algo legal, nos ajudando, legal de lei mesmo. Falo que parece que já nos rotulam que isso é horrível, ela concorda comigo.

#### **6-Qual seu objetivo ao aceitar participar dessa entrevista?**

Eu acho que é uma coisa que eu estava conversando hoje com a minha amiga trans, que é sobre um processo que a gente se preocupa muito, quando uma pessoa cis ela vai falar de pessoas trans, é a fonte de informações, porque a gente ainda tem muito fonte de informação que não é feita por nos, que são feitas por pessoas cis que usam corpos trans de estudos e não perguntam o que a gente acha daquilo. Então eu acho muito interessante quando uma pessoa cis e é importante quando uma pessoa cis vai estudar um corpo trans, não é estudada não, é interessante quando uma pessoa cis, ajudar no processo de uma pessoa trans, com uma pessoa trans. Entendeu, porque infelizmente a gente ainda não tem esse, não temos pessoas ocupando esses espaços de pesquisadores. A gente não tem corpos trans ocupando espaço de pesquisadores, então a gente ainda tem e precisa de pessoas cis, que são pesquisadores e querem nos ajudar entendeu, então é importante isso é a base de informação sabe passar a informação correta porque a gente ainda tem muitas desinformações que são válidas que são dadas e as pessoas não vão atrás pra poder ver se aquilo é real. Falo pra ela que sempre que estou pesquisando, porque sobre esse assunto livros são bem poucos, eu sempre quando encontro alguma coisa em sites, página eu sempre pergunto pra minha professora se é seguro se o site ou página é confiável, pra que eu não coloque informações sem procedência no meu trabalho. Minha professora sempre diz pra não pegar informações [nome site] porque não é confiável. Comento com Ariel que achei uma página que é escrita por um (uma) trans que vou mandar pra ela dar uma olhada, pois é bem interessante que é direcionada para esclarecer certas dúvidas de algumas pessoas que não entendem qual a diferença entre as nomenclaturas usadas pelos (as) trans. Falo pra ela que como pesquisadora, estudei bastante sobre o assunto, porque era algo novo pra mim também, mais que nada do que perguntar para uma pessoa trans que entende melhor e está por dentro desse assunto. Ariel concorda comigo e me fala que isso é entra no lugar de fala assim, por exemplo, como que eu vou falar da vivência daquela pessoa, se aquela pessoa não me contar a vivência dela, não posso simplesmente imaginar o que ela passa o que ela sofre o que ela quer mudar, entendeu. Eu falo pra ela que a gente imagina, mas não sabe ao certo, só quem passou que sabe, qual é o processo, o que machuca, o que

magoa, qual é a transformação dela, a gente que esta de fora, a gente vê, mais não compreende, Ariel concorda comigo e me fala que a pessoa só consegue compreender a partir do momento, que a gente começa a escutar, então é interessante, tem isso, eu quero estudar sobre isso e eu vou escutar pessoas que sabem sobre isso entende, diga pra ela que nada melhor do que quem entende escutar quem realmente sabe falar sobre isso, ela concorda comigo.

### **7-Qual o nome pelo o qual você realmente se reconhece**

Só como Ariel mesmo, ela me diz que sim.

### **8-Como você se sente quando alguém te chama pelo seu nome de registro?**

Quando a pessoa me trata no masculino, quando usam meu nome me tratando no masculino, eu pergunto se quando o chamam de "o Ariel" ela me diz que sim. Eu é uma coisa que a gente conversa muito, sobre o intencional, e o não intencional é a gente que é trans a gente sempre esta andando na defensiva e a gente é vista pelo sociedade com pessoas raivosas, porque? Porque a gente sempre está se defendendo, sempre esta atacando quem está nos atacando, então se quando uma pessoa vem gritando no masculino, eu sempre vejo se é intencional ou se não é intencional. E mesmo não compreendendo pela identidade que eu faço eu sempre procuro estar mais próxima possível de uma leitura feminina, pra pessoa pra poder, ela entender. É Exaustivo isso é horrível mais é uma coisa que a gente faz, a gente busca deixar a leitura fácil. Então quando uma pessoa vem me tratando no masculino, eu sempre tento compreender o porquê da pessoa ter me chamado assim. Às vezes é porque a pessoa me conhecia antes e não sabe da minha transição, porque minha transição é nova tem um ano só ou as vezes a pessoa esta com mesmo dificuldade de uma leitura de uma compreensão, então eu sempre tento procurar se é intencional ou não antes de ir até a pessoa sabe. E ai quando é intencional eu tento é, eu tento rebater nela, o porquê dela estar fazendo isso, tentando mostrar pra ela o quanto isso é errado. Mas sendo intencional ou não sendo eu fico muito mal, porque é muito difícil pra gente né enquanto um corpo que transgredi normas é passar por essas situações. Então fico muito mal porque eu me sinto eu fico me sentindo culpada sabe, porque parece que eu não estou me sentindo, eu não sou mulher suficiente para ser reconhecida como mulher e isso não é uma culpa que vem de mim isso não é uma coisa que vem de mim sabe. É uma coisa que colocam em mim, então eu acabo ficando mal, mais eu acabo lidando tentando não soar raivosa né, tentando soar pacifica pra poder explicar pra aquela pessoa que eu sou uma mulher, que meu nome é de uma mulher e que eu preciso que ela tenha uma leitura sobre isso e que ela me trate sobre isso. Então a partir do momento que eu falo pra pessoa eu sou uma mulher meu nome é de uma mulher, e a pessoa volta a me chamar no masculino ai o problema está na pessoa e ela precisa mudar entendeu ai já não é mais comigo porque tudo que u podia eu fiz; eu já falei eu sou uma mulher já exige o respeito já exige o meu direito de ser tratada como mulher. Digo pra Ariel que entendi e compreende perfeitamente, falo que quando, que já tinha ouvido falar do nome social, mas era aquela coisa bem artificialzão mesmo, que eu sabia que tinha mais não que era decreto nem nada. Que quando eu fui fazer estágio na [nome de instituição do estágio] aconteceu de chegar uma trans e ela estava com problemas seríssimos de saúde ai a companheira dela fez a ficha, a recepcionista fez a ficha anotou os dados, mais como na identidade constava apenas o nome de batismo, dela na hora que a enfermeira da triagem chamou, chamou nome de homem, como ela chamou varias vez pelo nome e nada da pessoa aparecer, pensei comigo quem será esse né. Que

chama, chama e ninguém aparece, dai eu fui pra outro setor do hospital resolver umas coisas e depois voltei, dai quando eu vi, perguntei se elas as recepcionistas tinham perguntado se aquela moça fazia uso do Nome Social, ela me disseram que nem prestaram atenção nisso, porque elas ficam ali tão mecânicas, tão no automático que acabam nem olhando pra cara da pessoa, mais esses são exceção nem todas são assim, mais enfim terminando a minha fala elas pegam a identidade faz a ficha e já devolvem, dai elas me falaram a gente nem prestou a atenção nisso, eu ainda falei nossa meninas um erro gravíssimo esse, Ariel concorda comigo, dai eu peguei a abri a porta sai fui até a mulher me abaixei do lado dela, pedi desculpas pelo que aconteceu, e perguntei como ela gostaria de ser chamada, que as meninas não prestaram atenção, não que tenho sido indelicadeza delas, que não ia acontecer mais, que estava me desculpando por elas, que ela podia me passar o Nome Social dela que eu iria anotar na ficha para a chamarem pelo seu nome correto. Falei que ia pedir pra enfermeira chama- lá novamente pelo nome que a corresponde, ela foi super educada me passou o Nome Social dela e anotei o porteiro até passou um marca texto, ela disse que ela entendia e desculpava mais que pedia pra que isso não acontecesse mais, eu falei pra ela que de coração eu também espero que isso não aconteça mais nem com ela e nem ninguém. Ariel me fala que a questão como o Nome Social é eu vejo muito nas minhas amigas trans e meu amigos trans né que o Nome Social é ele é muito banalizado dentro da sociedade porque “por exemplo” ele nunca vem em primeiro, sendo que é uma coisa que a gente pede né, por exemplo, assim catão do SUS o nome que mais se destaca é o nome civil e não o Nome Social e quando você vira o cartão do SUS atrás miudinho está escrito Nome Social ou Apelido entendeu. Falo pra ela que na maioria das vezes da vezes as pessoas nem olham atrás do cartão, que deveria ser ao contrario o uso dos nomes o Social Na frente destacado porque é como a pessoa quer ser chamada e o civil atrás. Ariel me fala que quando a pessoa é chamada, a partir de um momento que eu reivindico um direito de ter o Nome Social, eu já estou dizendo é assim que eu quero que me chame é assim que eu quero que me reconheça, e dai não quando a gente tem um prontuário é o nome civil depois o Nome Social. E a primeira coisa é automática que as pessoas olham é o Nome Civil porque é ele que vai chamar atenção ele que esta em primeiro, sendo que é o Nome Social que tem que vier em primeiro, porque é por ele que a pessoa vai ser pedida, é por ele que eu vou chamar a pessoa, é por ele que eu vou me relacionar com as pessoas, sabe. E o Nome Social ele dá uma abertura muito grande de ajudar na compreensão da identidade daquela pessoa, entendeu que a partir do momento que ela tem o Nome Social nos seus documentos, a partir do momento que é perguntado pra ela como ela quer ser chamada entendeu. Mais ainda é muito banalizado na sociedade pelos próprios documentos por que seu Nome Social que é diminuído ele não é destacado, falo pra ela que isso deveria ser ao contrario. Ai falo pra ela o que eu fiz na situação que presencie no campo de estagio, anote o nome social da moça peguei aquelas marca texto passei deixei bem marcado mesmo, e ainda falei agora quero ver se as pessoas não vão ver aqui grifado como a pessoa quer ser chamada, não é possível, falar que não esta vendo. Falei ainda pra menina que elas tem que prestar a muita atenção, porque a pessoa acaba indo embora, porque isso pra ela é um constrangimento ser chamada pelo Nome Civil. Por que por ela se não fosse problema nenhum ela não daria seu Nome Social, andava normal e deixaria que a chamasse pelo seu nome de batismo. Ariel me fala que isso é um constrangimento muito grande, porque é desestimar a nossa identidade, e quando... eu já passei por essa situação com uma amiga minha né a agente estava sentadas e conversando

assim, dentro de um [Órgão da cidade] e a minha amiga ela nunca, nunca falou o nome dela civil a gente fala o nome morto[nome de batismo] (risos) ela nunca falou o nome morta pra pessoas, ela sempre falou o Nome dela o Social que tanto que é o nome dela de retificação e veio um cara do nada e chamou ela pelo nome morto dela, ai a gente levantou na hora, na hora a gente ocupou o papel que é nos dando de ser raivosa, e a gente perguntou pra ele assim, quando da onde você tirou que você pode, tratar ela assim, sabe tratar ela por esse nome, sendo que desde o primeiro dia que você conheceu ela, sempre foi dado um nome só pra você. Mais é isso que acontecesse com a gente, quando eles reconhecem algo pra nos deslegitimar algo pra nos ferir eles usam pra nos atacar entendeu. Porque o nosso corpo ele é atacado 24 horas nosso corpos é atacado é alvo, porque a gente e visto como uma anormalidade uma coisa que transgride um padrão ético de normas é um corpo marginalizado é um corpo que sempre que possível vai ser excluído.

### **9-Como você se vê como pessoa transexual?**

Bom eu (silencio) a gente brinca que a gente é o apocalipse da sociedade (risos) a gente fala que o apocalipse, ele vem pra destruir e renovar né porque depois do apocalipse, vem a nova Jerusalém e a gente brinca que a gente é o apocalipse né que a gente veio pra mudar nosso sistema e eu me sinto revolucionaria, sabe eu sinto que qualquer ação minha é uma ação de revolução, qualquer espaço que eu entro eu falo esse espaço também é meu. Qualquer espaço que reivindico, qualquer coisa que é me negado eu fui, que me ensinaram que não é feito pra mim, não eu falo é meu sim, eu pego pra mim, eu me sinto assim revolucionaria. Revolucionando então me sinto assim como uma pessoa trans, eu estou revolucionando aos poucos o meu redor, pra então depois, pessoas trans revolucionar o mundo sabe. E é muito gratificante e é muito exaustivo esse processo porque eu sempre gosto de conversar, como pessoas que não entende sobre processo de transgeneralidade, porque eu me sinto educadora, sabe educando essas pessoas. Tanto é que eu tenho um projeto, que chama Programa Transceder e esse projeto ele faz rodas de conversas, que são rodas de conversas para se reeducar questões de respeito, sobre identidade sabe, por que a gente tem noções de respeito, a gente precisa se reeducar, porque a gente vive em um país que a educação é o ódio. Começa por ai então a gente entra nesse processo, fazendo um papel de sendo educadora sabe, de estar educando e também de aprender, porque as vezes eu também aprendo porque a gente é tras e a gente não tem um padrão pra ser trans a gente tem vários tipos de corpos trans, a gente tem vários tipos de corpos de pessoas não binarias, de pessoas travestis, então eu aprendo sabe, porque a gente trás no bioma né aquela questão aquela ideia padrão, do que o corpo , o corpo assim, o que um homem tem que ser e o que a mulher tem que ser. Ai chega à pessoa trans sendo vários tipos de mulheres, sendo vários tipos de homem e você fica assim, como assim entendeu. Porque tipo você vê mulheres trans, que não querem se hormonizar, que estão tranquilas, e reivindicam um corpo dela com aquilo, a gente tem uma ideia de super-reivindicar as de dita eu sou uma mulher, e minha genital é uma genital de mulher, então meu pênis e um pênis de mulher, e a gente ve homens trans que reivindicam suas genitálias minha vagina é uma vagina de homem. Então a gente veio pra mudar o sistema sabe então eu me sinto muito transgressora mesmo, sabe transgredir mesmo de todas as formas. Diga para Ariel que fiquei arrepiada com sua fala, (risos).

### **10-Qual a importância do Nome Social na sua vida?**

O nome ele é muito importante porque ele me da abertura de realmente ser quem eu sou então ele é muito importante. Porque por exemplo assim, esse nome que me deram quando eu nasci não é um nome que eu quero, pra ser sabe por que o nome ser, quando eu falo meu nome é esse e quando eu falo eu sou essa, eu quero ser isso, então o nome tem muito poder o nome é muito importante então quando eu venho e reivindico meu no nome não é o Ariel meu nome é a Ariel, eu estou reivindicando muitas coisas, que desde que meu processo de criação foram coisas, que me foram proibidas, sabe foram coisa que não foram me dadas então ele, é um processo muito disso. De me dar o direito de ser quem eu quero ser, de me dar abertura para ser essa pessoa e de me dar o direito de exigir que me respeitem, a partir disso sabe. Então ele tem um papel muito importante sabe o nome tem um papel muito importante, porque quando a gente muda o nosso nome, quando a gente faz retificação dos nossos nomes a gente nasce de novo, a gente nasce completamente diferente sabe, e a gente se torna nossas mães, a gente se torna nossos pais, a gente se torna únicos, porque a gente começa entender que a gente esta nascendo e muitos dos nossos processos a gente acaba fazendo sozinha porque eu não tenho mais o apoio total da minha família sabe. Eu não tenho, não eu me torno um pessoa totalmente independente e é muito importante isso porque, o processo de independência de um corpo trans sabe, de entender. A gente carece muito de afetividade, a gente precisa entender que a gente também tem que ser sozinhas, e ser inteiras sozinhas. Falo para Ariel que esta sendo um grande aprendizado para mim, que estou aprendendo muito, mesmo (risos).

### **11-O que você pensa do Decreto que dispõe sobre o uso do nome social?**

Eu acho que esse Decreto ele tem que ser, revisado de novo ele é um Decreto muito bom, né porque ele dá o direito de uma pessoa com 16 anos fazer uso do seu Nome Social, sem a permissão dos pais, acho que isso é uma coisa muito importante, e mais ele ainda é um Decreto que ele tem que ser muito validado, e eu tenho muito medo que futuramente ele seja barrado sabe. Então a gente tem que dar muita importância pra esse Decreto, a gente tem que falar mais desse Decreto, a gente tem que ensinar esse Decreto, ensinar as pessoas que elas tem direito de falar; opa isso não é pra mim, aquilo é pra mim. Então acho que ele tem que ser mais visto e eu acho que ele tem que ser um pouco mais melhorado sabe, tipo ele tem que nos dar mais garantia ele tem que nos dar mais direito ele tem que, tinha que ser uma Lei na verdade. Concordo com ela que realmente tinha que ser uma lei. Ariel me fala que isso daria mais peso, que tem um peso maior na sociedade, porque a sociedade só funciona a base de lei, infelizmente. Digo pra ela que é verdade que nossa sociedade é homofóbica, transfóbica, racista, preconceituosa, Ariel concorda comigo e diz que nossa sociedade só vai pra frente quando ela é punida, concordo com ela. Falo pra ela que pra todos que eu falo quando me perguntam, qual é meu tema de TG e eu falo, Nome Social, a pessoa fala não sei, eu já falo esperai que eu tenho aqui no celular deixa eu te mostrar então (risos). A é isso daqui ó, ai a pessoa fala nossa eu nem sabia que era isso, ai eu falo esta sabendo agora (risos). E falo pra pessoas pesquisarem porque é muito interessante. Ariel fala que é importante que é uma coisa que até a gente brinca, quando pessoas trans falam para pessoas cis, é cis são pessoas transfóbicas, ai pessoas cis, o que é cis?(risos) é tipo as pessoas não sabiam o que é cis, porque a gente tem uma desinformação muito grande sabe, existe, tem uma desinformação muito grande, de identidades porque a gente cresce achando que só tem uma sexualidade, só tem dois tipos de gêneros e pronto sabe e acabou. E não quando a gente tem vários tipos de gêneros, a gente tem vários tipos

de sexualidade, e a gente até se perde porque são muitas informações. Concordo com ela e falo que são muitos tipos mesmo. E tem pessoas que não, que ficam na sua bolha, ficam ali naquela caixinha mesmo delas. Falo pra ela que em casa a minha mãe sempre ensinou a gente, as vezes a gente via um casal de gays na rua, ai me minha mãe falava, explicava com era e que nos tínhamos que respeitar as pessoas independente de suas escolhas. Eles são dois homens que se gostam, que vivem juntos se respeitando, que cabe a nós respeitar porque as pessoas já tem enraizado essa mania de quando vê. logo fala eu não gosto, e isso não cabe a nos gostar ou não, se você não gosta, ok beleza, mais respeita as pessoas, o respeito é primordial. Ariel concorda comigo e me diz que uma questão que ela fala muito, é o respeito, respeito é o primórdio é a base de tudo, eu tenho os meus viés eu tenho minhas ideologias ponto, as pessoas tem que respeitar o corpo, do outro eu tenho que respeitar o espaço do outro, porque eu tenho meu espaço e a pessoa tem o espaço dela. Eu tenho as minhas culturas, eu tenho as minhas ideologias e as pessoas tem as delas entendeu, e a gente não respeita espaço, a gente não respeita corpos, é uma coisa de a sociedade invade muito nossos corpos, a sociedade invade muito as nossas vidas, invade muito nossos espaços. Falo que a sociedade impõe aqueles padrões e é aquilo que tem que ser, Ariel concorda e me fala que quando a gente vem e fala esse corpo é meu esse espaço é meu esse direito é meu, a gente é lida e dada como raivosa, agressiva. Disse para ela que sempre falo, brinco com a minha professora e orientadora [nome da professora] as eu falo professora do céu e se eu avançar em alguém qualquer dia depois de formada (risos) falo que eu fico muito brava com o desrespeito das pessoas e falo mais gente não a nenhum de nos julgar as escolhas e decisão das pessoas bastam à gente respeita e ponto final, acabou você vivendo na sua vida e a pessoa na dela, Ariel concorda comigo e diz que basta ter respeito. Comento com Ariel que não gosto daquelas piadinhas, não gosto de brincadeiras, eu já fico muito brava, falo pra ele que as vezes saio com um primo meu e o namorado dele, e na maioria das vezes saímos nos três eu ando no meio dos dois, dou o braço pra eles, as vezes você esta passando, algumas pessoas jogam piadinha, Ariel me fala aff, digo que eu viro pra pessoa e falo o que, falou com a gente, ai ele me fala que quando fazemos isso somos dadas como raivosas também ao defender alguém. Que quando questionamos alguém sobre isso que tipo, eu falo que eu sou dessas que não tem paciência pra esse tipo de sarcasmos, piadinhas, Ariel me fala que ela é dessas e ela também, chega a ser muito raivosa mesmo, tipo de ser um pouco preocupante. Porque quando você é uma mulher trans ou travesti os homens, eles te vêm como, porque eles veem a gente como objeto sexual, a gente é muito, toda mulher independente de ser trans ou não é vista como um objeto sexual, mais corpos trans são vistos como fetiche, porque nosso corpo é fetichizado, homem quer usar nosso corpo pra poder, sarcir o fetiche dele, pra sarcir o desejo dele na moita, na calada da noite. E muitos desses processos eles não respeitam, nosso processo como mulher, eles são nos usam realmente com objetos. E ai quando vem um homem me assediar na rua, eu não baixo a cabeça pra aquele assedio não, eu acabo no meio da rua parando gritando, socando carro, então a gente é vista muito como raivosa porque, eu sei que se eu for parar numa delegacia eu vou ser a culpada entendeu. Minha roupa vai ser julgada, me gênero vai ser desestimado, então eu prefiro fazer uma justiça né com a minha mão com a minha boca eu discuto eu brigo, eu grito, mais eu não saio dali deixando, eu não saio dali deixando ele achar que ele pode fazer aquilo. Eu falo pra ela que eu também não consigo ficar quieta diante de situações assim, que minha professora [nome da professora] sempre fala que temos

que sempre manter a calma e tentar conversar, que eu sempre brinco com ela que tem coisas, que não se resolvem na conversa é só na base do grito (risos). Ariel me fala que é uma coisa que a amiga dela sempre fala é uma poesia que ela fala porque eu deveria estar raivosa, ai ela fala todos os viés que nos deixam raivosas e termina falando, mais porque eu deveria estar raivosa (barulho de telefone tocando) (risos). Ariel me fala que tem muitas coisas que nos irritam, concordo com ela e digo que realmente tem muitas coisas que nos irritam.

## **12-Você se sente respeitado como pessoa transexual?**

**13-O uso do nome social trouxe algum benefício para você?** Foram respondidas junto, 12/13.

(Silencio), depende do espaço. Falo pra ela se quando ela está em uma balada, por exemplo, ela me fala que depende da balada, pergunto se ela costuma frequentar baladas. Ariel me fala que não mais, pergunto se não vai a balada de nenhum tipo, ela me diz que nem hetero, nem LGBT, nem LGBT por que a própria comunidade LGBT não compreende uma mulher trans, mais eu parei de frequentar baladas, por questões mesmo processos pessoas, de tipo é um espaço legal mais não é um espaço eu prefiro esta em uma social com meus amigos, em uma festa com meus amigos do que estar em um espaço cheio de gente que não vai saber lidar com meu corpo, cheio de gente que vai vim invadir meu corpo, e na balada hetero é uma balada que toda mulher trans é sempre mais desrespeitada por homens, ele vem dando e cima de mim, mais ai depois eles percebem que eu sou uma mulher trans, eles se sentem agredidos e ele querem me violentar por isso, como se a culpa fosse minha, deles, sabem é que aquilo ai eu não percebi que você era trans, mais o que é isso de perceber que a pessoa era trans. Tipo não entendi né então eles veem me veem eles se sentem atraídos e quando eles chegam perto, ou quando alguém fala eles se sentem agredidos e querem revidar essa agressão. Falo pra ela e como aquela mulher trans fica nessa historia não é ela a agredida? (risos) Ariel me fala então né, e ai nos falamos que isso é muito contraditório. Ariel me fala que ela fica primeiro eu não dei em cima de você, segundo eu nem te olhei, primeiro eu estava dançando sozinha, você veio até mim, você deu em cima de mim, lide com os seus problemas longe de mim que não são meus. Então eu parei de ir porque eu sempre tinha que ficar brigando, e sempre tinha que ficar escutando ai se meus amigos não tivessem aqui eu ficava com você, ai vamos sair daqui e ficar num lugar mais tranquilo. Sendo que eu nunca fui pra esses lugares, pra esses espaços, tanto baladas, LGBT tanto balada hetero pra beijar na boca, eu sempre fui pra me divertir com meus amigos, então eu sempre ia com as minhas amigas e sempre era legal porque a gente ficava na fila, se divertindo, chegava dançava juntas, quando eu saio com as minhas amigas a gente tem, um pacto nunca ir ao banheiro sozinha, nunca, nunca ficar sozinha porque é questão de proteção, de um proteger a outra, e eu sempre saio com meninas trans, porque meninas tras entende meninas trans. Eu sai com algumas minhas que são cis e elas não me compreenderam porque no meio da balada eu começo a chorar de raiva, porque no meio da balada eu começo a ficar irritada, porque eu começo a gritar com os caras, porque eu paro e fico olhando de cabeça baixa porque eu não quero olha pra ninguém. E ai elas acham que eu estou me boicotando, que é isso que é aquilo, que eu sempre, que ficam me culpando, eu falo assim não são culpas minhas, então eu sempre preferi estar com pessoas trans, porque pessoas trans entendem pessoas trans. Então meus roles são sempre com pessoas trans, minhas melhores amigas são pessoas trans, porque nos vamos se compreendendo, nos vamos se proteger sabe a gente sempre vai fazer a questão de

se ver como família mesmo sabe. A gente se mesmo com família a gente é muito unida, a gente é muito unida uma a outra, e tem muito essa questão da sororidade dentro do movimento trans sabe tem muito de disso de tipo, uma vamos segurar a mão de uma da outra mesmo sabe por que quando a gente vai pro movimento feminista, tem muito feminista que é radical, e nos exclui desse movimento, então a gente precisa do nosso espaço juntamente se uni então é essa união sabe, então é complicado, se sentir respeitado dependendo do espaço. Tipo eu chego em um espaço aonde ninguém me conhece, eu preciso exigir o respeito né, então eu preciso fazer coisas que vão fazer com que eles me respeitem, mais tem espaços que eu chego, que automaticamente tem uma pessoa que vai me desrespeitar por que ela quer. E isso é muito complicada, então, essa questão de eu me sentir respeitada, depende muito do espaço, depende muita da pessoa, mais eu sempre exijo que me respeite. Pergunto se ela costuma frequentar algum barzinho? Ariel me fala que não que é mais social com amigos em casa, mais barzinho depende do barzinho, sabe. Falo pra ela que às vezes em casa a gente está tão bem, que chama os amigos pra se reunir, a vem pra cá todo mundo (risos) a gente vê um filme, a gente come, a gente conversa. Ariel me fala que quando a mulher é trans ela evita ir pra lugares, a gente se boicota em muitos casos, a gente evita muito sair porque a gente sabe que é sempre vai sofrer algum tipo de preconceito. Então a gente se boicota muito, por isso aquele lugar de tipo, eu comecei a lutar agora, por coisas que sempre me disseram que não era pra mim sabe. E dentro desse processo são espaços, que sempre me disseram esse espaço não é pra você esse espaço não foi feito pro seu corpo, esse espaço não te comporta, e eu falo não esse espaço vai me comportar, eu vou estar ali dentro, entendeu. É tipo uma questão histórica sabe é uma revolução histórica de corpos trans que nos estamos fazendo também, é tipo fazer essa reparação, eles sempre marginalizaram corpos trans, e agora corpos trans estão ocupando esses espaços. Falo pra Ariel que as pessoas marginalizam que julgam, mais na verdade elas nem sabem o que é um (uma) trans. Ariel me fala que ninguém compreende o processo trans, que ninguém quer saber, ninguém estuda, ninguém para pra ver o processo trans, a gente vai pelo o que é dito, pela televisão midiático. Comento com ela que me falaram, nossa você vai fazer esse tema no seu trabalho, com reações de espanto com se fosse algo surreal, que ninguém tem interesse, e eu falo mais eu tenho. E eu já sou alguém eu tenho interesse. Ariel me fala que tem casos de esta chegando a quase 2.000 mil na cidade [nome da cidade] casos de retificação de nome de pessoas trans, como assim ninguém tem interesse. Eu falo pra ela que não sei por que falam que é pra eu falar de outros temas, e eu sempre respondo gente o problema na educação esta aí, olha o governo o que vem fazendo, com esses cortes na educação, nos direitos etc... ela me fala que as pessoas não conhecem por que isso não foi falado pra gente esse. Falo que é um tema que não é muito falado e ele precisa ser mais divulgado, esse tema precisa de visibilidade, precisa ser mais falado, mais mostrado. Ariel me fala que é uma coisa que quando a gente é criança a gente tem medo de travesti por que é nos ensinado a ter medo. Eu dou graças a Deus que a minha mãe e meu pai sempre tiveram esse cuidado, de desde que eu era pequena sempre para nos explicar sobre determinados assuntos, respeita as pessoas, tenha educação, não faça piadinha com os outros, nem por brincadeira, mais assim com os meus primos que te falei, a gente sempre brinca e conversa muito sobre isso, até mesmo ele me falou de você pra eu te convidar pro meu trabalho, falei que uma amiga já tinha nos apresentado e tals. Falei que gostaria muito que você aceitasse meu convite, que eu tinha certeza que eu iria aprender muito com você.

**14- Como você se sente em relação ao atendimento médico quando precisa?**

**15- Como é para você como transexual passar por alguma consulta ou realizar algum procedimento médico?** Foram respondidas junto 14/15.

Esse role de médico é muito, muito, muito complicado, porque a gente ainda tem um viés muito grande biológico e esse viés ele tem que ser desconstruído. Porque a gente tem homens trans e esses homens trans eles engravidam, então a maternidade não é uma coisa só de mulheres, a gente tem homens trans que menstruam, então ginecologistas não é uma coisa só de mulheres, e a gente tem muitos processos disso porque, é dado caracteres de biologia, então é muito complicado quando eu vou ao médico, e o meu corpo é trans né. Mais ele quer dar o meu corpo como biologicamente masculino, não meu corpo é de uma mulher, meu corpo biologicamente é um corpo feminino e ponto. Lide com isso, lide que o corpo de uma mulher com pau. Há um corpo feminino com pau, há um corpo masculino com vagina, e então a gente tem um sistema muito genitalista. E muito cisgênero, então é muito complicado ir no médico por causa disso, por que daí tem um formulário e no formulário esta escrito ali. A mulher você menstruou, qual seu período de menstruação, você está sentido dores, tem cólica e etc... Ai pros homens você fez teste de próstata tipo assim, ta calma etc.. perguntas desse tipo. Ariel me fala que não responde o de homem porque ela não é um homem, mais o de mulher eu não menstruo então a gente precisa desconstruir esse sistema pra caber corpos, a gente tem que entender biologia com corpo e não com masculino e feminino. A gente tem que ver com corpo, a gente tem um corpo à gente vai lidar com aquele corpo, mais não infelizmente não é assim. Então é muito complicado ir em médico, porque daí eu tenho que ir, eu na fono esses dias, eu faço fono porque eu tenho, não sei você reparou eu tenho um dificuldade de encontro consonantal, as vezes eu troco, fala pra ela que o papo está tão bom que não reparei nisso. Ela me fala que depois quando eu for ouvir o áudio eu vou perceber nas minhas falas. Ai comecei a fazer fono, e eu tive que explicar pra fono, olha que absurdo, com isso eu tive que explicar pra minha fono, o processo de pessoas trans, então é muito complicado porque a gente vai no médico e acaba ensinando o médico. Falo pra ela que o processo trans é uma coisa que os médicos deveriam estar cientes ou pelo menos saber o que é. Ariel concorda comigo, e me diz que eles não compreendem é difícil à compreensão, não se fala sobre corpos trans, em estudos da medicina, se fala de corpos masculino e feminino e biologicamente e tals ...em estudos de biologia e sabe, então você não vai falar de um corpo trans, tipo terapia hormonal, o que é terapia hormonal? Sabe ninguém entende o que é terapia hormonal, a o que é a cirurgia de resignação sexual entendeu, ninguém entende o processo, ai você tomar hormônio e é um hormônio anticoncepcional como assim? Sabe as pessoas não compreendem é muito difícil ir no médico sabe é muito difícil porque, então eu vou em médicos específicos, tipo cardiologista, endocrinologista, e assim vai e nunca vou no médico que tipo ginecologista por exemplo, e essa coisa sabe, então é um role que ainda precisa de muita desconstrução, do sistema precisa de muita conversa e infelizmente essa conversa, não é pra hoje não é pra amanhã, é pra daqui 20, 10 anos. Falo pra Ariel que é um caso a se pensar pra incluir uma disciplina nas áreas médicas pra eles possam fazer e melhorar esse atendimento.

Ariel me fala que é importante que tenha uma disciplina na medicina para pessoas trans, porque a gente tá ali. Falo que as vezes o médico estuda, e ele está ali tão acostumado com atendimento de homem e mulher, chega um (uma) tras ele fala mais eu faço o que agora? Pergunto o que, Ariel responde que sim, digo que porque dependendo do jeito que o médico perguntar a pessoa pode se sentir constrangida, ou não daí vai da pessoa e as vezes ela(ele) fica naquela eu pergunto como, eu falo como, eu falo o que Ariel fala que é o primeiro passo que todo mundo tem, como que eu vou lidar, ninguém sabe lidar, ninguém sabe lidar com corpo trans, a gente causa medo, a gente causa pavor, a gente causa nojo, a gente causa raiva, então as pessoas preferem se afastar porque elas não conseguem lidar com isso que são delas, não é nosso é delas entendeu. Falo para ela que o outro sempre vê o problema da gente mais não vê o dele. Ariel me fala que o outro sempre acha que a gente é o problema e não é ele, sendo que ele é o problema, e nos acabamos nos vendo com problema e essas pessoas não a minha terapeuta fala muito pra mim, quando eu falo pra ela que eu sofri alguma situação de preconceito ela fala, mais o problema não é seu o problema é do outro, ele que tem que lidar com aquilo é dele, aquele preconceito é dele, ele que lide porque você não tem que mudar nada. É uma coisa que eu sempre tento lidar comigo não mudar nada para poder agradar o outro, a pessoa que se adeque, ela que lide porque esse problema é dela. Pergunto se Ariel que falar mais alguma coisa, ela me diz que não que, a gente já conversou bem,foi bem legal eu digo que nossa conversa foi excelente, ela me fala que espera que possamos conversar mais sobre esse assuntos, digo que pode deixar. Agradeço ela pela disponibilidade e por ter aceitado participar da minha entrevista, que pra mim foi fundamental a presença não só a dela mais como a de todos participantes,

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, **Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira**, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado: **Como você quer que eu te chame? Nome Social e os estigmas desse processo**, comprometo-me dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A ou da Resolução 466/12).

Em relação à coleta de dados, eu pesquisador responsável, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os Termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, juntos em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 05 anos.

Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me apresentar o relatório final da pesquisa, e os resultados obtidos, quando do seu término ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente que de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido este prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Taubaté, 31 de maio de 2019.

Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

## ANEXO B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do participante

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “**Como você quer que eu te chame? nome social e os estigmas desse processo**”, sob a responsabilidade do pesquisador “**Prof<sup>a</sup> .Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira**”. Nesta pesquisa pretendemos “Conhecer a percepção da dependência de medicamentos que apresentam benzodiazepínicos em sua composição pelos usuários.” por meio de:

- Local onde será realizada a pesquisa: município de Lorena - SP
- População alvo da pesquisa: 3 transexuais
- Instrumento /técnica da pesquisa: entrevista semiestruturada
- **Período de realização da pesquisa** (julho/2019)".

Há **benefícios e riscos** decorrentes de sua participação na pesquisa. Os **benefícios** consistem em “*Pretende-se com este estudo contribuir com a sociedade para que a população participe mais em conselhos e cobrem do governo melhorias nas políticas de saúde existentes, no sentido de prevenção ao uso irracional de medicamentos que apresentam benzodiazepínicos em sua composição*” e os **riscos** “*são mínimos para os participantes envolvidos. Na realização da **Entrevista Semiestruturada com os (as) transexuais**, os **riscos** que poderão ocorrer seriam desconfortos emocionais ao lembrarem de situações traumáticas vivenciadas por eles.*”. Entretanto para evitar que ocorram danos “*serão explicitados aos participantes antes do início da entrevista, os procedimentos éticos previstos para pesquisa com seres humanos - sigilo, anonimato, desistência em responder as questões ou participar da pesquisa a qualquer momento sem retaliação ou constrangimento além de criar um clima acolhedor, sem pressão para responder as questões ou a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento*”. Caso haja algum **dano** ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo “*se necessário haverá um encaminhamento à rede sócio assistencial para o acompanhamento psicológico*” nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

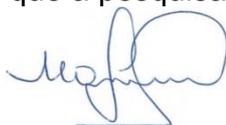
Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se **impresso em duas vias**, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a).

Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone (12-99704-5954 inclusive ligações à cobrar ou e-mail (monica.mnts@uol.com.br).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Rubricas: pesquisador responsável \_\_\_\_\_ participante \_\_\_\_\_

NOME DO PESQUISADOR: Mônica Maria nunes da Trindade Siqueira

Consentimento pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME? NOME SOCIAL E OS ESTIGMAS DESSE PROCESSO”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_ Assinatura do (a) participante

**ANEXO C****Parecer de aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética**



UNITAU - UNIVERSIDADE DE  
TAUBATÉ



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME? NOME SOCIAL E OS ESTIGMAS DESSE PROCESSO

**Pesquisador:** Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 15051219.8.0000.5501

**Instituição Proponente:** Universidade de Taubaté

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.406.955

#### Apresentação do Projeto:

A pesquisa será realizada junto a três (03) transexuais que trabalham município de Lorena, não possuem nenhum vínculo com instituições. Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, buscar-se através das experiências dos participantes transexuais entender quais as dificuldades encontradas pelos (as) transexuais quanto ao descumprimento do Nome Social referente ao Decreto nº 8.727/2016 que dispõe sobre o uso do Nome Social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Os dados serão coletados através de entrevistas semiestruturadas e posteriormente serão analisados e agrupados conforme os objetivos da pesquisa.

#### Objetivo da Pesquisa:

- Conhecer as dificuldades encontradas pelos (as) transexuais quanto ao descumprimento Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016 por parte das instituições e sociedade quanto ao uso do Nome Social.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa atende os preceitos éticos da Resolução 510/16.

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210

**Bairro:** Centro

**CEP:** 12.020-040

**UF:** SP

**Município:** TAUBATE

**Telefone:** (12)3635-1233

**Fax:** (12)3635-1233

**E-mail:** cep@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE  
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 3.406.955

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequadamente apresentados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 14/06/2019, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1370206.pdf	03/06/2019 19:41:57		Aceito
Folha de Rosto	Marina.pdf	03/06/2019 19:38:41	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TCP.pdf	03/06/2019 10:51:34	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	03/06/2019 10:50:36	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Outros	1ROTEIROQUESTOESENTREVISTAMARINAAPENDICEA31maio2019PDF.pdf	01/06/2019 22:00:45	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Cronograma	2CRONOGRAMPLATAFORMABRASILAPENDICEB31maio2019PDF.pdf	01/06/2019 21:56:30	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	5TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDONOVOMARINAANEXOPDF.pdf	01/06/2019 21:52:13	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	0PROJETODETGMARINA31maio2019FINALISSIMOPDF.pdf	01/06/2019 21:50:27	Mônica Maria Nunes da Trindade Siqueira	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210  
Bairro: Centro CEP: 12.020-040  
UF: SP Município: TAUBATE  
Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cep@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE  
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 3.406.955

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

TAUBATE, 24 de Junho de 2019

---

**Assinado por:**  
**José Roberto Cortelli**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210  
**Bairro:** Centro **CEP:** 12.020-040  
**UF:** SP **Município:** TAUBATE  
**Telefone:** (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br



**UNITAU**

Departamento de Serviço Social  
 Rua Visconde do Rio Branco nº22  
 Taubaté – SP CEP: 12020-040  
 Telefone: (12) 3621.8958 FAX: (12) 3621-8958  
 Email: [ssocial.unitau@gmail.com](mailto:ssocial.unitau@gmail.com)

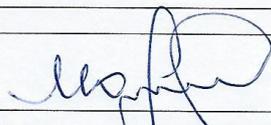
**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL - 2019**  
**TRABALHO DE GRADUAÇÃO**

**PARECER AVALIATIVO**

<b>Título:</b> COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME? Nome Social e os estigmas desse processo	
<b>Estudante:</b> MARINA FRANCICO	
<b>Membro da Banca/CRESS:</b> MÔNICA MARIA NUNES DA TRINDADE SIQUEIRA CRESS Nº 15.853	<b>Categoria:</b> PROFESSOR ORIENTADOR

O tema abordado pela aluna é atual e pertinente para ser refletido no contexto da profissão de Serviço Social. A questão da transexualidade e a população LGBTQ permeada pela questão de gênero transcende para o plano da intervenção do assistente social indo além de uma reflexão meramente teórica, ultrapassando o campo do debate. Falar de acesso aos direitos para os transexuais é trazer a tona a judicialização dos direitos, o preconceito desnudado da classe médica que ao realizar um atendimento clínico é questionado em seu saber quando se depara com um (a) transexual e as questões que se entrelaçam entre gênero e o biológico. Outro aspecto significativo trazido pela aluna são as conquistas da população LGBTQ apontando que a mobilização estratégica e a organização dos movimentos sociais e organizações de sociedade civil voltados para este público são caminhos possíveis e concretos para se alcançar direitos. Ao adentrar no cerne da pesquisa observa-se com clareza que a aluna demonstrou as possibilidades de alcance do Nome Social. É ir além do direito à educação, é desvelar o preconceito estrutural e a discriminação que aparentemente se mostra "natural" em órgãos públicos sejam eles do judiciário ou do executivo. São funcionários públicos que no cumprimento do seu papel de atender um cidadão deixa de cumprir a obrigatoriedade de se inserir o Nome Social do indivíduo em fichas cadastrais e outros similares, seja envolvendo a identificação do indivíduo ou no atendimento propriamente dito quando se chega ao serviço público. A redação final do trabalho de graduação contempla os objetivos da pesquisa. A aluna conseguiu relacionar o objeto de estudo com as categorias analíticas. A bibliografia foi atual e pertinente ao tema. As considerações finais

realizadas pela aluna demonstrou a capacidade de reflexão crítica sobre o tema. Embora a bibliografia seja extensa e atualizada, a linguagem técnica necessita ser aprimorada. Merece destaque as ilustrações do trabalho no que se refere as conquistas da população LGBT. A metodologia utilizada foi adequada aos objetivos da pesquisa. As partes do trabalho se apresentam coerentes entre si. A contribuição do tema para o exercício profissional do assistente social é significativa tanto para um debate mais amplo com toda a sociedade como uma expressão da questão social em si – o Direito ao Nome Social.



Taubaté, 17 de dezembro de 2019

Assistente Social Siqueira  
CRP 12.345  
01/2019



**UNITAU**

Departamento de Serviço Social  
 Rua Visconde do Rio Branco nº22  
 Taubaté – SP CEP: 12020-040  
 Telefone: (12) 3621.8958 FAX: (12) 3621-8958  
 Email: ssocial.unitau@gmail.com

**TRABALHO DE GRADUAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL - 2019**

**PARECER AVALIATIVO**

<b>Título:</b> Como você quer que eu te chame? Nome social e os estigmas desse processo	
<b>Estudante:</b> Marina Francisco	
<b>Membro da Banca/CRESS:</b> 31.198	<b>Categoria:</b> Professora

Para mim é uma alegria partilhar com você Marina este momento tão importante da sua trajetória acadêmica. Hoje você está fechando um ciclo para começar outro como assistente social. Considero que o Trabalho de Graduação exerce um papel essencial no processo de formação dos estudantes do curso de Serviço Social, pois além de ser um momento de síntese e expressão da totalidade do percurso acadêmico é um momento rico de aprendizado, de reflexão crítica e até mesmo de ressignificação de conteúdos e de valores. Assim, percebo que para muitos alunos é um momento de transformação e de condensação de conhecimentos, logo de maturação profissional e pessoal. Neste sentido, certamente esta pesquisa qualificou a formação da Marina, que escolheu uma temática original e pertinente para investigar, trazendo como centro de análise as dificuldades encontradas pelos transexuais quanto ao descumprimento do Decreto nº 8.727/2016 que dispõe sobre o uso do nome social. Em uma reflexão menos atenta poderíamos nos perguntar: mas qual é a importância de pesquisar esse tema "nome social" diante de tantos problemas e mazelas da sociedade contemporânea? Diante do agravamento das expressões da questão social? No entanto, um olhar mais cuidadoso, nos leva a entender que discutir o nome social significa discutir o preconceito e o conservadorismo existente e enraizado na sociedade capitalista. Significa ainda, atentar-se a todo o processo de violência que a população trans sofre cotidianamente no Brasil; o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Além, de nos alertar sobre os ataques que a população trans tem sofrido com as ações atuais do governo Bolsonaro.

No primeiro capítulo aborda sobre o preconceito e a transfobia, denunciando a discriminação ostensiva na sociedade e ao mesmo tempo chamando atenção para a importância do respeito à diversidade humana. Apresenta também neste capítulo termos e conceitos que envolvem a comunidade trans, bem como reflexões sobre o movimento LGBTQ+, suas lutas e conquistas: casamento gay, adoção, a inserção de gays e trans na vida política, cirurgias para mudança de sexo, visibilidade midiática e, nome social.

No segundo capítulo discorre sobre transexualidade e apresenta os desafios que os trans enfrentam, notadamente sobre o processo de violação dos seus direitos sociais. Traz elementos importantes sobre os riscos, vulnerabilidades e opressões vivenciadas, destacando o Decreto nº 8.727/2016 que versa sobre o direito ao nome social.

Para refletir sobre essa legislação/decreto dialoga com os sujeitos de sua pesquisa onde eles vão reiterar a discriminação que vivenciam em todos os espaços: escola, hospitais e mesmo no

ambiente doméstico.

O direito ao uso do nome social é, além do direito de autoafirmação da identidade da pessoa trans uma mediação para sua visibilidade, que por tanto tempo esteve ignorada atrás de um nome que não a representava.

Parabéns pelo seu Trabalho de Graduação. Você atingiu os objetivos propostos em sua pesquisa. Sua produção apresenta rigor acadêmico e científico.

Finalizo minhas considerações com uma poesia trans, de autoria de *Virgínia Guitzel*

***Colorir***

*Faltaré tinta  
No dia que o céu for livre  
Pra todos serem o que são  
Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de opressão  
Faltaré nomes  
Pra descrever o mundo sem as misérias  
O que sentimos, o que nos tornamos  
O novo ser sem medo de viver  
Faltaré a falta que nos entristece  
Que hoje enche o peito de vazio e fumaça  
Não faltaré amor, não faltaré sonhos  
O novo mundo se abrirá para o futuro  
Onde o presente dominará o passado  
E nossos corações enfim serão salvos.*

Sucesso na vida profissional. Seja feliz!!!

Com carinho,  
Profa. Lindamar

**Pontos para revisão e/ou reflexão:**

- Por se tratar de um trabalho acadêmico-científico deve encaminhá-lo para correção ortográfica, bem como para revisão ABNT (citações sem recuo que passaram de três linhas).
- O resumo encontra-se no tempo verbal presente e não se trata de resultados parciais e sim de resultados conclusivos.
- Repetiu itens na página 25 e 26.

*Lindamar*

Taubaté, 17 de dezembro de 2019



Departamento de Serviço Social  
 Rua Visconde do Rio Branco nº22  
 Taubaté – SP CEP.: 12020-040  
 Fone: (12) 3625-4240; Fone/fax: (12) 3621-8958  
[ssocial@unitau.br](mailto:ssocial@unitau.br)

TRABALHO DE GRADUAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL - 2019

PARECER AVALIATIVO

<b>Título:</b> COMO VOCÊ QUER QUE EU TE CHAME: NOME SOCIAL E OS ESTIGMAS DESSE PROCESSO	
<b>Estudante:</b> Marina Francisco	
<b>Membro da Banca:</b> Joyce Maira de Souza <b>CRESS:</b> 51576	<b>Categoria:</b> Profissional convidado

PARECER

A pesquisa apresentada se mostra necessária em tempos de desmonte dos direitos sociais. De fato o nome é a questão mais importante da nossa identificação perante a sociedade. Trazer essa temática para uma discussão no Serviço Social é fundamental, visto que está previsto nos Princípios fundamentais do Código de Ética do Serviço Social um projeto profissional vinculado a uma nova ordem societária. A pesquisa apresenta contextos de sociedade e dados históricos fundamentais para o dialogo e efetivação de políticas publicas para a população LGBTQIA+.

Dentro dos contextos apresentados senti falta dos nomes das Deputadas Estaduais Erika Hilton do Mandato Coletivo do Coletivo Juntas de Pernambuco, Robeyoncé de Lima do Mandato Coletivo da Bancada Ativista de São Paulo e Erika Malunguinho do Psol de São Paulo. O que traz uma contradição dentro do panorama político preocupante de outubro de 2018.

A metodologia de pesquisa qualitativa se apresentada é muito interessante, pois abriu espaço para explanação dos participantes, chegando aos objetivos projetados pela pesquisadora.

Dentro da temática apresentada e as questões que envolvem a questão de gênero nesse país é importante perceber e problematizar que elxs não estão inseridos, nem atendidos pelas políticas públicas em geral. Pensar o panorama político é pensar em leis que viabilizem políticas públicas e leis de proteção a essa população.

No município de Lorena aconteceu durante o ano de 2019 o MAAJU – Movimento de Apoio e Acolhimento a Juventude LGBTQIA+, com rodas de conversa de quinze em quinze dias, as lideranças do grupo vem discutindo sobre a continuidade do Movimento já que a população a ser atendida não adentra as instituições. Uma população invisível, agredida, discriminada que nem mesmo com a lei, conseguem que a população os respeite. Cabe a nós como categoria trazer essa discussão para as universidades e somar formas pela população LGBTQIA+ e durante os atendimentos não romantizar as relações familiares que também causam danos irreversíveis a essa população.

A pesquisa nos convida a buscar, saber onde estão as mulheres e homens trans que não ganham a mídia, realizando trabalhos informais e em casos mais extremos estão na prostituição, como alcançar estes lugares? No município de Lorena aos assassinatos de jovens LGBTQIA+ não aparecem nas estatísticas, pois as famílias não levam os assassinatos como crime de ódio, por medo e por constrangimento.

O olhar do profissional do Serviço Social não somente na Saúde, mas em todos os campos de atuação, uma reflexão que nos convida a rever e avaliar a atuação profissional para que ela de fato seja força em meio ao caos social político que se apresenta.

Este trabalho é necessário para discussão da temática e atendimento a população LGBTQIA+.

- Que nome quer que eu te chame? Pelo nome que escolhi.

Joyce Maira de Souza



Taubaté, 17 de Dezembro de 2019